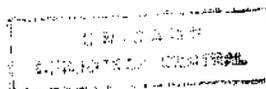


**TRADUÇÃO COMENTADA DE *EL HEROE***

**OBRA DE BALTASAR GRACIÁN**

**Elena Mesa Sandulski Barros**  
**Orientador: Antonio Alcir Bernárdez Pécora**



Elena Mesa Sandulski Barros

**TRADUÇÃO COMENTADA DE *EL HEROE*  
OBRA DE BALTASAR GRACIÁN**

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras na Área de Teoria Literária.

Orientador: Antonio Alcir Bernárdez Pécora

Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem  
1997

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

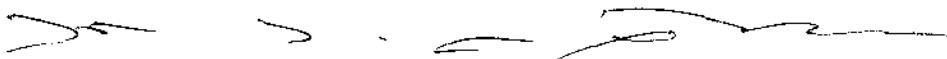
B278t Barros, Elena Mesa Sandulski  
Tradução comentada de El Héroe, obra de  
Baltasar Gracián / Elena Mesa Sandulski Bar-  
ros. -- Campinas, SP: [s.n.], 1997.

Orientador: Antonio Alcir B. Pécora  
Dissertação (mestrado) - Universidade Es-  
tadual de Campinas, Instituto de Estudos da  
Linguagem.

1. Literatura barroca - Espanha. I. Péco-  
ra, Antonio Alcir Bernárdez. II. Universida-  
de Estadual de Campinas. Instituto de Estu-  
dos da Linguagem. III. Título.



Prof. Dr. Antonio Alcir Bernárdez Pécora - Orientador



Prof. Dr. João Adolfo Hansen



Profa. Dra. Miriam Viviana Gárate

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Eleon Mera Sawchulski  
Barros  
e aprovada pela Comissão Julgadora em  
03/03/98.  
Prof. Dr. Antonio Alcir B. Pécora

*À União do Vegetal, escola de heróis verdadeiros.*

## AGRADECIMENTOS

Antonio Alcir Bernárdez Pécora, João Adolfo Hansen, Miriam Viviana Gárate; José Manuel Herrero Massari, Alexandre Soares Carneiro, Edmir Missio; CAPES, Depto. de Teoria Literária IEL-UNICAMP. Alejo Mesa Larrambeberé, Rosita Efrosínea Sandulski Magala de Mesa, Marcio Benchimol Barros, Alicia Mesa Sandulski, Elsa Mesa Sandulski; Lis Perdomo Mesa, Uruguay Perdomo; Esther Benchimol, Agostinho Ribeiro Barros; Francisca Helena Marques, Gisleine Silvana Gasparotto.

*“Quien supo disimular, supo reinar.”*

BALTASAR GRACIÁN, El Discreto.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PRELIMINARES.....	18
<i>3. O HERÓI</i>	
3.1. Primor I: Que o herói pratique incompreensibilidades de cabedal.....	26
3.2. Primor II: Cifrar a vontade.....	30
3.3. Primor III: A maior prenda de um herói.....	34
3.4. Primor IV: Coração de rei.....	39
3.5. Primor V: Gosto relevante.....	42
3.6. Primor VI: Eminência no melhor.....	45
3.7. Primor VII: Excelência de primeiro.....	49
3.8. Primor VIII: Que o herói prefira os empenhos aplausíveis.....	51
3.9. Primor IX: Do quilate rei.....	53
3.10. Primor X: O herói há de sondar sua fortuna ao empenhar-se.....	55
3.11. Primor XI: Que o herói saiba abandonar-se, ganhando com a fortuna.....	59
3.12. Primor XII: Graça das gentes.....	62
3.13. Primor XIII: Do despejo.....	65
3.14. Primor XIV: Do natural império.....	68
3.15. Primor XV: Da simpatia sublime.....	70
3.16. Primor XVI: Renovação de grandeza.....	72
3.17. Primor XVII: Toda prenda sem afetação.....	75
3.18. Primor XVIII: Emulação de idéias.....	77
3.19. Primor XIX: Paradoxo crítico.....	80
3.20. Primor Último e Coroa: Seja a melhor jóia da coroa e fênix das prendas de um herói.....	81
4. BIBLIOGRAFIA.....	86

## RESUMO

Consiste esta “dissertação” em uma tradução para a língua portuguesa de *El Héroe*, primeira obra publicada do jesuíta espanhol Baltasar Gracián (1601-1658), acrescida de introdução e notas.

Divide-se a introdução em três partes, sendo que a primeira corresponde a uma breve cronologia da vida e da obra do autor, a segunda a um comentário específico sobre *El Héroe*, e a terceira a uma apresentação dos critérios que para a tradução foram adotados. Quanto às notas, 267 ao todo, trazem algum esclarecimento a respeito de determinados conceitos de época fundamentais à boa compreensão do texto e também sobre algumas das inúmeras referências históricas que o perpassam.

Data de 1637 a primeira edição de *El Héroe* de que se tem notícia, e de 1639 a segunda. Somente o texto desta segunda edição foi preservado, de modo que esta é a versão da obra cuja tradução aqui apresentamos.

Gracián é autor, também, de *El Político* (1640), *Arte de Ingenio* (1642), *El Discreto* (1646), *Oráculo Manual y Arte de Prudencia* (1647) e *Agudeza y Arte de Ingenio* (1647).

## PALAVRAS-CHAVE

Literatura Barroca / Conceptismo / Espanha

## INTRODUÇÃO

Baltasar Gracián veio ao mundo na pequena vila de Belmonte, comunidade aragonesa de Calatayud. Desconhece-se a data precisa de seu nascimento, mas o registro de seu batismo, consumado a 8 de janeiro de 1601, permite situá-lo satisfatoriamente em algum ponto entre o início desse ano e o fim do anterior.

Era filho de família não ilustre, de moderados recursos. A sua educação foi desde cedo confiada a Antonio Gracián, irmão de seu pai e capelão de Toledo, de modo que ainda em tenra idade passou a habitar aquela cidade, da qual guardaria para sempre gratas recordações. Gracián permaneceu em Toledo até 1619, ano em que foi admitido na Companhia de Jesus e passou a habitar a casa de provação da também aragonesa Tarragona. Em maio de 1621, tendo pronunciado os seus primeiros votos, foi enviado novamente à sua natal Calatayud, onde durante dois anos houve de cursar filosofia. Uma vez terminado o curso, passou a Zaragoza a fim de dar início aos seus estudos de teologia, depois dos quais seria finalmente considerado apto para receber a ordenação sacerdotal.

Estima-se que a ordenação Gracián a tenha recebido em 1627. Após a cerimônia, ele retornou uma vez mais a Calatayud, agora com a incumbência de lecionar gramática latina, tal como era costume que o fizessem os jesuítas recém-ordenados. Há no entanto indícios de que, além de latim, ele tenha ensinado também retórica, embora esta disciplina fosse tradicionalmente ministrada pelos padres mais antigos e experientes da Companhia, o que, evidentemente, denuncia a grande confiança que em seu desempenho e domínio da matéria era depositada.

O terceiro ano de provação, “especie de noviciado que, como última prueba, precedía a la vida pública y apostólica”<sup>1</sup>, ele haveria de passá-lo em Valência, onde, pela primeira vez, pôde experimentar a sensação de receber, de seus irmãos de ofício, uma acolhida nada calorosa. Os colégios de Barcelona e Valência haviam, alguns anos antes,

manifestado grande descontentamento com relação ao surgimento do curso de teologia em Zaragoza, curso esse entre cujos alunos contava o próprio Gracián, e, além do mais, os aragoneses, via de regra, não eram bem quistos pelos valencianos.

Mas, como não estivesse destinado a passar em Valência senão esse seu último ano de provação, já em 1631 viu-se ele transferido para uma nova localidade, Lérida, em cujo colégio passou a lecionar teologia moral ou, como se usava dizer, “lições de casos de consciência”. Em Lérida, Gracián teve a oportunidade de ocupar também o cargo de consultor do reitor e informante do Geral a respeito do desenvolvimento intelectual e da situação econômica do colégio, incumbência das mais honrosas dentro do âmbito da Companhia, a qual, uma vez mais, nos dá uma idéia do alto grau de apreço e consideração em que era tido pelos seus superiores.

Em 1633 Gracián passou a Gandia, onde, ainda como assessor do reitor, recebeu o encargo de lecionar filosofia. No colégio de Gandia, em 1635, fez promessa solene dos votos de pobreza, castidade e obediência irrestrita às normas da Companhia de Jesus. Datam desta época, provavelmente, os primeiros esboços de *El Héroe*.

\*\*\*

Professados os votos, Gracián retornou a Aragão, desta vez para instalar-se, como confessor e pregador, no colégio da Companhia em Huesca. Aguardava-o nesta cidade um acontecimento que viria a ter fundamental importância para a sua obra: trava conhecimento com dom Vincencio Juan de Lastanosa y Baraiz de Vera, homem ilustre e reputado por sua erudição<sup>ii</sup> a cuja casa afluía um não menos erudito círculo aristocrático.

Foi a pedido de Lastanosa que Gracián, em 1637, autorizou a impressão de “El Héroe”. E foi a Lastanosa que, em segunda edição (1639), ele a dedicou. “Por amistad con Lastanosa pudo gozar de las riquezas y cultas conversaciones de aquella casa<sup>iii</sup>, así como de inapreciable amparo para la publicación de algunas de sus obras (...) Junto a Lastanosa y sus amigos pudo sentirse escritor, además de jesuíta. En aquella culta casa sentó los fundamentos de su personalidad literaria, a costa incluso de la religiosa. Nació

así el gran problema de su existencia: lo que en el círculo lastanosino era admirado se convertía, con solos unos pasos en la calle del Coso de Huesca, dentro del colegio de la Compañía en motivo de censura”<sup>iv</sup>.

Gracián, pois, atendendo a pedido de seu amigo, decidiu-se a autorizar a publicação de sua primeira obra. Fê-lo, porém, sob a condição de ocultar sua identidade com um pseudônimo. Pretendia, com tal atitude, precaver-se contra eventuais atritos com a Companhia de Jesus. Tinha ele lá as suas razões para temer a sua desaprovação, pois, embora nada contivesse que fosse contrário à sua doutrina, a obra estava longe de tratar de matéria que lhe fosse afim. Assim é que não somente *El Héroe* mas também *El Político* (1640), *Arte de Ingenio* (1642), *El Discreto* (1646), *Oráculo Manual y Arte de Prudencia* (1647) e *Agudeza y Arte de Ingenio* (1647) trouxeram, em suas portadas originais, não o nome de Baltasar Gracián, mas sim o de “Lorenzo Gracián”, suposto irmão seu.

Não esmiuçaremos aqui a história que subjaz a cada uma destas publicações<sup>v</sup>. Contentamo-nos em declarar simplesmente que, ao autorizá-las sem o devido consentimento da Companhia, Gracián quebrou o seu voto de obediência irrestrita às normas da mesma, e que tal desobediência acabou por ter desagradáveis repercussões futuras.

As maiores complicações viriam a ocorrer após a publicação de sua primeira parte de *El Criticón*, a qual teve lugar em 1651, mesmo ano em que, transferido de Huesca para Zaragoza, Gracián assumia o prestigioso cargo de professor de Escritura que ocuparia quase até o fim de sua vida. Abandonando o seu antigo pseudônimo, ele optou por atribuir a autoria deste novo escrito a um não menos fictício “García de Marlones”. “Este cambio de seudónimo...”, comenta Hoyo, “...ha sido interpretado como un intento mayor de ocultación. Aunque fallida. Pues en su censura, don Antonio de Liperi se refiere a las claras al ‘padre Lorenzo Gracián’ (...) No creo que en la Compañía fuese desconocida, a aquellas alturas, la personalidad del tal Lorenzo Gracián. (...) Con su nuevo seudónimo pretendería solamente acallar recelos, disminuir fundamentos para ellos”<sup>vi</sup>.

Seja como for, o certo é que a situação de Gracián dentro da Companhia foi progressivamente se agravando. Em 1652, o então Geral da ordem, um padre de nome

Goswin Nickel, recebia em Roma sérias queixas contra Gracián. “Avísanme...”, escreve Nickel a Jacinto Piquer, por aquela época provincial interino de Aragão, “...que el padre Baltasar Gracián ha sacado a luz algunos libros poco graves y que desdican mucho de nuestra profesión; y que, en lugar de darle la penitencia que por ello merecía, ha sido premiado, encomendándole la cátedra de Escritura del colegio de Zaragoza. Vuestra Reverencia examine con diligencia si esto es así, tratándolo antes con sus consultores; si averigua es culpado, désele la penitencia que se juzgará ser proporcionada a su culpa.”<sup>vii</sup>

Mas no ano seguinte, indiferente às acusações que lhe eram dirigidas, Gracián, novamente sem a devida autorização, publicava a segunda parte de *El Criticón*. E, para cúmulo de ousadia, com o antigo e já tão desgastado pseudônimo “Lorenzo Gracián”. E decidido estava, ao que parece, a levar sua arrojada empresa até o fim, pois em 1657, apesar do iminente perigo que o ameaçava, teve lugar a impressão da terceira e última parte dessa obra. Ao inteirar-se de tal publicação, Piquer, agora efetivado no provincialato de Aragão, decidiu-se a adotar severas medidas de punição. “Piquer, por su cuenta, sin esperar a la opinión del general, por considerarla semejante a la suya, reprendió públicamente a Gracián, por sus faltas, en el refectorio del colegio, sometiéndole, además, a ayuno de pan y agua, y privándole de la codiciada cátedra de Escritura, y ordenándole que saliese de Zaragoza y fuese a Graus. Al destierro, en fin.”<sup>viii</sup>

Ainda no desterro continuou Gracián a suscitar grandes cuidados à Companhia. De Roma, o Geral Nickel enviava a Piquer novas recomendações: “conviene velar sobre él, mirarle a las manos, visitarle de cuando en cuando su aposento y sus papeles, y no permitirle cosa cerrada en él; y si acaso se le hallase algún papel o escritura contra la Compañía o contra su gobierno compuesta por dicho padre Gracián, Vuestra Reverencia le encierre, y téngale encerrado hasta que esté muy reconocido y reducido. (...) Y no se le permita mientras estuviera, incluso tener papel, pluma ni tinta”.<sup>ix</sup>

Curta foi a estada de Gracián em Graus, pois em abril de 1658 acordou-se em transferi-lo para Tarazona, em Aragão, onde assumiu alguns cargos menores (ao menos se comparados ao que antes ocupava). Pouco depois enviou a Nickel uma carta na qual pedia autorização para abandonar a Companhia e ingressar em uma ordem mendicante.

Faleceu alguns meses mais tarde, a 6 de dezembro daquele mesmo ano, sem haver recebido qualquer resposta.

Destino mais feliz, como sabemos, teve a sua obra. “A este oscuro jesuíta aragonés...”, escreve Hoyo, “...perdido por pequeños colegios provincianos, obstaculizado por sus compañeros de orden, le vemos hoy con talla de gigante. A veces su estilo hará que no nos demos plena cuenta de lo que nos quiere decir; pero, si abrimos la cáscara de su obra, damos con uno de los frutos más sazonados de la vida intelectual española de cualquier tiempo.”<sup>x</sup>

É improvável que o próprio Gracián já não pensasse o mesmo a seu respeito. Às inúmeras dificuldades que a produção de sua obra encontrou ele respondeu sempre com a mesma disposição altaneira e inquebrantável de quem supõe não ser pequena a causa pela qual pleiteia. Talvez meditasse sobre a própria sorte quando, ao compor uma das páginas de seu *Oráculo*, sua pena registrou: “Los sujetos eminentemente raros dependen de los tiempos. No todos tuvieron el que merecían, y muchos, aunque lo tuvieren, no acertaron a lograrle. Fueron dignos algunos de mejor siglo, que no todo lo bueno triunfa siempre; tienen las cosas su vez, hasta las eminencias son al uso. Pero lleva una ventaja lo sabio, que es eterno, y si este no es su siglo, mucho otros lo serán.”<sup>xi</sup>

## El Héroe

Data de 1637 a primeira edição de *El Héroe* de que se tem notícia. Perderam-se porém todos os seus exemplares e também o manuscrito, e dela não se conhece hoje senão a dedicatória, pequeno texto endereçado pelo autor ao seu amigo e mecenas dom Vincencio Juan de Lastanosa. A versão que atualmente vemos circular corresponde à da segunda edição, impressa em 1639<sup>xii</sup>.

Não se trata, certamente, de uma obra de fácil leitura, acessível a quem quer que se disponha a lê-la. Adverte-o Gracián, no início de sua nota ao leitor, ao exclamar: “¡Qué singular te deseo!”. Permeada de referências históricas, literárias e mitológicas, ela supõe, com efeito, um leitor raro, de vasta erudição, habilitado para decifrar esses

pequenos “enigmas” que a cada passo lhe são apresentados. Mas a erudição, por si só, não garante uma fácil compreensão do texto, pois o seu estilo, acentuadamente elíptico, também o dificulta consideravelmente. É o que ocorre, por exemplo, nas passagens em que o referente de um anafórico não se encontra nos períodos imediatamente anteriores ao mesmo, mas vários parágrafos distante, o que, é claro, requer uma atenção aguda e sempre constante, capaz de relacionar cada sentença de um primor ao conjunto do que nele já foi dito<sup>xiii</sup>.

Gracián almeja e exige, pois, que o leitor de *El Héroe* seja singular. Mas almeja igualmente, convém frisá-lo, que ele venha a lê-lo, ainda mais, por meio da leitura da obra, uma vez que o que nela se oferece é justamente um conjunto de recomendações as quais prometem adequá-lo a um molde determinado, a saber, o da *excelência* cortesã reinante no XVII.

O cortesão seiscentista, contrariamente ao que se dava no já bem distante cenário medieval, não pertencia, necessariamente, a uma linhagem ilustre. A *excelência*, antes restrita ao âmbito da nobreza, havia passado a encontrar justificativa também fora do berço, e podia ser “aprendida” mediante adesão a certas práticas adequadas. “No se nace hecho...”, dirá Gracián no *Oráculo*, “...vase de cada día perfeccionando en la persona, en el empleo, hasta llegar al punto del consumado ser, al complemento de prendas, de eminencias: conocerse ha en lo realzado del gusto, purificado del ingenio, en lo maduro del juicio, en lo defecado<sup>xiv</sup> de la voluntad. (...) El varón consumado, sabio en dichos, cuerdo en hechos, es admitido y aun deseado del singular comercio de los discretos”<sup>xv</sup>. Não por acaso afirma-se, no período dito barroco, aquele mesmo gênero literário de aconselhamento político-moral que no início do XVI dera origem a *O Príncipe* de Maquiavel, seu mais consagrado exemplar.

À semelhança de outras obras desta tradição, *El Héroe* apresenta-se como um pequeno manual de conduta, manual de bolso, podemos inclusive supor, pois, embora não se possa dizer que a disposição de seus vinte primores seja aleatória, cada um deles se presta perfeitamente a uma leitura independente e, por isso mesmo, breve. É com esse “livro anão”, como Gracián o chama em sua advertência ao leitor, que, declara ele, deverá formar-se um “varão máximo”, um galante, um “herói”.

Sagaz, belicoso, político e cortesão<sup>xvi</sup>, o “varão máximo” ou “herói” de Gracián é o *discreto*, tipo oposto ao *vulgar*, este que, sendo tão incapaz de dominar suas paixões<sup>xvii</sup> quanto de encobrir tal limitação, é por elas, às claras, vergonhosamente arrastado. O “pretendente à heroicidade”<sup>xviii</sup> deve empenhar-se em aprender a ser senhor de si: “No hay mayor señorío que el de sí mismo, de sus afectos, que llega a ser triunfo del albedrío”, reza um dos fragmentos do *Oráculo*<sup>xix</sup>. E na conquista deste senhorio, requisito básico é a *prudência*. Sem ela, a vulgaridade insiste em aflorar, e a sempre discreta razão fica impossibilitada de entrar em cena: “prevenga la prudente reflexión la vulgaridad del ímpetu...”, lê-se na mesma obra, “...no le será dificultoso al que fuere prudente”<sup>xx</sup>. Mas não é discreto apenas o que sabe dispor de seus afetos: basta, para sê-lo, saber aparentar esta capacidade, o que, uma vez mais, supõe, ainda que em um sentido agora estritamente político, a *prudência*. “Esta primera regla de grandezas advierte, si no el ser infinitos, a parecerlo; que no es sutileza comun”, escreve Gracián, bem a propósito, em seu primeiríssimo primor, no qual recomenda ao “varão culto”, equiparando-o a um rio, que não revele nunca o seu “fundo”.

A *excelência*, com efeito, não corresponde à perfeição última que o senhorio de si implicaria, mas, antes, a uma aparência meticulosamente construída da mesma. Esta aparência, contudo, não é tida como falsa, mas como algo que, ao ser produzido com eficácia, já supõe, por si, participação gradual na perfeição. Ela deverá ser incessantemente testada e, espera-se, aceita como indício de verdade pelo olhar atento do outro. Sendo assim, a *excelência* não pode ser dissociada da *celebridade*: “Es (...) destreza no común inventar nueva senda para la excelencia, descubrir moderno rumbo para la celebridad”, escreve Gracián, à altura de seu sétimo primor, fazendo-as explicitamente equivaler. Neste sentido, o “herói” gracianiano é aquele que domina a arte ou técnica da representação de um papel -o qual, ao mesmo tempo, estaria a fundar e atualizar o “perfeito”- e que recebe, por isso, o cobiçado aplauso dos que também sabem fazê-lo à maravilha. E a transparência, dada a sua propriedade de revelar o que é louvável e o que não necessariamente o é, fica, claro está, excluída de sua configuração.

Garante-se ao discreto, por meio da artimanha em que tal anti-transparência se traduz, o “luzimento”, ou seja, o brilho que lhe confere a aprovação da sociedade, bem

entendido, da sociedade não plebéia. Ao vulgar, resta o mais manifesto desprezo, o riso fácil e satírico. Descomedido, ridículo, desqualificado, é como surge aos olhos do discreto: “habla a lo necio y censura a lo impertinente...”, dirá Gracián, “...gran discípulo de la ignorancia, padrino de la necedad y aliado de la hablilla”<sup>xxi</sup>. A tais sujeitos, evidentemente, fecham-se sem remédio as portas da cortesia.

## A Tradução

Algumas palavras do original de *El Héroe*, embora existentes tanto no espanhol quanto no português de hoje, sofreram relevantes alterações de significado ao longo do tempo. Tal é o caso de “*discreto*”, conceito fundamental do XVII o qual, precisamente por este motivo, não encontra equivalente no vocabulário atual. A própria noção de “vulgar”, a ele antagônica, não se manteve a mesma, e nem poderia, já que as diversas implicações histórico-culturais que naquele momento preciso a determinaram simplesmente deixaram de existir. O mesmo é válido para “*prudencia*”, “*concepto*”, “*vil*”, entre outras. Em vista da impossibilidade de uma substituição satisfatória de tais termos por outros, pareceu-nos ser solução adequada traduzi-los por seus cognatos e fazê-los acompanhar, como não poderia deixar de ser, de comentários explicativos capazes de repor minimamente o sentido original.

Menos delicado, embora em certa medida também o seja, é o caso das palavras as quais, conservadas com igual sentido no espanhol, são desprovidas de correspondência na língua portuguesa. A solução aqui adotada, aliás óbvia, consistiu em recorrer aos termos do português que a cada uma delas melhor se ajustassem e em comentar as inevitáveis perdas implicadas. Assim fizemos, por exemplo, relativamente a “*amago*” (primor XIV), cujo correspondente mais próximo em nossa língua parece ser “ameaça”, embora haja aí uma variação de sentido considerável, que não poderia ficar sem ser devidamente explicitada.

Finalmente, há as palavras que, conservadas até os dias atuais com o mesmo significado que lhes é atribuído no original, caíram, ao menos em português, em considerável desuso, como, por exemplo, “*palanquin*” (“palanquim”) e “*alquería*”

(“alcaria”). Para tais ocorrências, optamos pela manutenção do vocábulo, acompanhada, não poucas vezes, de uma breve descrição.

Para todos os casos referidos, o dicionário *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, de Sebastián de Covarrubias Horozco, foi de inestimável valia. Datado do início do XVII (sua primeira edição teve lugar em 1611), ele nos permitiu precisar o sentido original de um grande número de palavras, enriquecendo assim consideravelmente o resultado de nosso trabalho.

Cabe dizer ainda que procuramos, na medida do possível, não parafrasear o texto. No entanto, por serem freqüentes no original as ambigüidades de difícil solução (sobretudo aquelas decorrentes de elipses e inversões sintáticas), pareceu-nos adequado, a título de esclarecimento, criar, para determinadas passagens, pequenas versões parafraseadas nas notas de fim de página.

A única outra tradução ao português de *El Héroe* de que tivemos notícia até o presente momento, de autoria de Acácio França, consta no volume *Moralistas Espanhóis*, publicado, em 1949, pela W. M. Jackson (Rio de Janeiro). Trata-se de uma tradução parcial, na qual pode ser lida uma seleção dos vinte primores que compõem o original.

O texto de base adotado para a nossa tradução foi o da editora Aguilar (Madrid, 1967), com estudo preliminar, bibliografia, notas e índices aos cuidados de Arturo del Hoyo.

---

<sup>i</sup> Bañlori, “Preparación”, p.18. Citado por Arturo del Hoyo, “Vida y Obra de Gracián”, p.XXVI (em *Obras Completas de Baltasar Gracián*).

<sup>ii</sup> Dom Vincencio Juan de Lastanosa é autor, entre outras obras, de *Monumento de claros e ilustres varones del reino de Aragón, Tratado de la moneda jaquesa y de otras de oro e Museo de las medallas desconocidas españolas*.

<sup>iii</sup> Veja-se o elogio que à casa de Lastanosa faz Gracián na referida dedicatória.

<sup>iv</sup> Arturo del Hoyo, “Vida y Obra de Gracián”, p.XXXIV

<sup>v</sup> Para maiores detalhes sobre a obra e a vida de Gracián, sobretudo no período que se sucedeu à publicação de *El Héroe*, leia-se o estudo de Arturo del Hoyo que encabeça a sua edição das *Obras Completas de Baltasar Gracián*, a “Vida alternante de Baltasar Gracián en la Compañía de Jesús”, de Miguel Bañlori, ou, ainda, *Baltasar Gracián*, de Adolphe Coster.

<sup>vi</sup> Arturo del Hoyo, “Vida y Obra...”, p.LXX.

<sup>vii</sup> Adolphe Coster, *Baltasar Gracián*, p.351. Citado por Arturo del Hoyo, “Vida y Obra...”, p.LXXXII.

<sup>viii</sup> Arturo del Hoyo, “Vida y Obra...”, p.XCIV.

<sup>ix</sup> Carta de 16 de março de 1658. Coster, *Baltasar Gracián*, p.358. Citado por Arturo del Hoyo, “Vida y Obra...”, p.CIII.

---

<sup>x</sup> Arturo del Hoyo, “Vida y Obra...”, p.CXIX.

<sup>xi</sup> *Oráculo Manual...*, 20 (“Hombre en su siglo”), p.159.

<sup>xii</sup> Esta versão não foi a única a chegar até nós integralmente: preservou-se também um manuscrito autógrafa de *El Héroe*, escrito, ao que se supõe, antes da primeira edição (provavelmente em 1636), o qual tem servido de interessante contraponto para o estudo da obra. “Algunas de las diferencias más notables entre este autógrafa de *El Héroe* y el que fue a la imprenta se refieren a Felipe IV. Pues a tal rey estaba enderezada la dedicatoria del autógrafa, suprimida totalmente en el texto impreso en 1639. (...) Destino semejante tuvo el elogio de doce líneas que, en el primor XIII, Gracián hacía del rey; elogio que tachó por otro, menos grandilocuente, y que, a su vez, fue suprimido en el original llevado a la imprenta. No obstante, Gracián, aprovechando conceptos de esas dos primeras redacciones, elaboró un nuevo, y más sobrio, elogio de Felipe IV, que puso al final del primor XVIII” (Arturo del Hoyo, “Vida y Obra...”, p.CXX).

<sup>xiii</sup> Vide, a título de ilustração, os casos assinalados pelas notas n.º 139, 199 e 219.

<sup>xiv</sup> *defecado*: depurado

<sup>xv</sup> *Oráculo Manual...*, 6 (“Hombre en su punto”), p.154.

<sup>xvi</sup> Arturo del Hoyo, “Vida y Obra...”, p. CXXVII.

<sup>xvii</sup> O termo é aplicado aqui no sentido aristotélico, dos afetos que disputam com a razão o comando das ações.

<sup>xviii</sup> *El Héroe*, primor XX.

<sup>xix</sup> *Oráculo Manual...*, 8 (“Hombre inapasionable, prenda de la mayor alteza de ánimo”), p.155.

<sup>xx</sup> *Oráculo Manual...*, 155 (“Arte en el apasionarse”), p.195.

<sup>xxi</sup> *Oráculo Manual...*, 206 (“Sébase que hay vulgo en todas partes”), p.208.

# O HERÓI

## PRELIMINARES

### DEDICATÓRIA<sup>1</sup>

Senhor:

Este brinquedo de grandezas, este melindre<sup>2</sup> de discrição, chega aos reais pés de V.M. para armoriar louro nas duas plantas<sup>3</sup>, coroa cada uma de um mundo. Colore seu

---

<sup>1</sup> Esta dedicatória, extraída do manuscrito autógrafo (cuja redação, conforme já o dissemos, data provavelmente de 1936), é endereçada ao rei Felipe IV. Acompanha-a nesse manuscrito o seguinte encabeçamento: “Dedicado a la Sacra, Católica, Real Majestad del Rey Nuestro Señor Don Felipe el Cuarto, candidato de la grandeza, amante de la fama, pretendiente de la inmortalidad”. Suprimida no exemplar que efetivamente serviu à imprensa tal dedicatória é, contudo, parcialmente assimilada por Gracián à nova versão do *Primor XVIII*, no qual, como se verá, o elogio ao rei assume proporções bastante mais modestas. (Arturo del Hoyo. “La Obra de Gracián”, em: *Obras Completas de Baltasar Gracián*, p.CXXI)

<sup>2</sup> *Melindre*. “Un género de frutilla de sartén hecha con miel; comida delicada y tenida por golosina. De allí vino a significar este nombre el regalo con que suelen hablar algunas damas, a las cuales por esta razón llaman melindrosas.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.798)

<sup>3</sup> *Planta*. “Planta es lo maciço donde pisa el edificio” (Covarrubias. *Tesoro*, p.579). As “plantas”, vale dizer, os pés do monarca, são aqui, metaforicamente, as bases, os alicerces das duas Espanhas, a européia e a americana, cada uma delas, como o quer Gracián, coroa de seu respectivo “mundo”.

atrevimento, sendo cópia<sup>4</sup> de grandeza, acudir<sup>5</sup> a examinar-se com seu original. Almeja o patrocínio de quem recebeu o ser e quer dever-se todo a V.M. como a idéia<sup>6</sup> e como a centro. Se merecer ser o menino<sup>7</sup> dos livros no museu<sup>8</sup> real, presumirá<sup>9</sup> ser eternidade à sombra da imortalidade de um monarca, por cuja felicidade e bravura admira-se a augustíssima casa de Áustria<sup>10</sup>, já sublimada de arquiduques e arqui-reis, e Espanha, seu católico brasão, erguido a superlativo. Prospere o céu [ilegível], eternize a S. C.<sup>11</sup> e Real Pessoa de V. M. como Atlante<sup>12</sup> de sua Igreja, trono de fé, sol da Espanha, coroa do orbe, aplauso dos séculos e fênix<sup>13</sup> da fama.

---

<sup>4</sup> *Cópia*. No original “traslado”. A propósito de “arquétipo”, Covarrubias afirma: “En nuestro castellano le llamamos modelo, y es lo primero que se fabrica en una arte, para exemplo y norma suya, hazer otras piezas como la que entonces se hizo primera. (...) También le llamamos original en la pintura, y lo que saca de aquella copia, como en la escritura de aquel registro original, que los traslados que de allí se sacan llaman copias o traslados.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.140)

<sup>5</sup> *Acudir*. “Venir a tiempo, lugar y ocasión.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.35)

<sup>6</sup> *Idéia*: “vale tanto como un ejemplar eterno, perpetuo e inmutable de cada una cosa de todas las que la naturaleza acá produce (...) según la opinión de Platón y su secta” (Covarrubias. *Tesoro*, p.726). As idéias platônicas são modelos apreensíveis apenas pela razão dos quais objetos pertencentes ao mundo sensível são cópias. As coisas sensíveis não possuem existência em si mesmas, mas seu ser é apenas um reflexo do ser das idéias, motivo pelo qual é possível dizer que o recebem do modelo ideal. Gracián atribui a *El Héroe* a condição de cópia cujo modelo ou idéia seria o rei, do qual, por isso mesmo, a obra teria recebido o seu ser.

<sup>7</sup> *Menino*. “El pagecito que entra en palacio a servir, aunque de poco, al príncipe y a las personas reales. Estos son de ordinario hijos de señores. Es nombre portugués, y de allá se devió de introducir en Castilla”. (Covarrubias. *Tesoro*, p.799)

<sup>8</sup> *Museu*. Segundo Covarrubias, o nome do lugar que se consagra às musas (Covarrubias. *Tesoro*, p.821). Arturo del Hoyo, por sua vez, adverte que no século XVII a palavra designava bibliotecas raras, não vulgares.

<sup>9</sup> *Presumirá*. Conceberá, entenderá, assumirá.

<sup>10</sup> *Áustria*. Trata-se, como é sabido, da dinastia espanhola de Habsburgo ou de Habsburgo-Borgonha, da qual descendem cinco reis: Carlos V (1517-1556), Felipe II (1556-1598), Felipe III (1598-1621), Felipe IV (1621-1665) e Carlos II (1665-1700).

<sup>11</sup> *S.C.*: Sacra Católica

<sup>12</sup> *Atlante*. “Atlas. Fué rey de Mauritania; fingien los poetas aver sustentado sobre sus ombros el cielo, para sinificar el mucho conocimiento que tuvo del curso del sol, luna y estrellas (...) Algunas vezes llaman los poetas atlantes unas columnas que sustentan el edificio con figura humana del medio cuerpo arriba” (Covarrubias. *Tesoro*, p.164). Na língua portuguesa, aceita-se ser “Atlante” ou “Atlas” o nome dessa figura mitológica da qual se diz ter carregado o céu aos ombros.

<sup>13</sup> *Fênix*. Ave mitológica que, segundo a tradição egípcia, teria o dom de renascer das próprias cinzas e o de viver muitos séculos. “Dizen ser una singular ave que nace en el oriente, celebrada por todo el mundo; críase en la felice Arabia, tiene el cuerpo y grandeza de un águila y vive seys

## DEDICATÓRIA<sup>14</sup>

### A DOM VINCENCIO JUAN DE LASTANOSA

Sucede-me hoje, neste primeiro prumo do discurso, se não salto da discrição, o que a um aprendiz de homem: que se arrisca a uns braços abertos. Eu, aprendiz de engenho<sup>15</sup>, acudo ao mestre com este, não traço, senão borrão, para que, colhendo-o Vm.<sup>16</sup> entre sua agudeza<sup>17</sup> e juízo<sup>18</sup>, o castigue<sup>19</sup> e reforme; e depois ousará chamar-se correto herói, discreto culto, varão raro, galante da cultura, instigado da curiosidade, para cujo gosto competiram a natureza com prodígios e a arte com milagres<sup>20</sup>.

---

cientos y sesenta años. (...) muchos han formado geroglíficos de la fénix, aplicándolos a la Resurrección de Nuestro Redentor; y son sin número los que se han hecho, y assí morales como en materia amorosa muchas emblemas y empresas” (Covarrubias. *Tesoro*, p.588).

Conforme Antônio de Morais faz notar, “Fênix” pode designar ainda “Pessoa ou coisa rara, única na sua espécie ou no seu gênero e superior a todas as outras” (Morais, p.1063). Obviamente, não é o que ocorre nesta passagem, em que Gracián deseja ao rei que sua fama possa renascer eternamente.

<sup>14</sup> *Dedicatória*. Primeira edição (1937).

<sup>15</sup> *Engenho*. Faculdade intelectual capaz de produzir o *conceito*. O conceito, noção fundamental na obra de Gracián, é por ele definido como “un acto del entendimiento (...) que exprime la correspondencia entre los objetos” (*Agudeza y Arte*, II, p.242). Trata-se, em outras palavras, de um esforço intelectual de reflexão sobre a possibilidade de uma relação entre duas distintas noções, as quais, no mais das vezes, são aparentemente antagônicas.

<sup>16</sup> *V.m.* Vossa mercê.

<sup>17</sup> *Agudeza*. Nome do efeito mais alto ou agudo do *conceito*. A agudeza coloca em evidência o efeito estético de um conceito sobre os demais.

<sup>18</sup> *Juzo*. Em Gracián, equivale esta faculdade à capacidade de ponderar com acerto, de julgar com retidão. O juízo implica discernimento, e o discernimento se manifesta através do juízo. “No hay prenda más opuesta a la vulgaridad”, define o próprio Gracián, “ella sola es bastante a acreditar de discreto.” (*El Discreto*, XIX, p.130)

<sup>19</sup> *Castigar*. “Vale emendar, y castigaciones las emiendas que se hazen de lugares errados por falta de los escritores o tipógrafos” (Covarrubias. *Tesoro*, p.317). Em português é igualmente admissível o uso deste verbo para designar emenda ou correção (e não apenas punição), embora seja raro fazê-lo relativamente a textos.

<sup>20</sup> *para cujo gosto competiram a natureza com prodígios e a arte com milagres*. Identifica-se aqui um lugar comum do século XVII, o da “competição”, como o quer Gracián, entre a natureza e a arte, ou seja, entre as habilidades ou faculdades com as quais se nasce e as que são conquistadas pelo homem através de seu esforço e diligência e, portanto, da *indústria*.

Nesse culto camarim, retrete<sup>21</sup> da curiosidade<sup>22</sup>, onde não entra senão o muito perfeito, mereça um canto entre tantas curiosidades esta do engenho, digo, depois de que, por muito emendada, seja muito própria de Vm.

Antecipei, dentre os primores<sup>23</sup>, o da curiosidade para este posto, para não retirá-lo de seu molde. Seja, senhor, espelho Vm. de tão brilhante prenda, e poderia sê-lo do farol<sup>24</sup>, como moderna maravilha. É a curiosidade sainete<sup>25</sup> do saber, acicate<sup>26</sup> do engenho, e sem ela um varão raro corre equivocadamente com os brutos.

Costumavam ser os ilustres progenitores de Vm chanceleres dos reis de Aragão. (Seja testemunho coroado uma carta do rei dom Pedro o Quarto<sup>27</sup>.) Faltaram antes reis de todo o Aragão que em sua nobilíssima casa de Lastanosa méritos de servis. Desocupado Vm. de real emprego, não por falta de cabedal, mas de matéria, tem transformado o arquivo dos reis em panteão de heróis, em efígies, em moedas, e em histórias. A casa toda de Vm. é um *non plus ultra* do gosto; sua biblioteca, esfera da agudeza; seu jardim, elíseo da primavera; e toda ela junta, o teatro da escultura, da

---

<sup>21</sup> *Retrete*. “A parte mais retirada ou escondida de uma habitação; retiro.” (Morais, p.2072)

<sup>22</sup> *culto camarim, retrete da curiosidade*. Referência à casa de Lastanosa (vide introdução).

<sup>23</sup> *Primor*. Excelência, virtude. Aqui, é o nome dado por Gracián a cada uma das vinte divisões das quais é formado *El Héroe*.

<sup>24</sup> *farol*. Alusão ao farol de Alexandria: “Antiguamente hubo una isla dicha (...) *pharos* (...) En esta isla avía una torre muy alta, edificada sobre un peñasco, cercado por todas partes del mar y de una piedra blanca, alabastrina, la cual edificó Ptolomeo Philadelphio, rey de Egypto (...) Y esta torre se llamó también *Pharos*, en la qual se encendían todas las noches fuegos, por los cuales se governavan los navegantes, para endereçar sus navíos al puerto; y a imitación desta torre todas las demás que se fabricaron para el mesmo efeto se llamaron y se llaman *pharos*.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.585)

<sup>25</sup> *Sainete*. “Isca que se dava aos falcões para os amansar” (Morais, p.2129). Gracián sugere que a curiosidade seria uma espécie de alimento do saber.

<sup>26</sup> *Acicate*. “Espora antiga com uma só ponta de ferro. *Fig.* Estímulo, excitação.” (Morais, p.48)

<sup>27</sup> *carta do rei dom Pedro o Quarto*. “El origen de la casa de los Lastanosa se remonta a Gombal de Lastanosa, caballero favorecido del rey Jaime I. Su descendiente Gilbert de Lastanosa, casó con Ana Donosa de Calasanz, señora de noble calidad, y hubieron por hijo a Pedro de Lastanosa y Calasanz, que continuó el mérito de su padre sirviendo en el empleo de camarero del infante don Pedro, hijo de Jaime II de Aragón, quien, a la sazón de los disturbios de la Unión, envióle como embajador a Pedro IV, el *Ceremonioso*, para pacificar el reino en el año 1348... En 2 de julio de aquel mismo año despachó el rey desde Teruel ejecutoria a favor de don Pedro de Lastanosa.” (Arco Garay. *La erudición aragonesa en el siglo XVII en torno a Lastanosa*. Madrid, Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos, 1934, p.7; citado por Arturo del Hoyo à página 4 de *El Héroe*).

pintura, da antigüidade, da preciosidade, e da fama. E, sobretudo, em consorte e em sucessão deita o resto de seu favor o Céu, que guarde Vm.

De Calatayud e agosto 1637.

## SEGUNDA EDIÇÃO

(1639)

## LICENÇA

Há licença dos senhores do Conselho para poder-se imprimir este livro intitulado *O Herói, de Lourenço Gracián*, por uma vez apenas, conforme mais longamente consta no original.

Despachado no officio de Miguel Fernández, em Madrid, a primeiro de abril de 1639.

## SOMA DA TAXA

Taxou-se este livro, pelos senhores do Conselho, intitulado *O Herói, de Lorenzo Gracián*, a cinco maravedís o caderno, conforme de seu valor consta, a que me refiro.

Em Madrid, a 15 de abril de 1639. Perante *Miguel Fernández*.

## FÉ DO CORRETOR

Este livro, intitulado *O Herói de Lourenço Gracián*, está bem e fielmente impresso com seu original.

Dada em Madrid, a 12 de abril de 1639. *O Licenciado Murcia de la Llana*.

## AO LEITOR

Quão singular te desejo! Empreendo formar com um livro anão um varão gigante, e com breves períodos, imortais feitos; fazer um varão máximo, isto é milagre em perfeição; e, já que não por natureza, rei por suas prendas, que é vantagem.

Formaram-no prudente Sêneca; sagaz, Esopo; belicoso, Homero; Aristóteles, filósofo; Tácito, político, e cortesão, o Conde<sup>28</sup>.

Eu, copiando alguns primores de tão grandes mestres, intento bosquejá-lo herói e universalmente prodígio. Para isto forjei este espelho manual<sup>29</sup> de cristais alheios e erros<sup>30</sup> meus. Por vezes te lisonjeará e te advertirá por vezes; nele verás o que já és ou o que deverias ser.

Aqui terás uma não política, nem mesmo econômica, senão uma razão de estado de ti mesmo, uma bússola de marear<sup>31</sup> a excelência, uma arte de ser ínclito com poucas regras de discrição.

Escrevo breve por teu muito entender; curto, por meu pouco pensar. Nem quero deter-te, para que passes adiante.

---

<sup>28</sup> *o conde*. Referência ao conde Baltasar de Castiglione, autor de *O Livro do Cortesão*.

<sup>29</sup> *Espelho manual*. Alude-se aqui tanto ao reduzido tamanho de *El Héroe*, comparável ao de um pequeno e prático espelho de mão, como à empresa que, através da obra, o autor se propõe a realizar, que é, como se sabe, a apresentação de um modelo de herói na qual o leitor deverá espelhar-se.

<sup>30</sup> *erros*. No original “yerros”. “Aquí Gracián juega del vocablo por semejanza fonética de “hierros” (del espejo) y “yerros” (del propio Gracián).” (Arturo del Hoyo, *El Héroe*, p.6)

<sup>31</sup> *Marear*. “Governar, dirigir (o navio); dispor convenientemente (as velas e mais aparelhos) para o navio poder seguir um rumo determinado” (Caldas Aulete, V.II, p.325). Nesta passagem, como se vê, está simplesmente por “nortear”.

## DEDICATÓRIA

### A DOM JUAN BAUTISTA BRESCIA

protonotário apostólico e doutor em ambos os direitos

*O Herói*, ainda menor que menino, vai dando saltos aos braços que em V. mercê considero abertos para recebê-lo; se é por destino meu, confessa com alvoroço minha obrigação e dívida; se por inclinação sua, descobre o bom natural que seu autor lhe comunicou, pois adornado com tantos dices<sup>32</sup> de polícia<sup>33</sup> e prudência<sup>34</sup>, ainda não lhe fazem harmonia até terem de Vm., com a última mão, o perfeito. Como Herói, solicita em seu patrocínio o ilustre dos de Brescia; como aprendiz de prudência, pretende ser

---

<sup>32</sup> *Dixe*. “Ornamento de ouro ou pedraria, jóia.” (Morais, p.828)

<sup>33</sup> *Polícia*. “Policía. Término ciudadano y cortesano. Consejo de policía, el que gobierna las cosas menudas de la ciudad y el adorno della y limpieza.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.875)

<sup>34</sup> *Prudência*. Termo associado ao cálculo político e à razão de Estado. Em sua edição da *Iconologia* de Cesare Ripa (calcada na de Johann G. Hertel, 1758-60), Edward Maser descreve: “A personificação da Prudência é uma mulher trajada de longa vestimenta clássica. A sua cabeça tem duas faces, uma das quais de um homem barbudo, e a outra de uma mulher. Ela veste um elmo dourado adornado com folhas de amoreira. De uma corrente ao redor de seu pescoço pende uma caveira. Ela olha para um espelho que segura em uma das mãos. Na outra mão ela tem uma flecha em torno da qual há uma enguia. Por trás da mulher há um imenso cervo”. “A figura tem duas faces...”, esclarece Maser, “...porque o prudente olha à sua frente e para trás, isto é, está atento para os fatos do passado relacionados a uma decisão a ser tomada, e está ciente de seus possíveis resultados ou conseqüências no futuro. O elmo dourado representa a sabedoria do homem prudente (...). A grinalda de folhas de amoreira ao redor do elmo é também bastante apropriada, pois, conforme observa Alciato, a amoreira é a mais cautelosa das árvores, já que ela só floresce muito tarde, quando não há mais risco de geada; tampouco o homem prudente jamais se precipita, mas chega às suas decisões lentamente, sempre planejando o que há de vir. A flecha que a mulher segura em uma das mãos simboliza rapidez e pontaria, mas em torno dela há uma enguia, e Plínio observa, a respeito deste animal, que ao ater-se ao fundo de um navio ele é capaz de fazê-lo parar com seu peso e força. Isto significa que a prudência impõe um freio às decisões rápidas. Significa também, entretanto, que o homem prudente não se detém quando se trata de auxiliar outras pessoas, mas, combatendo a inércia (a enguia), ele se põe a fazê-lo com a rapidez de uma flecha. O cervo possui fortes pernas com as quais ele pode correr velozmente, mas seus pesados chifres tendem a detê-lo, e a menos que ele seja muito cuidadoso, poderão levá-lo a se enredar nas plantas. O cervo é portanto prudente. Supõe-se também que ele esteja ruminando, o que, simbolicamente, significa que ele estaria pensando. A caveira que a mulher tem ao pescoço indica a determinação filosófica do homem prudente, que pensa bastante a respeito da mortalidade e do fim dos homens, e que se encontra preparado para o seu próprio fim.” (Maser, Edward A. *Cesare Ripa's Baroque and Rococo Pictorial Imagery*. N. Y., Dover, 1971, gravura 179. Tradução nossa.)

instruído pelo mestre dela; e para sair consumado em toda faculdade e ciência dedica-se a tomar a peito as doutrinas que V. mercê ensina. A ocasião é de começar a ser grande, que é peça de rei o *Herói*, assegurando de V. mercê o carinho<sup>35</sup> e o desempenhado<sup>36</sup> de minha oferta.

## PEDRO DE QUESADA

---

<sup>35</sup> *Carinho*. “Vale amor, voluntad y reconocimiento a la antigua amistad y querencia” (Covarrubias, *Tesoro*, p.307)

<sup>36</sup> *desempenhado*. “Hallarse empeñado, hallarse obligado con beneficios y buenas obras que ha recibido de otro, a quien deve en ocasión favorecer” (Covarrubias, *Tesoro*, p.508). Quesada afirma não ser movido pelo desejo de retribuição a qualquer espécie de agrado ou favor ao dedicar *O Herói* a Brescia, o que, naturalmente, confere ao seu gesto uma agradável gratuidade e à obra vasto crédito.

# O HERÓI

## PRIMOR<sup>37</sup> PRIMEIRO

### QUE O HERÓI PRATIQUE INCOMPREENSIBILIDADES DE CABEDAL

Seja esta a primeira destreza na arte de discretos<sup>38</sup>: medir o lugar<sup>39</sup> com seu artifício. Grande artimanha é ostentar-se ao conhecimento, mas não à compreensão;

---

<sup>37</sup> *Primor*: “a excelência na arte” (Covarrubias. *Tesoro*, p.882), ou, vale dizer, na aplicação de um conjunto de habilidades a um certo domínio de práticas, com vistas, naturalmente, à obtenção de um resultado específico. O resultado em questão, conforme o título da obra já o indica, é a formação de um “herói”, é a atualização, mediante a adesão às práticas de representação sugeridas em cada um dos vinte “primores” que a compõem, do modelo do “discreto”. Arturo del Hoyo, no estudo que acompanha a sua edição de *El Héroe*, observa: “La elección de ‘primor’ por ‘capítulo’ no está hecha a la ligera. Veámoslo. Covarrubias, en su *Tesoro*, nos dice que ‘primo’ es ‘lo hecho o labrado con arte y elegancia’, y que ‘primor’ es ‘la excelencia en el arte’, en cualquier técnica. Todavía hoy se advierte ese sentido en las expresiones ‘trabajo primoroso’ (que labra con primor). Primor es una excelencia -‘¡es un primor!’, decimos-, conseguida en algo material y concreto; de tal clase esta excelencia, que llega a constituir como un brillo suyo y ornato que surge de su propia perfección. El primor implica, pues, perfección y destreza y lucimiento, y es como una prenda de toda obra prima.” (Arturo del Hoyo. *La obra de Gracián - El Héroe*, p.CXXV)

<sup>38</sup> *Discretos*: “entendidos” no original. Lê-se no *Tesoro* de Covarrubias: “Entendido, el hombre discreto” (Covarrubias. *Tesoro*, p.523). E também, a propósito do verbo “discernir”: “Vale vulgarmente distinguir una cosa de otra y hazer juyzio dellas; de aquí se dixo discreto, el hombre cuerdo y de buen seso, que sabe ponderar las cosas y dar a cada una su lugar” (idem, p.475). O “entendido” é portanto, sem dúvida, o “discreto”. Mas entender alguma coisa, observa ainda Covarrubias, é trabalhá-la (idem, p.523), de modo que parece ser admissível pensar, para esta ocorrência, numa sobreposição dos dois significados, o de discricção e o de trabalho. Teríamos então que nesta sentença inaugural o “entendido” anunciaria, de forma

cevar a expectativa, mas nunca desenganá-la completamente. Prometa mais o muito, e a melhor ação deixe sempre esperanças de maiores.

Recuse a todos o varão culto sondarem o fundo de seu cabedal<sup>40</sup>, se quiser que o venerem todos. Formidável foi um rio até que se lhe achou vau, e venerado um varão até que se conheceu o termo de sua capacidade; porque ignorada e suposta profundidade sempre manteve, com o recato, o crédito.

Culta propriedade foi chamar senhorear ao descobrir, a vitória prontamente alternando seus sujeitos; se o que compreende senhoreia, o que se recata nunca cede.

Concorra a destreza do advertido em temperar-se com a curiosidade do atento em conhecê-lo; que esta costuma curvar-se nos princípios de uma tentativa.<sup>41</sup>

---

absolutamente sintética, o que vai ser o conteúdo da obra (denominada aqui “arte de entendidos”), pois surgiria, a um só tempo, como o discreto e como aquele que foi, por assim dizer, esculpido, “trabalhado” com arte e destreza.

<sup>39</sup> *Lugar. Ocasião.*

<sup>40</sup> *Cabedal.* No original “caudal”, palavra espanhola que significa tanto “cabedal” como “caudal”, ou seja, o volume de água de um rio. O primeiro destes dois significados é o que predomina na obra, sendo que o segundo vai aparecer somente nesta passagem, a qual, convém notar, resume a prática de representação que é proposta pelo primor (tornar o próprio cabedal incompreensível, ou, ainda, “no dejarse conocer del todo”, tal como a descreve Arturo del Hoyo à página CXXVII de seu “Bosquejo de *El Héroe*”). Note-se entretanto que nesse mesmo parágrafo concorrem, na verdade, ambos os significados: o cabedal do herói, do “varão culto”, é equiparado ao caudal de um rio, que não deve revelar seu fundo sob pena de não mais parecer “formidável”.

<sup>41</sup> Transparece nessa sentença a grande distância que na escala de valores subjacente ao universo de Gracián separa o “advertido” do “curioso”. O curioso é, segundo o nosso autor, aquele que “costuma curvar-se nos princípios de uma tentativa”, ou seja, o que carece de pertinácia e, portanto, de relevante determinação na realização de seus propósitos. E o advertido, identificado com o homem “destro”, passa a ser também, por oposição, o que traz em si essa mesma pertinácia da qual o curioso é carente. Ambos são “atentos”, é certo, mas enquanto a atenção de um favorece a prudência discreta de quem projeta cuidadosamente o que faz, a do outro é marcada pela inconstância de quem sucumbe às primeiras dificuldades, e denuncia, por isso mesmo, falta de aptidão para a disposição dos próprios atos, característica inequívoca do homem vulgar.

O “destro” é definido por Covarrubias da seguinte forma: “Comúnmente se toma por aquel que juega bien las armas, y con destreza; y en cualquier otro exercicio o acto, aquel llamamos diestro que está experto y es liberal y mañoso en exercerle” (Covarrubias. *Tesoro*, p.471). Cabe lembrar que a habilidade no manejo de armas conta ainda, no século de Gracián, entre os atributos que compõem o perfil idealizado do homem da corte, perfil com o qual, como sabemos, coincide o do “herói” gracianiano. E, sendo assim, a escolha pelo termo “destreza” se revela particularmente significativa, pois opera como uma peça a mais na construção do contraste entre os dois modelos antagônicos a perpassarem a obra que são o da vulgaridade e o da discrição.

Nunca o destro em lançar a barra<sup>42</sup> rematou no primeiro lance; vai se empenhando de um a outro, e superando-os sempre.

Vantagens são de Ente Infinito dispor muito com sobra de infinitude. Esta primeira regra de grandeza aconselha, se não a sermos infinitos, a parecê-lo, o que não é sutileza comum.

Neste sentido, ninguém regateará aplausos ao cru paradoxo do sábio de Mitilene<sup>43</sup>: “Mais é a metade que o todo.” Porque uma metade alardeada e outra em empenho é mais que um todo declarado.

---

É digno de nota que a curiosidade, tão celebrada por Gracián em outras passagens (veja-se, por exemplo, a dedicatória a Lastanosa), seja reduzida aqui à dimensão de mero atributo de vulgaridade.

<sup>42</sup> *Lançar a barra*. No original “desterrar una barra”. É um jogo nascido entre moleiros, provavelmente aragoneses, que consistia em se arremessar as pesadas barras de ferro usadas para movimentar as pedras dos moinhos, vencendo quem fosse capaz de lançá-las mais longe. Segundo Covarrubias, “estirar la barra” (cujo significado é o mesmo) é expressão que designa o esforço, em qualquer empresa, de se fazer tudo o que for possível para realizá-la, “como el que procuró con la barra adelantarse al golpe de su contrario” (Covarrubias. *Tesoro*, p.195). Percebe-se aqui um prolongamento do elogio à pertinácia estabelecido no parágrafo anterior, pois, dado o descomunal esforço físico que a prática de tal jogo exigia, o empenho em repetidas vezes superar a marca do adversário requeria, por parte de seus praticantes, uma extraordinária disposição. Esta disposição, como Gustavo Bécquer bem o ressalta, era acentuada ainda em função das adversas condições de vida enfrentadas pelos moleiros aragoneses: “La sobriedad, la fortaleza y la resistencia a toda clase de sufrimientos de los habitantes de ciertas provincias de España es proverbial en la Historia. Basta recorrer algunas comarcas de Aragón, vivir un poco de tiempo entre sus naturales, y conocer su género de vida y asistir a sus diversiones, para comprender que la raza de los osados aventureros que compartieron con los catalanes la gloria de las portentosas hazañas de Oriente, la raza de los eternos batalladores de la Edad Media, (...) existe todavía enérgica, valerosa, fuerte; capaz de acometer las empresas más aventuradas y difíciles. Con un escaso alimento, habituados a sufrir las bruscas alteraciones de un clima inconstante, condenados a procurarse la subsistencia con un trabajo tenaz y duro, los que habitan en los pueblos del Alto Aragón, próximos a las cumbres del Moncayo, no tienen otras diversiones que los ejercicios corporales y los alardes de fuerza y de agilidad. En la tarde de los días festivos, cuando parecía natural que los trabajadores se entregasen al reposo y al descanso, ellos prosiguen ejercitando su actividad y su increíble energía, unos desafiándose a la carrera, otros al tiro de la barra, estos a jugar a la pelota, aquellos a levantar en alto y arrojar a una gran distancia peñascos enormes” (Becquer, Gustavo Adolfo. “El tiro de barra”, em: *Obras Completas*, Madrid, Aguilar, 1973, p.1129).

<sup>43</sup> *sábio de Mitilene*. Pitaco (652-569 a.C.), um dos assim chamados sete sábios da Grécia, a quem Alciato, em seu emblema “Dicta septem sapientum”, atribui o dito “Ne quid minis” (Nada em demasia). (Arturo del Hoyo, *El Criticón*, p.559)

Foi emérito nesta como em todas as demais destrezas aquele grande rei<sup>44</sup>, primeiro do Novo Mundo, último de Aragão, se não o *non plus ultra* de seus heróicos reis.

Entretinha este católico monarca, atentos sempre, todos os co-reis, mais com as prendas de seu ânimo, que a cada dia novamente brilhava, do que com as novas coroas que cingia.

Mas a quem mais deslumbrou este centro dos raios da prudência, grande restaurador da monarquia goda, foi sua heróica consorte, e depois os tafuis<sup>45</sup> do palácio, sutis a sondar o novo rei, desvelados a lhe adivinhar o fundo, atentos em lhe medir a bravura.

Mas, quão advertido a eles se permitia e detinha Fernando! Quão cauto a eles se concedia e negava! E, ao fim, venceu-os.

Oh, varão candidato à fama! Tu, que aspiras à grandeza, alerta para o primor: todos te conheçam, nenhum te abarque, que, com esta regra, o moderado parecerá muito, e o muito, infinito, e o infinito, mais.

---

<sup>44</sup> *aquele grande rei*. Fernando I, “o Católico”, herdeiro de Aragão e marido de Isabel I (referida, poucas linhas depois, como “sua heróica consorte”). Isabel, ao herdar em 1474 o trono de Castela por ocasião da morte de seu irmão Henrique IV, empreendeu firmemente, com seu marido, o processo de unificação da Espanha.

<sup>45</sup> *Taful*. “Jogador de profissão, ou por hábito” (Morais, p.2277). Aplica-se metaforicamente, no caso, aos cortesões dispostos a conhecer a vontade do rei para então dominá-lo.

## PRIMOR II

### CIFRAR<sup>46</sup> A VONTADE

Leiga ficaria a arte se, ditando recato aos termos da capacidade, não encomendasse dissimulação aos ímpetos do afeto.

Tem tanto crédito esta parte de sutileza, que sobre ela levantaram Tibério<sup>47</sup> e Luís<sup>48</sup> toda a sua máquina<sup>49</sup> e política<sup>50</sup>.

---

<sup>46</sup> *Cifrar*. Define Covarrubias: “Cifra. Escritura enigmática; con caracteres peregrinos, o los nuestros trocados unos por otros, en valor o en lugar. (...) Quando queremos encarecer lo que dexamos de dezir pareciéndoles a los oyentes que se ha dicho mucho informando en algún negocio solemos añadir esto es cifra para lo que pudiera dezir, y assí sea esto cifra de la cifra” (Covarrubias. *Tesoro*, p.417). E ainda: “descifrar, declarar algunas palabras obscuras” (idem). Cifrar a vontade, portanto, é conservá-la propositalmente como enigma, como mistério.

<sup>47</sup> *Tibério*. Imperador romano entre 14 e 37 d.C., sucessor de Augusto. Tibério, que vai ser mencionado ainda duas vezes nesta obra, aparece também, sem jamais ser celebrado, em *El Político*, *Agudeza y Arte de Ingenio* e *El Criticón*. Surge frequentemente ao lado de Calígula, Cláudio e Nero, como modelo de voluptuosidade e falsidade em “El Político” (ps. 45 e 70, respectivamente), de astúcia em “El Criticón” (Parte II, “crisi” IV, p.718) e, ainda nesta mesma obra, por intermédio do sagaz Critilo, como “escravo de seus apetites e servo de seu deleites” (Parte I, “crisi” VI, p.569), entre outras atribuições.

<sup>48</sup> *Luis*. Luís XI da França. Embora Gracián de fato reconheça neste rei habilidade e sagacidade políticas, não apenas aqui mas também em *El Político*, como bem o observa Arturo del Hoyo, parece ser por demais delicado, tanto nesta como naquela obra, identificar esse reconhecimento com um puro elogio, tal como ele, Hoyo, explicitamente o quer: “Se refiere [“Luis”] a Luis XI de Francia, a quien también celebra Gracián por su sagacidad y sus mañas en *El Político*. La estimación de Luis XI en Gracián procede de las *Memorias de Felipe de Comines, señor de Argenton*, de los *Hechos y Empresas de Luis Undécimo y Carlos Octavo, reyes de Francia, traducidas del francés con escolios propios por Don Juan de Vitrián, prior y provisor de Calatayud, Asesor del Santo Oficio y Capellán del Rey Nuestro Señor*. Amberes, 1643” (Arturo del Hoyo, *El Héroe*, p.8). Em *O Político*, porém, o próprio Gracián vai afirmar: “Dos ídolos, dos oráculos de la política veneran los estadistas: a Tiberio y a Luis; encarecen su disimulación, exageran su artificio; mas yo atribuyo esta reputación de políticos más al comento de sus dos escritores, que fueron Tácito y Comines, que al acierto de sus hechos. Siempre tuve por inútil, y aun infeliz, toda su máquina política, pues los trajo a entrambos a términos de perder sus dos coronas: a Tiberio, por desprecio; a Luis, por aborrecimiento. Lo que no pudieron por reputación de prendas, pretendieron conseguir por la afetación; y lo que debieran por el amor de sus virtudes, intentaron por el horror de sus crueldades” (*El Político*, p.54). Ainda em *El Héroe* -Primor XV- o nome de Luís XI vai ser novamente citado. Acompanha-o um comentário que, claro está, dificilmente poderia ser tachado de apologético: “Monstruosidad de naturaleza, apetecer escoria y asquear el lucimiento. Fue monstruo real Luis Undécimo, que, más por naturaleza que por arte, extrañaba la grandeza y se perdía por las heces de la categoría

Se todo excesso em segredo o é em cabedal, sacramentar uma vontade será soberania. São os achaques da vontade desmaios da reputação; e, se são declarados, esta freqüentemente morre.

O primeiro esforço chega a violentá-los, a dissimulá-los o segundo. Aquilo tem mais de bravura; isto, de astúcia.

Quem a eles se rende, baixa de homem a bruto; quem os embuça conserva, ao menos em aparência, o crédito.

Acusa excelência de cabedal penetrar toda a vontade alheia, e conclui superioridade saber zelar pela própria.

O mesmo é descobrir<sup>51</sup> de um varão um afeto que abrir uma brecha na fortaleza do cabedal, pois por ali maquinam politicamente os atentos, e no mais das vezes assaltam com triunfo. Conhecidos os afetos, são conhecidas as entradas e saídas de uma vontade, com senhorio sobre ela em todas as horas.

Sonhou deuses a muitos a inumana gentilidade, ainda que sem a metade das façanhas de Alexandre<sup>52</sup>, e negou ao laureado macedônio a dignidade à caterva de deidades. Ao que ocupou muito mundo, não o assinalou pouco céu; mas de onde tanta escassez, quando tanta prodigalidade?

Pôs sombras Alexandre ao ilustre de suas proezas com o vulgar de seus furores, e desmentiu-se a si mesmo, tantas vezes triunfante, ao render-se à vilania do afeto<sup>53</sup>.

---

política.” Parece reforçar a tese de que Luís não seria tão celebrado por Gracián como pretende Arturo del Hoyo o simples fato de que seu nome apareça ao lado do de Tibério (vide nota anterior), parceria que, como o vimos, no trecho de *O Político* acima citado volta a acontecer.

<sup>49</sup> *Máquina*. “Toda organização ou entidade que funciona segundo determinadas leis, que tem um organismo e uma atividade regulares mais ou menos complexos” (Morais, p.1460). Aplica-se, no caso, à noção de Máquina de Estado (ou Aparelho estatal), entendida como o conjunto administrativo de uma nação responsável pela elaboração e cumprimento das leis que haverão de regê-la.

<sup>50</sup> *Política*. Conjunto de princípios políticos.

<sup>51</sup> *Descobrir*. Pôr a descoberto, revelar.

<sup>52</sup> *Alexandre*. Referência a Alexandre Magno, *O Grande*, rei da Macedônia de 336 a 323 a.C., unificador do mundo grego e difusor do helenismo.

<sup>53</sup> Alexandre, no período de Gracián, é muitas vezes tomado como exemplo de vassalagem às paixões. Acerca dos excessos a que era dado, Plutarco, em suas *Paralelas*, traz a seguinte ilustração: “Alexandre (...) convidou muitos de seus amigos e dos generais a um banquete, no qual propôs uma disputa de intemperança no beber e coroa para aquele que mais se excedesse. Prômaco, que foi quem bebeu mais, chegou a quatro medidas, e recebendo a coroa da vitória, estimada em um talento, sobreviveu três dias. Dos outros refere Cares que quarenta e um

Serviu-lhe pouco conquistar um mundo, se perdeu o patrimônio de um príncipe, que é a reputação.

É Caríbdis da excelência a exorbitância irascível, e Cila da reputação a demasia concupiscente<sup>54</sup>.

Atente, pois, o varão excelente, primeiro em violentar<sup>55</sup> suas paixões; quando menos, em solapá-las com tal destreza, que nenhuma contra-artimanha acerte em decifrar sua vontade.

Avisa este primor a sermos entendidos não o sendo, e em seguida a ocultar todo defeito, desmentindo as atalaias dos descuidos e deslumbrando os lince da alheia obscuridade<sup>56</sup>.

Aquela católica amazona<sup>57</sup>, depois da qual a Espanha não teve que invejar as Zenóbias<sup>58</sup>, Tomiris<sup>59</sup>, Semíramis<sup>60</sup> e Pantasiléias<sup>61</sup>, foi oráculo destas sutilezas.

---

morreram no ato de beber, tendo-os acometido um frio violento logo após a embriaguez.” (Plutarco. *Vidas Paralelas*, “Alexandre”, LXX. *Op. cit.*, V,II, p.284. Tradução nossa.). O próprio Alexandre teria falecido, alguns anos depois, em decorrência dos excessos cometidos em um prolongado banquete.

<sup>54</sup> Cila e Caríbdis constituem um dos mais difíceis obstáculos a serem transpostos por Ulisses em sua longa viagem de regresso a Ítaca. No interior de uma sombria gruta, por entre rochedos que afloram à superfície do oceano, habita Cila, criatura dotada de doze pés disformes e de seis compridos pescoços, cada um dos quais terminado em uma horrível cabeça. Com suas cabeças estendidas para fora da gruta Cila vive a pescar e devorar lobos e delfins, ou então, quando o acaso assim o permite, homens. Ulisses é advertido por Circe acerca do grande perigo que correria caso dela se aproximasse: “Jamais se gabaram marinheiros...”, diz-lhe a deusa, “...de ter-lhe escapado com a embarcação sãos e salvos, pois ela, com cada um dos focinhos, arrebatava um homem do barco de negra proa” (Homero. *Odisséia*. São Paulo, Cultrix, 1997, p.143). Caríbdis, oculta debaixo de frondosa figueira, habita um rochedo vizinho ao de Cila. Todos os dias, por três vezes, ela aspira descomunal quantidade de água para depois expeli-la com terrível estrondo. Como Ulisses tivesse que passar pelos rochedos, Circe lhe dá o seguinte conselho: “...não estejas lá quando ela sorver; nem mesmo o deus que o solo estremece te salvaria da ruína. Antes, aproxima-te do rochedo de Cila e toca rapidamente o barco para diante. Lamentar a perda de seis tripulantes é muito preferível a chorar a de toda a tripulação” (idem).

Cila e Caríbdis são extremos que igualmente destroem e têm de ser superados pelo ‘herói’. Gracián dá a entender que a exorbitância irascível, o excesso colérico, tem o poder de destruir a excelência, bem como a demasia concupiscente, o excesso sensual, a reputação.

<sup>55</sup> *Violentar*. “Violentar as paixões” é aqui o mesmo que contradizê-las e dominá-las.

<sup>56</sup> *os lince da alheia obscuridade*. Entenda-se “os olhares curiosos que desejam penetrar o desconhecido da vida alheia”. O lince, como é sabido, é um felino ao qual se atribuí, na antiguidade, o poder de ver através das paredes. Covarrubias descreve-o como “animal de aguda vista” (Covarrubias. *Tesoro*, p.768).

<sup>57</sup> *Católica amazona*. Isabel I da Espanha (1451-1504), conhecida como “a Católica” (vide

Encerrava-se a fim de parir no retrete mais escuro e, zelando pelo co-natural decoro, a inata majestade punha um selo<sup>62</sup> nos suspiros de seu real peito, sem que lhe ouvissem um ai, e um véu de trevas nos excessos do semblante. Mas quem assim se empenhava em tão excusáveis achaques do recato, que escrúpulos não teria nos do crédito!

Não considerava néscio o cardeal Madrúcio<sup>63</sup> ao que aborta uma necessidade, senão ao que, uma vez cometida, não sabe afogá-la.

---

nota n.º 44). Quanto ao epíteto “amazona” que nesta passagem Gracián lhe atribui, justificar-se-ia sobretudo pela sua conhecida participação na Guerra de Granada (iniciada em 1482): “Fernando acudiu à frente da luta, enquanto Isabel cuidava de reunir dinheiro e tropas. Quando os ânimos diminuíam, a rainha se empenhava em animar os combatentes. Desde essa data Isabel participa com maior intensidade nos combates”. (Fernández, Luis Suárez. “Isabel I la Católica, Reina de Castilla y Aragón”, em: *D.H.E.*, V.II, ps.58 e 59. Tradução nossa.)

<sup>58</sup> *Zenóbia*. Rainha de Palmira de 266 (ou 267) a 272 d.C., famosa por sua beleza, inteligência e vitalidade. Zenóbia, que assumiu o governo ao enviudar devido à insuficiente idade de seu filho (Atenodoro) para fazê-lo, acabou, sempre sob o pretexto de estar agindo em nome e a favor de Roma, por fazer uma série de conquistas que viriam a dar à porção oriental do império uma não pequena autonomia. Realizou, entre outras façanhas, a da ocupação do Egito (270 d.C.), do qual também foi declarada rainha. Nesse mesmo ano, ao se tornar imperador, Aureliano, percebendo que a política de Zenóbia estava pondo em risco a unidade do império, resolveu tomar medidas para reverter a situação. Dois anos depois, não sem antes haver resistido o quanto pôde, Zenóbia foi capturada pelos romanos, e a cidade de Palmira, desprovida de sua rainha, não viu outra saída senão se render.

<sup>59</sup> *Tomiris*. Rainha massageta do século sexto antes de Cristo. Em 529 a.C., Tomiris, já viúva, recebeu uma proposta de casamento de Ciro, o Grande, rei da Pérsia. A rainha recusou indignada, e Ciro, inconformado com a negativa, invadiu seu território e aprisionou seu filho. Tomiris exigiu sua libertação, mas o rei ignorou o pedido, o que a levou a promover uma batalha na qual ele foi derrotado e morto.

<sup>60</sup> *Semíramis*. Rainha síria cujo reinado começa em 2005 a.C., ano do falecimento do rei Nino. “Después de la muerte de su marido, que dexó por sucesor del reyno a su hijo Nino, segundo deste nombre, no usando coronarle y entregarle el gobierno de tan grande estado porque era muy moço, acordó ella de tomar sobre sí aquel cuydado; mas como fuesse imposible ser regido de una muger trató de vestirse como hombre y fingir que era su hijo, y lo pudo hazer bien porque en las posturas y facciones del rostro pareció mucho a su hijo” (Covarrubias, *Tesoro*, p.933). Semíramis não se limitou a preservar o império conquistado por seu marido, mas estendeu seus domínios até a Etiópia e edificou a grande cidade da Babilônia.

<sup>61</sup> *Pantasiléia*. Rainha das amazonas na mitologia grega, da qual se diz ter sido morta por Aquiles ao lutar contra os gregos na guerra de Tróia.

<sup>62</sup> *selo*. “Los antiguos trayan en un anillo esculpida alguna figura, como la esfinge, el minotauro o otras figuras de aves y animales o de dioses, y con ellas sellavan sus cartas, como aora lo hazen los hombres de cuenta con el sello de sus propias armas” (Covarrubias, *Tesoro*, p.932). “Echar el sello en un negocio, concluirlo, porque el sello es la postrera cosa que se pone en los instrumentos públicos autenticados” (idem, p.491).

<sup>63</sup> *Madrúcio*. Refere-se ao cardeal Christoforo Madrucci. O dito (que Arturo del Hoyo adverte ter sido extraído do *Detti memorabili di personaggi illustri* de Botero) vai reaparecer no

Acessível é o primor a um varão calado; qualificada inclinação, melhorada com arte, prenda de divindade, se não por natureza, por semelhança.

### PRIMOR III

#### A MAIOR PRENDA DE UM HERÓI

Grandes partes se desejam para um grande todo, e grandes prendas para a máquina de um herói.

Graduam em primeiro lugar os apaixonados<sup>64</sup> ao entendimento como origem de toda grandeza; e assim como não admitem grande varão sem excessos de entendimento, assim não reconhecem varão excessivamente entendido sem grandeza.

É o melhor do visível o homem, e nele o entendimento: logo suas vitórias, as maiores.

Apropria-se esta capital prenda de outras duas, o fundo do juízo e a elevação do engenho, que formam um prodígio se se ajuntam.

Assinalou prodigamente a filosofia duas potências no recordar e no entender. Admita-se à política, com mais direito, introduzir divisão entre o juízo e o engenho, entre a *sindérese*<sup>65</sup> e a agudeza.

---

*Oráculo Manual* (frgto. 126) sob a forma “no es necio el que hace la necesidad, sino el que, hecha, no la sabe encubrir”.

<sup>64</sup> *Apaixonados*. Referência àqueles cujo caráter está sujeito aos afetos.

<sup>65</sup> *Sindérese*. Assim como o juízo, funda-se a *sindérese* na faculdade de ponderar com acerto, de julgar com retidão. Mas enquanto aquele corresponde à capacidade de fazê-lo, e, portanto, a uma habilidade natural, esta decorre, mais propriamente, de uma inspiração momentânea, ou, na definição de Santo Tomás de Aquino, de uma “centelha de consciência” (Aquino, Santo Tomás de. *Summa theologica* 2.<sup>a</sup>, I, 94, art.I, 82; referência extraída de Hansen, João Adolfo. *Op. cit.*, p.38). A *sindérese*, pode-se dizer, está para o juízo assim como a agudeza para o engenho (daí o paralelismo estabelecido por Gracián nessa sentença): sustenta-se não apenas na configuração inata do indivíduo, mas também, e sobretudo, em sua adesão a uma prática determinada (no caso, o cultivo da prudência); é uma expressão particularmente intensa ou “aguda” da faculdade que lhe é afim, e, na medida em que é produção, é também fugaz, pois tem a brevidade que lhe conferem os limites da circunstância feliz em que se dá (vide notas n.º 15, 17, 18 e 34).

Somente esta distinção de inteligências introduz a verdade escrupulosa<sup>66</sup>, condenando tanta multiplicação de engenhos à confusão da mente com a vontade.

É o juízo trono da prudência, é o engenho esfera da agudeza; qual excelência e qual mediania deva preferir-se, é pleito perante o tribunal do gosto. Atenho-me à que assim imprecava: “Filho, Deus te dê entendimento do bem.”

A valentia<sup>67</sup>, a prontidão, a sutileza de engenho, sol é deste mundo em cifra<sup>68</sup>, se não raio, vislumbre de divindade. Todo herói participou<sup>69</sup> excesso de engenho.

São os ditos de Alexandre esplendores de seus feitos. Foi pronto César no pensar como no fazer.

Mas apreciando os heróis verdadeiros, equivoca-se<sup>70</sup> em Augustino<sup>71</sup> o augusto com o agudo, e no louro<sup>72</sup> que deu Huesca para coroar Roma competiram a constância<sup>73</sup>e a agudeza.

---

A *sindérese*, como discernimento, não poderia ser senão atributo de discretos, mas, mais do que isto, é também, dado o seu carácter superlativo, dispositivo perfeitamente capaz de, por si só, arrebatar o homem à vulgaridade. Lê-se no *Oráculo Manual*: “Sonlo todos los desvanecidos, presuntuosos, porfiados, caprichosos, persuadidos, extravagantes, figureros, graciosos, noveleros, paradoxos, sectarios y todo género de hombres destemplados, monstros todos de la impertinencia. (...) Pero ¡quién corregirá tanto desconcierto común! Donde falta la *sindéresis* no queda lugar para la dirección, y la que había de ser observación reflexa de la irrisión es una mal concebida presunción de aplauso imaginado.” (*Oráculo Manual*, 168, p.198)

<sup>66</sup> *Escrúpulo*. “Vale cantillo pequeño, chinilla, que se entra por el çapato y causa desassossiego y dolor en el pie al que va caminando con ella. Por metáfora, llamamos *escrúpulo* una duda que tenemos de alguna cosa, se es así o no es así; y esto nos trae inquietos y desassossegados, hasta que nos satisfacemos y enteramos de lo que es, y particularmente en materias de conciencia.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.542)

<sup>67</sup> *Valentia*. “Energia; Força; Vigor.” (Morais, p.2461)

<sup>68</sup> *sol é deste mundo em cifra*. Entenda-se “é sol deste mundo cifrado”. A valentia, a prontidão e a sutileza, argumenta Gracián, são o “sol deste mundo”, vale dizer, o que nele há de melhor, o qual, prossegue ele, é vislumbre do “sol do outro mundo”, a divindade.

<sup>69</sup> *Participar*. “Fazer saber; transmitir, anunciar; dar parte de” (Morais, p.1741). Assim, o herói comunica ou dá notícia aos outros de seu “excesso de engenho” por meio de suas ações e ditos agudos.

<sup>70</sup> *Equívoco*. “Es el nombre impuesto a diferentes cosas; como en latín esta palabra *canis*, que significa el perro animal terrestre, un pez de la mar y una estrella o constelación; *et aries*, el carnero, animal, y una máquina dicha deste nombre y un signo del zodiaco. En nuestra lengua castellana tenemos muchos nombres equívocos, lo qual es ocasión de algunas galanterías y dichos agudos, jugando del vocablo, tomado en diversas sinificaciones. Exemplo: Antojos; significa esta palabra las lunetas de vidrio de que usan los cortos de vista, y los apetitos de las preñadas.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.528)

No início de sua *Agudeza e Arte do Engenho*, Gracián afirma: “La primera distinción sea entre la agudeza de perspicacia y la de artificio; y esta es el asunto de nuestra arte. Aquella

São tão felizes as prontidões do engenho quanto azares as da vontade. Asas são para a grandeza com as quais muitos se elevaram do centro do pó ao do sol, em luzimentos.

---

tiende a dar alcance a las dificultosas verdades, descubriendo la más recóndita; esta, no cuidando tanto deso, afecta la hermosura sutil; aquella es más útil, esta, deleitable” (*Agudeza y Arte...*, p.243). Após estabelecer essa distinção entre “agudeza de perspicácia” e “agudeza de artifício” o autor propõe, para esta última (ponto de partida de toda a argumentação posterior da obra), algumas subdivisões. A primeira delas, “adequada” porém “vulgar”, conforme o próprio Gracián vai dizer algumas linhas depois, fragmenta-a em “agudeza de concepto”, “agudeza verbal” e “agudeza de acción”: é no segundo desses ítems que ele situa o equívoco, figura à qual dedica o Discurso XXXIII da mesma obra. “La primorosa equivocación...”, define-a ele nesse Discurso, “...es como una palabra de dos cortes y un sinificar a dos luces. Consiste su artificio en usar de alguna palabra que tenga dos sinificaciones, de modo que deje en duda lo que quiso decir” (idem, p.396).

<sup>71</sup> *Augustino*. Santo Agostinho (354-430). A respeito do motivo pelo qual Gracián teria escolhido a forma mais latinizada “Augustín” ao invés da corrente “Agostín”, Arturo del Hoyo esclarece: “Se refiere [“Augustinus”] a San Agustín, en latín ‘Augustinus’. Suele preferir Gracián la forma más próxima a la latina por jugar del vocablo. En este caso, Gracián, ‘apreciando a los héroes verdaderos’, los santos, se acuerda de San Agustín o Augustino, en quien se da lo augusto de un César y lo agudo de su propio ingenio, más sublime que el de César, por ser más alto su fin” (Arturo del Hoyo, *El Héroe*, p.10). Fica assim explicado, também, o motivo pelo qual preferimos conservar o nome tal qual ele aparece no texto de Gracián a usar o seu equivalente português “Agostinho”.

<sup>72</sup> *louro*. Alusão a São Lourenço, cuja cidade natal é Huesca. Permite deduzi-lo a seguinte passagem do Discurso XVI da *Agudeza y Arte...*: “Así Huesca bien puede ser que la hagan ventaja otras ciudades en edificios, jardines, puertos, alcázares, cortes, riqueza y número de moradores, pero si ella sale ladeada de sus dos hijos, de sus dos mártires, de sus dos levitas Laurencio y Vincencio, todas le han de ceder la ventaja”; e também a citação, no Discurso XXXIII, do poema *al Laurel de la vencedora Huesca*, extraído da primeira parte dos *Conceptos espirituales* de Alonso de Ledesma (1552-1623), que reza:

*Esas encendidas Barras  
que abrasan vuestras costillas,  
para otros son parrillas,  
mas para vos frescas parras.*

*Seréis sabroso bocado,  
para la mesa de Dios,  
pues sois crudo para vos  
y para todos asado.*

São Lourenço, como é sabido, foi preso em 258 pelo prefeito de Roma, Valeriano, e, após ter sido longamente chicoteado, estendido em uma grade de ferro por sobre uma fogueira. Conta a lenda que, em meio ao seu martírio, ele teria dito a Valeriano que aquele fogo o refrescava, pois as chamas, em pouco tempo, lhe abririam as portas do Céu. Conta-se ainda que alguns momentos antes de expirar Lourenço teria novamente se dirigido ao prefeito, desta vez com uma expressão zombeteira, para lhe dizer: “Este lado já está bem assado; mande que me virem do outro, tirano, e depois coma-me!”.

<sup>73</sup> *Constância*. Vide nota n.º 41.

Dignava-se certa vez o Grande Turco, de um balcão, antes ao vulgo de um jardim que ao da praça, prisão da majestade e grilhões do decoro<sup>74</sup>. Começou a ler um papel que, ou por burla ou por desengano da maior soberania, fê-lo voar o vento dos olhos às folhas. Aqui os pagens, êmulos dele e de si mesmos, voaram escada abaixo com asas da lisonja. Um deles, Ganimedes<sup>75</sup> por seu engenho, soube achar atalho pelo ar; arrojou-se do balcão. Voou, colheu-o e subia quando os outros desciam, e isto foi subir com propriedade, e ainda elevar-se, porque o príncipe, lisonjeado eficazmente, levantou-o a seu valimento.

Pois a agudeza, se não reina, merece co-reinar.

É em todo o seu porte, a manilha<sup>76</sup> das prendas, grande pregoeira da reputação, maior realce quanto mais sublime o fundamento.

São agudezas coroadas os habituais ditos de um rei. Pereceram grandes tesouros de monarcas, mas conservam-se suas sentenças no porta-jóias da fama.

Valeu mais a muitos campeões uma agudeza que todo o ferro de seus esquadões armados, sendo o prêmio de uma agudeza uma vitória.

---

<sup>74</sup> *Dignava-se certa vez o Grande Turco, de um balcão, antes ao vulgo de um jardim que ao da praça, prisão da majestade e grilhões do decoro.* Deixa-se entrever nesta sentença a hierarquia que perpassa a oposição “jardim X praça” no universo de Gracián: o “Grande Turco” digna-se a dirigir sua palavra ao vulgo, mas ele somente o faz ao do jardim, e nunca ao da praça, pois nesta a majestade e o decoro, que no entender de Gracián são próprios da realeza, não teriam a seu ver lugar. Eis como Covarrubias define estas duas palavras: “Jardín. Huerto de recreación de diversas flores y yervas olorosas, con fuentes y cuadros repartidos con muchos lazos, y obra (...) de mesas de arrayán y de otras yervas”; “Plaça. Del nombre latino *platea*, lugar ancho y espacioso dentro del poblado, lugar público, donde se venden los mantenimientos y se tiene el trato común de los vecinos y comarcanos” (Covarrubias. *Tesoro*, ps.712 e 873, respectivamente). Percebe-se aqui claramente que enquanto “jardín” refere um ambiente ricamente ornamentado, destinado aos gostos mais exigentes, a “plaça” é simplesmente o cenário em que se dão as transações comerciais que a plebe ordinariamente realiza em seu dia-a-dia.

<sup>75</sup> *Ganimedes.* “Fingen los poetas aver sido un muchacho hermosísimo, hijo de Troyo, rey de Troya, del qual tomó el nombre; y andando a caça en el monte Ida fué arrebatado de un águila y llevado al cielo para que sirviese de page de copa a Júpiter, repudiada Hebe, hija de Juno, que había antes este oficio” (Covarrubias. *Tesoro*, p.628)

<sup>76</sup> *Manilha.* No original “malilla”. Antônio de Morais afirma ser o nome “com que se designam certas cartas em vários jogos” (Morais, p.1452). Arturo del Hoyo, por sua vez, especifica: “Carta que, en el juego, tenía un valor arbitrario, el que conviniera a su poseedor” (A. Hoyo, *El Héroe*, p.10). Parece funcionar, pois, de modo semelhante ao ‘Coringa’ de vários outros jogos, que pode tomar diferentes valores segundo o interesse do jogador.

Foi prova, foi pregão do maior crédito do rei dos sábios e do mais sábio dos reis<sup>77</sup> a sentenciosa prontidão naquele pleito extremo, que foi o chegar a pleitearem-se os filhos; que também credita o engenho a justiça.

E ainda em bárbaros tribunais assiste o que é sol dela. Compete com a de Salomão a prontidão daquele Grande Turco: pretendia um judeu cortar uma onça de carne de um cristão, pena sobre usura; insistia nisso com tanta teimosia junto a seu príncipe, quanto com perfídia a seu Deus. Mandou o grande juiz trazer peso e cutelo; ameaçou-o com a degola se cortasse a mais ou a menos. E com isto deu um agudo corte à lide, e ao mundo um milagre de engenho.

É a prontidão oráculo nas maiores dúvidas, esfinge nos enigmas, fio de ouro em labirintos, e costuma ser da condição do leão, que guarda o extremar-se para o maior aperto.

Mas há também dissipadores de engenho como de bens, pródigos de agudeza: para presas sublimes, tagarotes<sup>78</sup>; para as vis, águias. Mordazes e satíricos, pois se os cruéis foram amassados com sangue, estes com veneno. Neles a sutileza, com estranha contrariedade, por ser leve, abate, sepultando-os no abismo de um desprezo, na região do enfado.

---

<sup>77</sup> Alusão ao rei Salomão do Velho Testamento, tido tradicionalmente como exemplo de sabedoria. Conta-se a respeito deste rei que ele teria resolvido o impasse provocado por duas mulheres que se diziam mães da mesma criança ordenando que esta fosse cortada ao meio e dividida entre ambas. Tendo ouvido a ordem, uma delas imediatamente teria cedido e implorado que a criança fosse poupada e entregue aos cuidados da outra. Salomão, cuja ordem não teria passado de premeditada encenação, declarou então ser justamente esta que se dizia farsante a mãe verdadeira, visto ter sido ela a única capaz de abrir mão da disputa em favor da vida da criança.

<sup>78</sup> *Tagarote*. O “tagarote”, define Covarrubias, é “Cierta especie de falcón, que no debe ser estimado como los demás, pero se sirven dél para ayudar” (Covarrubias. *Tesoro*, p.950). No trecho em questão Gracián opera uma espécie de inversão de lugares: às presas sublimes faz corresponder a ave de caça menos apreciada e vice-versa, visto ser a águia animal que se distingue pela singular desenvoltura de seus dons de caça. A metáfora sugere que os dissipadores de engenho usariam desperdiçar as suas agudezas com interlocutores “vis”, de pouco engenho, ao passo que, com os de fato engenhosos, mostrariam grande parcimônia no uso das mesmas. O uso por assim dizer “deslocado” da arte de produzir agudezas no trato com os que não têm a habilidade de fazê-lo faria deles homens “mordazes”, “satíricos” e “venenosos”, e, por isso mesmo, “desprezados”: daí o serem eles, tal como Gracián engenhosamente o quer, abatidos, com estranha contrariedade, pela leve sutileza de ditos agudos.

Até aqui, favores da natureza; a partir daqui, realces da arte. Aquela engendra a agudeza, esta a alimenta, já de alheios saís, já da precavida advertência.

São os ditos e feitos alheios, numa fértil capacidade, sementes de agudeza, das quais, fecundado, o engenho multiplica a colheita de prontidões e a abundância de agudezas.

Não advogo pelo juízo, pois ele fala por si bastantemente.

## PRIMOR IV

### CORAÇÃO DE REI<sup>79</sup>

Grande cabeça é próprio de filósofos; grande língua, de oradores; peito, de atletas; braços, de soldados; pés, de corredores; ombros, de palanquins<sup>80</sup>: grande coração, de reis. Das divindades de Platão e texto em favor do coração armam, alguns, pleitos à inteligência.

Que importa que o entendimento se adiante, se o coração fica? Concebe docemente o capricho o que lhe custa muito ao coração trazer a luzimento.

São estéreis, em geral, as sutilezas do discurso, e fraquejam por sua pouca firmeza na execução.

---

<sup>79</sup> *Coração de rei*. A palavra “corazón” não vai ser usada aqui para referir afetividade ou amor, mas apenas bravura, disposição para lutar contra os inimigos e ao mesmo tempo habilidade para vencê-los. Covarrubias repete esse mesmo sentido (o que sugere ser esse uso um lugar comum à época de Gracián) ao afirmar: “Los animales medrosos tienen el corazón mayor en proporción que los demás, como es la liebre, el ciervo, el ratón y otros animales cobardes (...). Y así tener gran corazón un hombre o un animal, quando le loamos de animoso, no es tenerle materialmente grande en cantidad, sino en fuego, animosidad y determinación” (Covarrubias. *Tesoro*, p.355). O termo também se reveste do sentido de “magnanimidade”, disposição definida por Aristóteles como uma propensão à realização de grandes atos (Aristóteles. *Ética a Nicômacos*, IV, 3).

<sup>80</sup> *Palanquim*. Liteira; tomado aqui como referência aos carregadores.

Procedem grandes efeitos de grande causa, e portentos de façanhas de um prodígio de coração. São gigantes os filhos de um coração gigante. Supõe sempre empenhos de seu tamanho, e afeta<sup>81</sup> assuntos principais.

Grande foi o de Alexandre, e arquicoração, pois coube num canto dele todo este mundo folgadoamente, deixando lugar para outros seis.

Máximo o de César, que não achava meio entre tudo e nada.

É o coração o estômago da fortuna, que digere com igual bravura seus extremos. Um grande bucho<sup>82</sup> não se embaraça com grandes bocados, não se estraga facilmente com a afetação, nem se azeda com a ingratição. É fome de um gigante a saciedade de um anão.

Aquele milagre de bravura, digo, o delfim da França então e Carlos Sétimo<sup>83</sup> depois, notificando-se-lhe a sentença espremida no Supremo entre os dois reis -o da França, seu pai, e o da Inglaterra, seu antagonista-, em que o declaravam incapaz de suceder na coroa dos lírios<sup>84</sup>, respondeu invicto que apelava. Instaram-lhe com admiração a quem. E ele, que à grandeza de seu coração e à ponta de sua espada. E valeu-lhe.

Não brilha tão ufano o quase eterno diamante em meio aos vorazes carbúnculos como soleia<sup>85</sup> (se assim pode chamar-se um fazer do sol) um augusto coração em meio às violências do perigo.

Rompeu, com apenas quatro dos seus, o Aquiles moderno, Carlos Manuel de Saboya<sup>86</sup>, por meio de quatrocentas couraças inimigas, e satisfez a universal admiração dizendo que não há companhia no maior aperto como a de um grande coração.

---

<sup>81</sup> *Afeta*. Refere, diz respeito a.

<sup>82</sup> *Bucho*. No original “buche”. Em espanhol, como em português, a palavra designa o aparelho digestivo de diversos animais, e é usada também para referir o estômago humano, tal como acontece nesta frase de Gracián, embora, neste caso, o termo ganhe um sentido acentuadamente burlesco. A presença da palavra parece servir aqui para emprestar ao “coração” a sua voracidade, a qual se traduz, como sabemos, em bravura, em animoso ímpeto de lutar contra os inimigos e vencê-los (vide nota n.º 79).

<sup>83</sup> *Carlos VII*. Rei da França de 1422 a 1461, filho de Carlos VI e de Isabel da Baviera. Carlos VII viu-se na iminência de perder o trono para os ingleses em virtude do tratado de Troyes quando a situação inesperadamente reverteu a seu favor.

<sup>84</sup> *Coroa dos lírios*. A coroa da França, cujo emblema é o lírio ou flor de lis.

<sup>85</sup> *soleia*. O verbo “solear”, conforme sugere a observação entre parênteses que aqui o segue, é um neologismo de Gracián para designar a ação do sol de fazer brilhar seus raios.

Supre a sobra dele a falta de tudo o mais, sendo sempre o primeiro que chega à dificuldade e vence.

Apresentaram ao rei da Arábia um alfanje damasquino, lisonja para um guerreiro. Elogiaram-no os grandes da assistência áulica, não por cerimônia, sim com razão, e, atentos à fineza e arte, estenderam-se a julgá-lo raio de aço, se não pecasse por ser algo curto. Mandou chamar o rei ao príncipe para que desse seu voto, e podia, pois era o famoso Jacob Almanzor<sup>87</sup>. Veio, examinou-o, e disse que valia uma cidade, apreciar próprio de um príncipe. Instou o rei se lhe achava alguma falta. Respondeu que tudo eram sobras. “Pois, príncipe, estes cavaleiros, todos o condenam por ser curto.” Ele, então, deitando mão à sua cimitarra, disse: “Para um cavaleiro animoso nunca há arma curta, porque ao dar ele um passo à frente, amplia-se ela bastantemente, e o que lhe falta de aço supre-o o coração com bravura.”

Laureie este intento a magnanimidade nos agravos, timbre augusto de grandes corações. Ensinou Adriano um raro sobre excelente modo de triunfar dos inimigos, quando ao maior deles disse: “Escapaste.”<sup>88</sup>

Não há encômio igual a dizer Luis Duodécimo da França: “Não vinga o Rei os agravos feitos ao Duque de Orleans”<sup>89</sup>. São milagres do coração de um herói.

---

<sup>86</sup> *Carlos Manuel de Saboya*. Em 1594, por ocasião do início da guerra entre a França e a Espanha que se estenderia até 1598, o duque Carlos Manuel de Saboya foi nomeado chefe supremo das tropas espanholas em combate.

<sup>87</sup> *Jacob Almanzor*. Nascido em 940 e falecido em 1002, o califa Almanzor, referido aqui como “príncipe”, é talvez o mais famoso líder árabe da Idade Média. Membro de uma família nobre mas não ilustre, Almanzor recebeu o califado das mãos de Hisham II, que, tendo manifestado seu desejo de se dedicar por completo a exercícios de piedade, declarou-o seu sucessor em todas as funções do governo.

<sup>88</sup> Adriano, imperador de Roma entre os anos 117 e 138 da era cristã, anunciou, no início dos anos trinta, o seu propósito de reconstruir a então destruída Jerusalém. Mas ela seria reconstruída, advertiu ele, como cidade romana, e o templo que nela se erigisse não seria consagrado senão a ele próprio. Os judeus, descontentes ao extremo com tal decisão, não tardaram a se rebelar. Sob o comando de um homem chamado Simón bar Kojba (o “maior inimigo” de Adriano), eles se reuniram nas ruínas de Jerusalém e juraram lutar até a morte para expulsar os romanos da região. A princípio os rebeldes obtiveram algumas vitórias significativas, e Bar Kojba chegou a ser aclamado “príncipe de Israel”. No ano 134, porém, Jerusalém caiu novamente nas mãos dos romanos, e Bar Kojba e seus seguidores, atemorizados com a situação, acabaram por fugir para o sul da Judéia.

<sup>89</sup> *Não vinga o rei os agravos feitos ao Duque de Orleans*. Luís XII, antes de se tornar rei, havia sido duque de Orleans, e as palavras que lhe são atribuídas significam, portanto, que ele não vingaria os agravos que lhe tivessem sido feitos quando era apenas duque. Tal disposição

## PRIMOR V

### GOSTO RELEVANTE

Toda boa capacidade foi mal contentadiça. Há cultura do gosto, assim como do engenho. Ambos relevantes, são irmãos de um único ventre, filhos da capacidade, herdeiros iguais na excelência.

Engenho sublime nunca criou gosto rasteiro.

Há perfeições sóis e há perfeições luzes. Galanteia a águia ao sol, perde-se o alado vermezinho pela luz de um candeeiro, e mede-se a altura de um cabedal pela elevação do gosto.

Tê-lo bom é algo, tê-lo relevante é muito. Aderem-se os gostos com a comunicação, e é sorte topar com quem o tem superlativo.

Têm muitos por felicidade (de empréstimo quiçá) gozar daquilo que lhes apetece, condenando a infelizes os demais; mas desforram-se estes pelos mesmos gumes, de modo que se vê a metade do mundo rindo-se da outra, com maior ou menor necessidade.

É qualidade um gosto crítico, um paladar difícil de satisfazer; os mais valentes objetos o temem e tremem as mais certas perfeições.

É a estimação preciosíssima, e de discretos o regateá-la; toda escassez em moeda de aplauso é fidalga, e, ao contrário, desperdícios de estima merecem castigo de desprezo.

---

aparece aqui como uma louvável mostra de sua magnanimidade, “timbre agosto”, como o quer Gracián, dos “grandes corações”, ou, conforme indica o título do primor, dos corações de rei. Ela dá-lhe ‘autoridade’ e ‘soberania’, pois supõe-se que ao considerar rebaixamento uma vingança sobre o inferior ele estaria a se afirmar acima de qualquer outra coisa no reino.

A admiração é comumente sobrescrito da ignorância; não nasce tanto da perfeição dos objetos, quanto da imperfeição dos conceitos<sup>90</sup>. São únicas as perfeições de primeira magnitude; seja, pois, raro o apreço.

Quem teve gosto rei foi o prudente dos Felipes da Espanha<sup>91</sup>, afeito sempre a objetos milagres, que nunca se pagava senão do que era maravilha em sua série.

Apresentou-lhe um mercador português uma estrela da terra, digo, um diamante do Oriente, cifra<sup>92</sup> da riqueza, pasmo do esplendor. E quando todos aguardavam, se não admirações, reparos em Felipe, escutaram desdêns, não porque afetasse o grande monarca o descomedido como grave<sup>93</sup>, senão porque um gosto afeito sempre a milagres de natureza e arte não se pica assim vulgarmente. Que passo este para uma fidalga fantasia! “Senhor, -disse-, setenta mil ducados que abreviei neste digno neto do sol não são de enojar.” Apertou o ponto Felipe e disse-lhe: “Em que pensavas quando deste tanto?” “Senhor, -acudiu o português, como tal<sup>94</sup>-, pensava em que havia um rei

---

<sup>90</sup> *Conceito*. Vide nota n.º 15.

<sup>91</sup> *O prudente dos Felipes da Espanha*. Trata-se, conforme o próprio Gracián vai explicitá-lo algumas linhas depois, de Felipe II, rei da Espanha de 1556 a 1598, bisneto dos reis católicos e filho primogênito de Carlos V e Isabel de Portugal. Escreve Bleye Aguado a seu respeito: “Todos os negócios, grandes e pequenos, passavam por suas mãos; foi por isso chamado ‘el rey papelero’. Ele os considerava com calma, mas pecava por ser lento e irresoluto. Essa irresolução ocasionava atrasos que, definitivamente, favoreciam os seus inimigos. O título de *Prudente* que lhe era dado em vida lhe é agora regateado, pelas mesmas razões -lentidão, indecisão- que pareciam então justificá-lo” (Bleye, Pedro Aguado. “Felipe II, Rey de España”, em: *D.H.E.*. V.I. p.1078. Tradução nossa.). E o autor conclui: “Carecia Felipe II de índole heróica. Esta carência justificaria a teoria do professor Aurelio Viñas (...), segundo a qual Felipe II pouco ou nada teria de espanhol. É claro que outros escritores o consideraram espanholíssimo. É o caso de Baltasar Gracián (*El Héroe*, cap. V), que apresenta como argumento a necessidade que este grande rei tinha de não se contentar senão com maravilhas” (idem, p.1080).

<sup>92</sup> *um diamante do Oriente, cifra da riqueza*. O sentido da palavra “cifra” é aqui menos de ocultamento que de síntese ou figura: cifra-se no diamante a riqueza, isto é, ele propriamente a contém, ainda que de forma sintética.

<sup>93</sup> *Grave*. Segundo Antônio Morais, é adjetivo que nomeia aquilo “Que tem peso apreciável, que tende para o centro da Terra” (Morais, p.1186). No caso desta passagem, entretanto, trata-se de um substantivo a designar um objeto de peso conhecido utilizado como referencial na pesagem de outros objetos. Ao “afetar o descomedido como o grave” Felipe II estaria, segundo esta metáfora, adotando, de modo intencional, um padrão referencial de valor exageradamente elevado na avaliação do diamante. Mas o rigor de sua avaliação, adverte Gracián, não teria resultado de semelhante afetação, e sim de sua própria experiência, que, acostuada a objetos de altíssimo valor, acabou produzindo um gosto muito exigente.

<sup>94</sup> *como tal*. De acordo com sua natureza de português.

Felipe Segundo no mundo.” Picou ao monarca mais a agudeza que a preciosidade<sup>95</sup>, e mandou logo pagar-lhe o diamante e premiar-lhe o dito, ostentando a superioridade de seu gosto no preço e no prêmio.

Sentem alguns que o que não se excede em elogiar, vitupera. Eu diria que as sobras do elogio são múnguas da capacidade, e que o que elogia com sobra ou zomba de si ou dos outros.

Não tinha como oficial o grego Agesilau<sup>96</sup> ao que calçava num pigmeu o sapato de Encélado<sup>97</sup>, e em matéria de elogio é arte medir justo.

Estava o mundo cheio das proezas do que foi alba do maior sol<sup>98</sup>, digo, das vitórias de dom Hernando Álvarez de Toledo e, com encher um mundo, não chegavam à metade de seu gosto. Como lhe estranhassem a causa, disse que, em quarenta anos de vencer, tendo por campo toda a Europa, por brasões todas as empresas<sup>99</sup> de seu tempo,

---

<sup>95</sup> *Picou ao monarca mais a agudeza que a preciosidade.* Em chave literal “picar” significa, tal como Covarrubias o define, “herir de punta” (Covarrubias. *Tesoro*, p.869); designa, portanto, a ação que é passível de ser realizada por objetos agudos e, por isso mesmo, capazes de perfurar superfícies e invadir interiores pouco acessíveis. Mas agudeza é, também, o fruto do engenho, mostra de um intelecto superior e capaz de atingir, por sua sutileza, aquele a quem se dirige a palavra. O verbo assume aqui um sentido metafórico, pois aquilo que “pica” o rei e o leva a comprar o diamante não é propriamente um objeto, mas antes a agudeza lisonjeira que é pronunciada pelo mercador português.

<sup>96</sup> *Agesilau.* Rei de Esparta de 399 a 360 a.C.

<sup>97</sup> *Encélado.* Nome de um dos gigantes que, após a libertação de Prometeu, teriam sido engendrados pela terra para lutar contra os novos deuses. Calçar o sapato de Encélado em um pigmeu implicaria, obviamente, uma grotesca desproporção. O dito atribuído a Agesilau, que era bastante reputado em estratégias militares, parece aludir à tática bélica elementar de avaliar o potencial das forças inimigas a fim de mais eficazmente preparar as próprias para o combate (embora, sem dúvida, a imagem seja aplicada aqui à questão do elogio).

<sup>98</sup> *alba do maior sol.* “Alba”, além de referir a cidade espanhola “Alba de Tormes” significa, assim em espanhol como em português, “alvorada”, “nascer do sol”. Esclarece Arturo del Hoyo: “ ‘Alba’, se refiere al duque de Alba, y ‘mayor sol’ a Felipe II. Don Hernando Álvarez de Toledo fue el tercer duque de Alba (1507-82), llamado *el Grande*” (Arturo del Hoyo, *El Héroe*, p.14). O duque de Alba, que no reinado de Carlos V tivera grande participação política, diplomática e militar, acabou por se tornar, por indicação deste, o principal conselheiro de seu filho Felipe II.

Apesar do altissonante elogio que recebem aqui de Gracián, Felipe II e o duque de Alba teriam gozado no seu tempo de notável impopularidade. Ambos se fizeram notar pela grande violência dos métodos de repressão adotados em sua obstinada luta contra o protestantismo.

<sup>99</sup> *Empresa.* “Emprender. Determinarse a tratar algún negocio arduo y dificultoso (...). Y de allí se dixo empresa, el tal acometimiento. Y porque los cavalleros andantes acostumbraban pintar en sus escudos, recamar en sus sobrevestes, estos designios y sus particulares intentos, se llamaron empresas; y también los capitanes en sus estandartes quando yvan a alguna conquista.

parecia-lhe tudo nada, pois nunca havia visto exército de turcos à frente, em que a vitória fosse triunfo da destreza e não do poder, em que a excessiva potência humilhada exaltasse a experiência e valor de um comandante. Tanto é mister para aplacar o gosto de um herói.

Não ensina este primor a ser Momo<sup>100</sup> um varão culto, que é insofrível intemperança; e sim, a ser integérrimo crítico de seu valor. Fazem alguns escravo o juízo do afeto, pervertendo<sup>101</sup> os ofícios do sol e das trevas.

Mereça cada coisa a estimação por si, não por subornos do gosto.

Só um grande conhecimento, favorecido por uma grande prática, chega a saber os preços das perfeições. É onde o discreto não pode lisamente votar, não se arroje; detenha-se, não revele antes a falta própria do que a sobra alheia.

## PRIMOR VI

### EMINÊNCIA NO MELHOR

Abarcar toda perfeição apenas se concede ao Primeiro Ser, que, por não recebê-lo de outro, não sofre limitações.

Das prendas, umas o Céu dá, outras libera para a indústria<sup>102</sup>; uma ou duas não bastam para realçar um sujeito; quanto destituiu o Céu das naturais, supra a diligência

---

De manera que empresa es cierto símbolo o figura enigmática hecha con particular fin, endereçada a conseguir lo que se va a pretender y conquistar o mostrar su valor y ánimo". (Covarrubias. *Tesoro*, p.509)

<sup>100</sup> *Momo*. Figura mitológica, espécie de personificação do ridículo. A seu respeito Covarrubias escreve: "Fingieron los poetas que de la Noche y el Sueño nació un hijo, que llamaron Momo. Éste no haze cosa alguna, y sólo sirve de reprehender todo lo que los demás hazen"; Remigio Noydens acrescenta ainda que Momo teria sido desterrado do céu pelos deuses como pena por sua liberdade no falar (Covarrubias. *Tesoro*, p.810). "Momo", na língua portuguesa, é sinónimo de "bufo".

<sup>101</sup> *Perverter*. "Transtornar, alterar, desarranjar" (Morais, p.1801). A alteração a que nessa passagem se alude consiste, claro está, numa inversão imprópria.

<sup>102</sup> *Indústria*. Na definição de Antônio Moraes, "Destreza ou habilidade para fazer alguma

nas adquiridas. Aquelas são filhas do favor; estas, da louvável indústria, e não costumam ser as menos nobres.

Pouco é mister para indivíduo<sup>103</sup>, muito para universal; e são tão raros estes, que se negam comumente à realidade se se concedem ao conceito.

Não é um só o que vale por muitos. Grande excelência em uma intensa singularidade, cifrar<sup>104</sup> toda uma categoria e equivaler a ela.

Nem toda arte merece estimação, nem toda aplicação obtém crédito. Saber tudo, não se censura; praticar tudo seria pecar contra a reputação.

Ser eminente em profissão humilde é ser grande no pouco, é ser algo em nada. Permanecer em uma mediania apóia a universalidade; passar a eminência desluz o crédito.

Distaram muito os dois Felipes, o da Espanha e o da Macedônia<sup>105</sup>. Estranhou-se, ao primeiro em tudo e Segundo no renome<sup>106</sup>, que o príncipe cantasse em seu retrete, e abonaram os macedônios que Alexandre corresse no estádio<sup>107</sup>. Foi aquilo,

---

coisa, para executar algum trabalho manual”, ou, em sentido figurado, “Actividade, diligência” (Morais, p.1280). “Industrial”, por sua vez, é, ainda segundo Morais, o que “resulta da actividade do homem, do emprego das suas faculdades operativas e produtoras”, e diz-se, acrescenta ele, daquilo “que o homem imita da natureza para seu proveito, por oposição a *natural*” (idem).

Dentre as prendas, afirma Gracián, há as que são naturais, recebidas por graça do céu, e as que são obra da indústria, do esforço do homem em conquistá-las e aprimorá-las.

<sup>103</sup> *para indivíduo*. Entenda-se “para ser indivíduo”, e ter, assim, alcance limitado, particular. A isto se opõe o tipo ‘universal’.

<sup>104</sup> *Cifrar*. Conter por síntese.

<sup>105</sup> *os dois Felipes, o da Espanha e o da Macedônia*. Trata-se, respectivamente, de Felipe II e Alexandre Magno.

<sup>106</sup> *Segundo no renome*. “Renome” significa, aqui, epíteto ou cognome, e refere a designação “Segundo” que acompanha o nome do rei Felipe em questão.

<sup>107</sup> Refere a anedota Plutarco em sua *Paralelas*: “Tendo observado que todos os que tinha ao seu lado haviam se entregado inteiramente ao luxo e ao prazer, gastando excessivamente com tudo o que se referia às suas pessoas, (...) repreendeu-os [Alexandre] suave e filosoficamente, dizendo estar admirado de que homens que haviam enfrentado tantos e tão difíceis combates houvessem se esquecido de que repousam com mais gosto os que trabalham do que aqueles que estão ociosos, e de que não vissem (...) que entregar-se ao prazer é o que há de mais servil e abatido, e trabalhar o mais próprio de reis e dos que hão de governar (...) Passou, pois, desde então com mais empenho a atarefar-se e maltratar-se na milícia e na caça, de modo que um embaixador da Lacedemônia, que estava presente quando ele deu fim a um terrível leão, ‘muito bem, oh Alexandre -disse-lhe-, lutaste com um leão pelo reino.’ (...) Alexandre, pois, exercitando-se e incitando ao mesmo tempo os seus à virtude, expunha-se a todo risco; mas seus amigos, querendo já gozar e desfrutar da riqueza e do luxo, levavam a mal as marchas e as

pontualidade de um prudente; foi isto, descuido da grandeza. Mas, corrido Alexandre antes que corredor, acudiu bem, dizendo que competiria com reis ainda e ainda<sup>108</sup>.

Freqüentemente, o que tem mais de deleitável tem menos de heróico.

Não deve um varão máximo limitar-se a uma nem a outra perfeição, senão com ambições de infinitude aspirar a uma universalidade digna de aplauso, correspondendo a intensidade dos saberes à excelência das artes.

Nem basta qualquer ligeira cognição, empenho às corridas, pois costuma ser mais nota de vã loquacidade que crédito de fundamental inteireza.

Alcançar eminência em tudo não é o menor dos impossíveis; não por frouxidão da ambição, mas sim da diligência e ainda da vida. É o exercício o meio para a consumação no que se professa, e falta talvez o tempo -e com mais prontidão o gosto- para tão prolixa prática.

Muitas medianias não bastam para agregar uma grandeza, e uma eminência somente sobra para assegurar superioridade.

Nunca houve herói sem eminência em algo, porque esse é o caráter da grandeza, e, quanto mais qualificada a ocupação, mais glorioso o aplauso. É a eminência em uma avantajada prenda parte de soberania, pois chega a solicitar seu modo de veneração.

E se reger um globo de vento com eminência triunfa sobre a admiração, que será reger com ela um aço, uma pena, uma vara, um bastão, um cetro, uma tiara?

Aquele Marte castelhano por quem se disse “Castela capitães, se Aragão reis”<sup>109</sup>, dom Diego Pérez de Vargas, com mais façanhas que dias, retirou-se para terminá-los em Xerez da Fronteira. Retirou-se ele mas não sua fama, que a cada dia se estendia mais pelo teatro universo. Atraído por ela Alfonso<sup>110</sup>, rei novel, porém antigo

---

expedições, e, aos poucos, chegaram até a murmurar e a falar mal dele”. (Plutarco. *Vidas Paralelas*, “Alexandre”, XL-XLI. *Op. cit.*, V.II, p.259. Tradução nossa.)

<sup>108</sup> *ainda e ainda*. Uma vez e ainda outra; mais de uma vez.

<sup>109</sup> *Castela capitães, se Aragão reis*. Significa o dito que o mérito que em Aragão é suficiente para fazer um rei não faz em Castela mais que um capitão. Dom Diego Perez de Vargas teria realizado tantas e tão relevantes façanhas que, depois dele, as exigências dos castelhanos quanto aos feitos de um herói teriam se tornado em Castela muito maiores do que em outros reinos.

<sup>110</sup> *Alfonso*. Alfonso XI de Castela. A anedota, que volta a ser referida no Discurso III da *Agudeza y Arte de Ingenio*, afirma Arturo del Hoyo ter sido recolhida por Botero (*Detti memorabili di personaggi illustri*) e também por Vitrián em sua tradução das *Memórias de Felipe de Comines* (Arturo del Hoyo, *Agudeza y Arte*, p.245).

apreciador de eminências, e mais nas armas, foi procurá-lo disfarçado com apenas quatro cavaleiros.

Pois a eminência é ímã de vontades, é feitiço do afeto.

Chegado o Rei a Xerez e a sua casa, não o achou nela, porque Vargas, tendo aprendido a campear<sup>111</sup>, enganava no campo sua generosa inclinação. O Rei, que não havia levado a mal ir da corte a Xerez, não estranhou ter que ir dali à alcaria<sup>112</sup>. Descobriram-no ao longe, com uma foice na mão, a descabeçar vides com mais dificuldade que em outro tempo vidas. Mandou Alfonso fazer alto e emboscar-se os seus. Apeou-se do cavalo e, com majestosa galantaria, começou a recolher os sarmentos<sup>113</sup> que o de Vargas, descuidado, derrubava. Aconteceu de este voltar a cabeça, avisado por algum ruído que lhe fez o Rei, ou -o que é mais certo- por algum impulso fiel de seu coração. E, quando reconheceu sua majestade, arrojando-se a seus pés, ao modo daquele tempo, disse: “Senhor, que fazeis aqui?” “Prossegui, Vargas, disse Alfonso, pois para um tal podador, tal sarmentador”.

Oh, triunfo de uma eminência!

Deseje-a com ardor o varão raro, com a certeza de que o que lhe custar em fadiga, obterá em celebridade.

Pois não sem propriedade consagrou a gentilidade a Hércules o boi<sup>114</sup>, como mistério<sup>115</sup> de que o trabalho louvável é uma sementeira de façanhas que promete colheita de fama, de aplauso, de imortalidade.

---

111 *Campear*. Refere em espanhol, assim como em português, a ação de estar ou viver no campo. Mas é também termo militar que, segundo Caldas Aulete, significa “Servir em campanha, batalhar” (Caldas Aulete, V.I, p.473).

112 *Alcaria*. No original “alquería”. Segundo Antônio Morais, “Aldeia, casa de lavoura” (Morais, p.119). Covarrubias, por sua vez, nos dá a seguinte definição: “Es la casa sola en el campo donde el labrador dél se recoge con su gente y hato de labrança” (Covarrubias. *Tesoro*, p.104).

113 *Sarmento*. “Caule lenhoso, delgado, muito alongado, flexível, que se encontra na videira e noutras plantas lenhosas trepadeiras. Rama de vide seca para lenha” (Morais, p.2153).

114 *consagrou a gentilidade a Hércules o boi*. Entenda-se “a gentilidade consagrou o boi a Hércules”.

115 *Mistério*. Do ponto de vista católico, constitui “mistério” qualquer ocorrência que revela alguma coisa além dela própria. Alude o termo à vontade divina, a qual, por transcender a capacidade humana de compreensão, manifesta-se na cena terrena através de sinais ou evidências que a cifram e que são portanto passíveis de interpretação. Nesta passagem, Gracián afirma que o fato de os gentios terem consagrado o boi a Hércules (cuja fama ele torna a referir

## PRIMOR VII

### EXCELÊNCIA DE PRIMEIRO

Teriam sido alguns fênix nos empenhos não lhes tivessem ido outros à frente. Grande vantagem ser primeiro; e, se com eminência, dobrada. Ganha em igualdade o que ganhou a mão<sup>116</sup>.

São tidos por imitadores dos passados os que os seguem; e, por mais que suem, não podem purgar a suspeita de imitação.

Alçam-se os primeiros com o morgadio da fama, e ficam para os segundos mal pagos alimentos<sup>117</sup>.

Deixou de estimar a novidadeira gentildade aos inventores das artes, e passou a venerá-los. Trocou a estima pelo culto, ordinário erro, mas que exagera o que vale uma primazia.

Mas não consiste a gala em ser primeiro no tempo, senão em ser o primeiro na eminência.

É a pluralidade descrédito de si mesma, mesmo em preciosos quilates; e, ao contrário, a raridade encarece a moderada perfeição.

É, pois, destreza não comum inventar nova trilha para a excelência, descobrir moderno rumo para a celebridade. São múltiplos os caminhos que levam à singularidade, nem todos trilhados. Os mais novos, ainda que árduos, costumam ser atalhos para a grandeza.

---

no Primor VIII) é sinal ou “mistério” de que o “trabalho louvável” reverte em fama e imortalidade. O boi, como se sabe, é animal tradicionalmente utilizado na agricultura, o qual, por isso mesmo, simboliza a força do trabalho.

<sup>116</sup> *Ganhar a mão. Sair primeiro.*

<sup>117</sup> Os filhos segundos, esclarece Hoyo, tinham o direito de demandar os alimentos dos primogênitos ou morgados (*Oráculo Manual*, 63, p.170).

Seguiu sabiamente Salomão pelo pacífico<sup>118</sup>, cedendo a seu pai o guerreiro<sup>119</sup>. Mudou o rumo e chegou com menos dificuldade à grandeza dos heróis.

Almejou Tibério conseguir pelo político o que Augusto<sup>120</sup> pelo magnânimo.

E nosso grande Felipe<sup>121</sup> governou do trono de sua prudência o mundo todo, com pasmo de todos os séculos; e se aquele César<sup>122</sup>, seu invicto pai, foi um prodígio de bravura, Felipe o foi da prudência.

Ascenderam com este aviso muitos dos sóis da Igreja ao zênite da celebridade. Uns pelo eminentemente santo, outros pelo sumamente douto; tal pela magnificência nas obras, e tal por saber realçar a dignidade.

Com esta novidade de assuntos sempre conquistaram lugar os avisados no rol dos magnos.

Sem sair da arte, sabe o engenho sair do ordinário e achar na encanecida profissão novo passo para a eminência. Cedeu Horácio o heróico a Virgílio, e Marcial o lírico a Horácio. Deu pelo cômico Terêncio, pelo satírico Pérsio, aspirando todos à ufania de primeiros em seu gênero. Pois o alentado capricho nunca se rendeu à fácil imitação.

Viu o outro galante pintor<sup>123</sup> que lhe haviam tomado a dianteira Ticiano, Rafael e outros. Estava mais viva a fama quando eles mortos; valeu-se de sua invencível

---

118 O rei Salomão do Velho Testamento teria, diferentemente de seu pai David (o vencedor de Golias), se notabilizado antes por suas realizações arquitetônicas do que por suas empresas guerreiras.

119 *o guerreiro*. Entenda-se “o caráter guerreiro”.

120 *Almejou Tibério conseguir pelo político o que Augusto pelo magnânimo*. Tibério, o segundo imperador de Roma, empenhou-se em seguir a mesma linha administrativa de Augusto, seu antecessor. Augusto estava determinado a criar um governo estável, pois a unidade de Roma havia sofrido grande debilitação na fase final da República. O resgate da instituição familiar através de leis de incentivo ao casamento e o florescimento das letras durante o seu governo dão testemunho de seu intento (as obras de Horácio e Virgílio, como se sabe, nasceram sob o auspício do novo regime e não se abstiveram de louvá-lo). Mas a semelhança entre as atuações de Augusto e Tibério parecem ter se restringido quase que exclusivamente ao âmbito militar: ambos empreenderam firmemente a defesa e expansão dos limites territoriais de Roma, e esta, em sua maior parte, pôde acontecer em ambos os governos de modo relativamente pacífico.

121 *O nosso grande Felipe*. Felipe II.

122 *aquele César*. Carlos V, pai de Felipe II, coroado imperador em 1517.

123 *galante pintor*. Arturo del Hoyo acredita que para escrever este parágrafo Gracián tenha se inspirado na seguinte passagem de Antonio Pérez: “Oí un día en Venecia a Ticiano mismo, aquel gran pintor. Perguntábale un día el embajador Francisco de Vargas... por qué había dado

inventiva. Deu por pintar com vigor; objetaram-lhe alguns não pintar suave e polido, no que podia emular Ticiano, e respondeu galantemente que queria mais ser primeiro naquela grosseria que segundo na delicadeza.

Estendeu-se o exemplo a todo emprego; todo varão raro entenda bem a artimanha, e na eminente novidade saberá achar extravagante rumo para a grandeza.

## PRIMOR VIII

### QUE O HERÓI PREFIRA OS EMPENHOS APLAUSÍVEIS<sup>124</sup>

Duas pátrias produziram dois heróis: Hércules, Tebas; Catão, Roma; foi Hércules aplauso do orbe, foi Catão enfado de Roma. Um foi admirado por todos os povos, do outro se esquivaram os romanos.

Não admite controvérsia a vantagem que levou Catão sobre Hércules, pois excedeu-o em prudência, mas ganhou Hércules de Catão em fama.

Mais árduo e primoroso foi o assunto de Catão, pois empenhou-se em dominar monstros dos costumes, se Hércules da natureza; mas foi mais famoso o do tebano.

A distância consistiu em que Hércules empreendeu façanhas aplausíveis e Catão odiosas. A aplausibilidade da aplicação levou a glória de Alcides<sup>125</sup> aos confins do

---

en aquella manera de pintar tan sabida suya, de golpes de pincel groseros, casi como borrones al descuido... y no con la dulzura del pincel de los raros de su tiempo. Respondió el Ticiano: Señor, yo desconfié de llegar a la delicadeza y primor del pincel de Michel Angelo, Urbino, Corregio y Parmesano, y que cuando llegase sería estimado tras ellos, o tenido por imitador dellos, y la ambición natural, no menos a mi arte que a las otras, me hizo echar por camino nuevo, que me hiciese célebre en algo, como los otros lo fueron por el que siguieron” (Antonio Pérez: *Obras y relaciones*, cit. por Coster, *Baltasar Gracián*, p.101-102). Mas o “galante pintor”, evidentemente, não poderia ser Ticiano, já que, segundo Gracián, este teria tomado àquele a dianteira. Trata-se, na opinião de Vegue, de Navarrete, o Mudo. Vegue alega, conforme Hoyo faz notar, que o dito é atribuído a este pintor pelo padre Sigüenza em sua *História da Ordem de São Jerônimo*, publicada em 1605. (Arturo del Hoyo, *El Héroe*, p.17)

<sup>124</sup> *Aplausível*. “Digno de aplauso.” (Morais, p.213)

<sup>125</sup> *Alcides*. Hércules.

mundo e teria ido além se eles se ampliassem. O desaprazível da aplicação circunscreveu Catão dentro das muralhas de Roma.

Com tudo isto, preferem alguns, e não os menores, mas os judiciosos, o assunto primoroso ao mais aplausível; e pode mais com eles a admiração de poucos que o aplauso de muitos, se vulgares.

Milagres de ignorantes são chamados os empenhos aplausíveis.

O árduo, o primoroso de um superior assunto poucos o percebem, mas eminentes, e assim raros o creditam. A facilidade do aplausível permite-se a todos, vulgariza-se, e assim o aplauso tem de ordinário o que de universal.

Vence a intensidade de poucos a numerosidade de um vulgo inteiro.

Mas destreza é topar com as ocupações aplausíveis. Ponto é de discrição subornar a atenção comum no assunto aplausível; manifesta-se a todos a eminência, e com votos de todos graduou-se a reputação.

Devem-se estimar mais os mais. É palpável a excelência em tais façanhas, e se com evidência, aplausível; as primorosas têm muito de metafísico, deixando a celebridade na opinião.

Aplicação aplausível chamo aquela que se executa à vista de todos e ao gosto de todos, com o fundamento sempre da reputação, excluídos aqueles tão faltos de crédito quão fartos de ostentação. Rico vive de aplauso um histrião, e perece de crédito.

Ser, pois, eminente em fidalgo assunto, exposto ao universal teatro, isso é conseguir augusto aplauso.

Que príncipes ocupam os catálogos da fama, senão os guerreiros? A eles se deve com propriedade o renome de magnos. Enchem o mundo de aplausos, os séculos de fama, os livros de proezas, porque o belicoso tem mais de aplausível que o pacífico.

Dentre os juízes se extraem os justiceiros para imortais, porque a justiça sem crueldade sempre foi mais aceita pelo vulgo que a piedade remissa.

Nos assuntos do engenho triunfou sempre a aplausibilidade. O suave de um discurso aplausível alegra a alma, lisonjeia o ouvido; o seco de um conceito metafísico os atormenta e enfada.

## PRIMOR IX

### DO QUILATE REI

Não sei se chame inteligência ou sorte topar um herói com a sua prenda relevante, com o atributo rei de seu cabedal.

Nuns reina o coração, noutros a cabeça; e é ponto de necessidade querer um estudar com a bravura e lutar o outro com a agudeza.

Contente-se o pavão com sua cauda, envaideça-se a águia de seu vôo, que seria grande monstruosidade aspirar o avestruz a elevar-se nos ares, exposto a exemplar queda; console-se com o garbo de suas penas.

Não há homem que em alguma ocupação não pudesse alcançar a eminência, e vemos serem tão poucos<sup>126</sup>, que se denominam raros, tanto pelo único como pelo excelente e, como a fênix, nunca saem da dúvida.

Ninguém se considera inábil para a maior ocupação; mas aquilo que a paixão lisonjeia é desenganado tarde pelo tempo.

É excusável não ser eminente no mediano para ser mediano no eminente; mas não o é ser mediano no ínfimo, podendo ser primeiro no sublime.

Ensinou a verdade, ainda que poeta<sup>127</sup>, aquele: “Tu não empreendas assunto em que Minerva<sup>128</sup> te contradiga.” Mas não há coisa mais difícil que desenganar em matéria de capacidade.

Oh, se houvesse espelhos de entendimento como os há de rosto! Ele o tem de ser de si mesmo e facilmente se falsifica. Todo juiz de si mesmo acha logo textos de escapatória e subornos de paixão.

---

<sup>126</sup> *E vemos serem tão poucos.* Entenda-se “e vemos serem tão poucos os que efetivamente alcançam”.

<sup>127</sup> *Poeta.* Horácio, que na *Epistola ad Pisones* aconselha: “*Tu nihil invita dices faciesve Minerva*” (“Não dirás nem farás nada contrariando a Minerva”). (Horácio, *Epistola ad Pisones*, 385).

<sup>128</sup> *Minerva.* Deusa da sabedoria.

Grande é a variedade de inclinações, prodígio deleitável da Natureza; tanta quanto em rostos, vozes e temperamentos.

São tantos os gostos como as ocupações. Aos mais vis e ainda infames não faltam admiradores. E aquilo que não poderia alcançar a poderosa providência do mais político rei, a inclinação facilita.

Se o monarca tivesse que repartir as mecânicas tarefas -“Sê tu lavrador e tu sê marinheiro”-, logo se renderia à impossibilidade. Ninguém estaria contente, ainda com a mais civil<sup>129</sup> ocupação, e a eleição própria é cega até para a mais vil<sup>130</sup>.

Tanto pode a inclinação, e, se se une às forças<sup>131</sup>, tudo sujeitam; mas o habitual é discordarem.

Procure, pois, o varão prudente adular o gosto e levá-lo sem violências de despotismo a se medir com as forças; e, uma vez reconhecida a prenda relevante, empregue-a com êxito.

Nunca teria chegado a ser um Alexandre espanhol<sup>132</sup> e um César indiano o prodigioso marquês do Vale, dom Fernando Cortês<sup>133</sup>, se não houvesse baralhado<sup>134</sup>

---

<sup>129</sup> *Civil*. Segundo o *Tesoro* de Covarrubias, “todo lo que pertenece al derecho de ciudad” (Covarrubias. *Tesoro*, p.428). Podemos ler ainda nesse dicionário: “Ciudadano. (...) Es un estado medio entre cavalleros o hidalgos, y entre los oficiales mecánicos. Cuéntanse entre los ciudadanos los letrados, y los que professan letras y artes liberales; guardando en esto, para en razón de repartir los oficios, la costumbre y fuero del reyno o tierra” (idem, p.427). Aqui, utiliza-se pois por “urbana”, “digna de crédito”.

<sup>130</sup> *Vil*. No original “villano”. Lê-se no *Tesoro* de Covarrubias: “Villa. (...) es propiamente y en rigor la casería o quinta que está en el campo, a do consiste la labrança de la tierra del señor y la cosecha a do se recogen los que la labran con sus ganados, y tienen su vivienda apartada de las demás caserías. Los que aquí viven se llaman propiamente villanos y como tienen poco trato con la gente de ciudad, son de su condición muy rústicos y desapazibles” (Covarrubias. *Tesoro*, p.1008). “Villano” é portanto o homem que vive no campo, mas é também designação pejorativa referente àqueles que carecem de *excelências* e são, por isto mesmo, alheios ao mérito aristocrático.

<sup>131</sup> *Força*: “la violencia que se haze a nuestra voluntad, que aunque siempre se queda en quanto su naturaleza libre, escoge lo que le parece menor mal” (Covarrubias. *Tesoro*, p.614). Refere pois as condições e restrições que o indivíduo impõe a si mesmo no intuito de orientar os seus afetos, disposição mais ou menos coincidente com aquilo que chamamos hoje “força de vontade”. Nesta passagem, a palavra se aproxima muito do sentido de dedicação.

<sup>132</sup> *um Alexandre espanhol*. Gracián compara Fernando Cortês a Alexandre Magno. Também Felipe II, no Primor VI, é igualado a este conquistador. Nessa divisão, Alexandre é denominado Felipe da Macedônia.

<sup>133</sup> *Dom Fernando Cortês*. É considerado o conquistador do México por excelência. Filho de família fidalga, Dom Fernando foi na juventude enviado por seus pais à Universidade de

sua ocupação; quando mais, pelas letras teria chegado a uma vulgaríssima mediania, e pelas armas se elevou ao cume da eminência, pois fez trinca com Alexandre e César, repartindo-se entre os três a conquista do mundo em suas partes.

## PRIMOR X

### O HERÓI HÁ DE SONDAR SUA FORTUNA<sup>135</sup> AO EMPENHAR-SE

A fortuna, tão nomeada quanto pouco conhecida, não é outra, falando ajuizada e catolicamente, senão aquela grande mãe de contingências e grande filha da Suprema Providência, assistente sempre de suas causas, já querendo, já permitindo.

Esta é aquela rainha tão soberana, inescrutável, inexorável, risonha com uns, esquiva com outros, já mãe, já madrastra, não por paixão, sim pelos arcanos de inacessíveis juízos.

---

Salamanca, mas abandonou os estudos pouco depois. Chegou a exercer o ofício de escrivão por diversas vezes e até mesmo com certo sucesso; a carreira, porém, foi inteiramente abandonada em 1519, ano em que viajou ao México em missão de conquista. Ele acabou se instalando nesse país, identificado, por completo, com o papel de conquistador. “No que toca ao seu significado e valor histórico Cortés é indubitavelmente, e com razão, o conquistador espanhol mais famoso; con singulares dons de liderança e qualidades militares, foi um grande general, e é duvidoso que quaisquer de seus capitães e dificilmente outro dos conquistadores célebres tivessem levado a cabo as suas façanhas” (Ezquerria, Ramón. “Cortés, Hernán”, em: *D.H.E.*, V.I, p.791-796. Tradução nossa.)

<sup>134</sup> *baralhado*. No original “barajado”. Afirma Covarrubias: “Los que juegan a los naypes llaman baraja el número dellos con que juegan (...), y el revolver unos naypes con otros llaman barajar; y en esta sinificación dezimos averse barajado un negocio quando le han confundido sin poderse averiguar la verdad” (Covarrubias. *Tesoro*, p.191). A julgar por esta definição o verbo “barajar” tem o mesmo significado do “baralhar” da língua portuguesa. No entanto, o sentido que nesta passagem cabe é, sem dúvida, o de troca, substituição: o grande conquistador dom Fernando não teria ultrapassado o limite de “uma vulgaríssima mediania”, argumenta Gracián, se ele não tivesse reconhecido a sua “prenda relevante” e abandonado as letras em favor das armas.

<sup>135</sup> *Fortuna*. “Divindade que, segundo a crença dos Antigos, fazia, a seu capricho, a felicidade ou infelicidade das pessoas. Casualidade da sorte; eventualidade. Felicidade, ventura, sorte, prosperidade. Destino, fado.” (Morais, p.1103)

Regra é muito de mestres na discricção política observar a sua fortuna e a de seus adeptos. Aquele que a experimentou mãe, desfrute da dádiva, empenhe-se com galhardia; pois, qual amante, deixa-se lisonjear pela confiança.

Tinha César bem tomado o pulso à sua fortuna quando, animando o rendido barqueiro, lhe dizia: “Não temas, que afrontas a fortuna de César”<sup>136</sup>. Não achou mais segura âncora que sua dita. Não temeu os ventos contrários aquele que levava na popa os alentos<sup>137</sup> de sua fortuna. Que importa que o ar se perturbe, se o céu está sereno? O mar bramar, se as estrelas riem?

Pareceu em muitos temeridade um empenho, mas não foi senão destreza, atendendo ao favor de sua fortuna. Perderam outros, ao contrário, grandes lances de celebridade por não terem compreensão de sua dita. Até o cego jogador consulta a sorte ao arrojá-lo.

Grande prenda é ser varão afortunado e, na apreciação de muitos, leva a dianteira. Estimam alguns mais uma onça de ventura que arrobas de sabedoria, que quintais<sup>138</sup> de bravura; outros, ao contrário, fundam crédito na desdita bem como na melancolia. Ventura repetem de néscio e méritos de desgraçado.

---

<sup>136</sup> Refere esta anedota Plutarco em suas *Paralelas*: “Na Apolônia, não acreditando César serem suficientes as forças que consigo levava, e demorando-se demasiadamente as que estavam por vir, perplexo e incomodado, tomou uma resolução violenta, que foi embarcar-se, sem disso dar parte a ninguém, em um barquinho de doze remos e dirigir-se nele a Brindis, estando aquele mar povoado de tantas nave pertencentes às esquadras inimigas. De noite, pois, envolto nas roupas de um escravo, meteu-se no barco, e tomando lugar como um homem desconhecido, permaneceu calado. Pelo rio Aco havia de descer a embarcação ao mar, e a brisa da montanha, retirando as ondas, costuma manter a bonança na desembocadura; mas naquela noite o vento marítimo, que soprou com força, não permitiu que aquela reinasse. Acrescentado portanto o rio do fluxo do mar, fizeram-no tão perigoso e terrível o ruidoso estrondo e os precepidados redemoinhos, que duvidando o piloto poder enfrentar a violência das águas, ordenou aos marinheiros que mudassem o rumo, com ânimo de retornar ao porto. Adverte-o César, descobre-se, e tomando a mão do piloto, que fica assombrado ao vê-lo: ‘Segue, bom homem -diz-lhe-; tem bom ânimo; não temas, que levas contigo César e sua Fortuna’.” Prossegue ainda Plutarco: “Esquecem-se os marinheiros da tempestade, e impelindo com grande força os remos teimam com afinco em vencer a corrente; mas sendo impossível, e invadindo muita água o barco, com o que a sua própria pessoa foi posta em perigo, teve de condescender muito a contragosto com o piloto, que ao cabo dispôs o regresso” (Plutarco. *Vidas Paralelas*, “Júlio César”, XXXVIII. *Op. cit.*, V.II, p.321. Tradução nossa.). Este desfecho, como se vê, é diligentemente omitido por Gracián.

<sup>137</sup> *Alentos*. No original “alientos”, termo que pode significar tanto “sopro” (respiração ou vento) como “ânimo”, “motivação”.

<sup>138</sup> *Quintal*. Medida de peso equivalente a quatro arrobas.

Supre com ouro a feiúra da filha o sagaz pai, e o Universal doura a feiúra do engenho com ventura.

Desejou Galeno ao seu médico fortuna; ao capitão, Vejecio; e Aristóteles, ao seu monarca. O certo é que a todo herói apadrinharam a bravura e a fortuna, eixos ambos de uma heroicidade.

Mas quem de ordinário provou azedumes de madrasta, amaine nos empenhos, não teime, pois costuma ser de chumbo no desfavor<sup>139</sup>.

Seja-me dissimulado neste ponto furtar o dito ao poeta das sentenças<sup>140</sup> com obrigação de restituí-lo em conselho aos amantes da prudência. “Tu não faças nem digas coisa alguma tendo a fortuna contra ti.”<sup>141</sup>

O benjamim hoje da felicidade é, com a evidência de seu esplendor, o heróico, invicto e sereníssimo senhor Cardeal Infante da Espanha, dom Fernando<sup>142</sup>, nome que passa a brasão ou coroa nominal de tantos heróis.

Atentava todo o orbe suspenso para a sua fortuna, satisfeito assaz de sua bravura, e declarou-o esta grande princesa<sup>143</sup> seu galã na primeira ocasião; digo naquela, tão imortal para os seus como mortal aos seus inimigos, batalha de Norlinguen<sup>144</sup>, com progressos de finezas na França e em Flandres, e com o resto de todo o seu favor em Jerusalém.

Parte é deste político primor saber discernir os bem e mal afortunados, para chocar ou ceder na competição.

---

<sup>139</sup> *pois costuma ser de chumbo no desfavor*. Entenda-se “...pois a fortuna costuma ser de chumbo no desfavor”.

<sup>140</sup> *poeta das sentenças*. Horácio, cuja *Epistola ad Pisones* ou *Ars Poetica* é notadamente composta, em grande parte, de expressões e frases a modo de aforismos ou máximas.

<sup>141</sup> *Tu não faças nem digas coisa alguma tendo a fortuna contra ti*. Esta é uma versão adulterada do conselho de Horácio referido no Primor anterior: “*Tu nihil invita dices faciesve Minerva*” (vide nota n° 127). Ao substituir Minerva pela fortuna, Gracián “furta o dito” ao poeta e o restitui como conselho de prudência (pois, sugere ele, é de prudentes o não contrariá-la).

<sup>142</sup> *Cardeal Infante da Espanha, dom Fernando*. Quinto filho de Felipe III e Margarida da Áustria (e irmão, portanto, de Felipe IV, monarca ao qual *El Héroe* é dedicado).

<sup>143</sup> *esta grande princesa*. A fortuna.

<sup>144</sup> *batalha de Norlinguen*. Em 1634 o cardeal infante dom Fernando dirigia-se aos Países Baixos espanhóis a fim de assumir seu novo cargo de governador quando, ao atravessar a Alemanha, empreendeu e venceu uma batalha contra os suecos e seus aliados germânicos, os príncipes protestantes, a qual passaria à história como “a batalha de Norlinguen”.

Preveniu Solimão<sup>145</sup> a grande felicidade de nosso católico Marte<sup>146</sup>, quinto dos Carlos, a fim de que estivesse a bravura em sua esfera. Temeu-a mais a ela só<sup>147</sup> do que a todos os terços<sup>148</sup> do Poente, contemplação de outros.

Conteve-se ainda a tempo e valeu-lhe, já que não a reputação, pois dela se retirava, a coroa.

Não assim o primeiro Francisco da França, que afetou ignorar sua fortuna e a daquele César<sup>149</sup>; e assim, por ser um delinqüente da prudência, foi condenado à prisão<sup>150</sup>.

Aderem-se de ordinário a próspera e adversa fortuna aos que estão ao lado. Atente, pois, o discreto a ladear-se<sup>151</sup> e, no jogo deste triunfo, saiba encartar-se e descartar-se com vantagem<sup>152</sup>.

---

<sup>145</sup> *Solimão*. Famoso sultão da Turquia (1520-1566), conhecido como “o Magnífico”.

<sup>146</sup> *Preveniu Solimão a felicidade de nosso católico Marte*. O sultão turco, tendo reconhecido a relevância da felicidade ou fortuna de Carlos V, o “católico Marte”, teria compreendido o quanto lhe seria vantajoso abster-se de enfrentá-lo.

Em 1532 Solimão marchou com duzentos mil homens em direção ao oeste com o propósito de arrebatar o domínio do Ocidente a Carlos V. Mas, embora o exército deste não chegasse à metade do seu (menos de oitenta mil soldados), ele acabou repentinamente desistindo da luta, motivado, ao que parece, pelas inverossímeis derrotas que sofreu a caminho do encontro com o imperador, primeiramente na pequena cidade de Güns, protegida por apenas setecentos homens, e depois em Viena, defendida por não mais de vinte mil.

<sup>147</sup> *Temeu-a mais a ela só*. À felicidade de Carlos V, ou seja, à sua boa fortuna.

<sup>148</sup> *Tercio*. Unidade militar dos exércitos espanhóis nos séculos XVI e XVII.

<sup>149</sup> *aquele César*. Carlos V.

<sup>150</sup> Em 1525, o até então praticamente invicto Francisco I da França se preparava para reconquistar Milão (conquistada por ele em 1515 e perdida para os imperiais sete anos depois) quando, em Pavia, foi surpreendido pela derrota e feito prisioneiro de Carlos V.

<sup>151</sup> *Ladear*. “Acompanhar ao lado, junto, perto. Ir pelo lado; flanquear” (Morais, p.1350)

<sup>152</sup> *Vantagem*. No original “Ganancia”, definido por Covarrubias como “lo que se le acrecienta al caudal”. (Covarrubias. *Tesoro*, p.627)

## PRIMOR XI

### QUE O HERÓI SAIBA ABANDONAR-SE, GANHANDO COM A FORTUNA

Todo móvel instável tem aumento e declínio. Somam alguns estado onde não há estabilidade.

Grande providência é saber prever o infalível declínio de uma inquieta roda<sup>153</sup>. Sutileza de taful<sup>154</sup> saber abandonar-se com vantagem, quando a prosperidade é de brinquedo e a desdita tão de verdade.

Melhor é guardar-se a honra que aguardar o arrebatamento da fortuna, pois esta costuma, num tombo, elevar-se com a vantagem de muitos lances.

Faltar-lhe de constância o que lhe sobra de mulher, sentem alguns infelizes. E acrescentou o marquês de Marignano, para consolo do Imperador sobre Metz, que não só tem instabilidade de mulher, senão levandade de jovem por insinuar-se aos mancebos.

Mas eu digo que não são levianas variedades<sup>155</sup> de mulher, senão alternativas de uma justíssima Providência.

Acerte o varão a sê-lo nisto; recolha-se ao sagrado de um honroso retiro, porque tão gloriosa é uma bela retirada como uma galharda investida.

Mas há hidróticos<sup>156</sup> da sorte, que não têm ânimo para vencerem a si mesmos se lhes está dançando a água da fortuna<sup>157</sup>.

---

153 *inquieta roda*. Alusão à roda da Fortuna.

154 *Taful*. Vide nota n.º 45.

155 *Variedade*. Variação de ânimo, volubilidade, inconstância.

156 *Hidrótico*. Aquele que sofre de hidropisia. Define Covarrubias: “Hidropesía. (...) enfermedad de humor aguoso, que hincha todo el cuerpo (...) Algunas veces se toma por la avaricia, porque el hydrópico, por mucho que beva, nunca apaga su sed, ni el avariento por mucho que adquiera, su codicia” (Covarrubias. *Tesoro*, p.686). O “hidrótico da sorte” é portanto o que dela não se sacia.

157 *Mas há hidróticos da sorte, que não têm ânimo para vencerem a si mesmos se lhes está dançando a água da fortuna*. A fortuna, da qual diz Gracián nos parágrafos anteriores ser comparada por alguns a uma mulher inconstante e leviana, surge aqui como água que com sua dança seduz, de modo irresistível, aqueles que dela têm insaciável sede. No *Tesoro* de Covarrubias dança e mulher inconstante se fundem numa única imagem: “esles tan natural a las

Seja augusto exemplar deste primor aquele grande morgado da fortuna e da sorte, o máximo dos Carlos<sup>158</sup> e ainda dos heróis. Coroou este gloriosíssimo imperador com prudente fim todas as suas façanhas. Triunfou sobre o orbe com a fortuna, e ao cabo triunfou sobre a própria fortuna. Soube abandonar-se<sup>159</sup>, e isto foi colocar um selo em suas proezas.

Perderam outros, ao contrário, todo o cabedal de sua fama como pena por sua cobiça. Tiveram monstruoso fim grandes inícios de felicidade; e, se se valessem desta artimanha, teriam posto a salvo a reputação.

Poderia assegurar um anel atirado ao mar e restituído no cofre de um peixe, arras de inseparabilidade entre Polícrates<sup>160</sup> e a fortuna. Mas foi pouco depois o monte Micalense trágico teatro do divórcio<sup>161</sup>.

Cegou Belisário<sup>162</sup> para que abrissem outros os olhos, e eclipsou-se a lua da Espanha<sup>163</sup> para dar luz a muitos.

---

mugeres la inquietud y mutabilidad, que ésta las inclina y facilita al baile, que no es otra cosa sino una inconstancia en su cuerpo y en todos sus miembros” (Covarrubias. *Tesoro*, p.185). Quanto à expressão “bailar el agua”, Covarrubias a define da seguinte forma: “servir con gran diligencia y prontitud; está tomada esta manera de hablar de las criadas que en tiempo de verano, quando sus amos vienen defuera, refrescan la pieças y los patines con mucha presteza, y el agua va saltando por los ladrillos y azulejos, que parece baile” (idem). Vale observar, a propósito desta definição, que, com efeito, a força de sedução da fortuna não poderia advir senão de sua diligência e servilidade, já que de outra forma ela seria desfavorável e, portanto, não atraente. A fortuna favorável, dá a entender Gracián, exige ânimo para que não sejamos insaciáveis e possamos reconhecer as vantagens de uma “bela retirada” antes do “infalível declínio da inquieta roda”.

<sup>158</sup> *o máximo dos Carlos*. Carlos V.

<sup>159</sup> *soube abandonar-se*. Alusão à abdicação de Carlos V em favor de seu filho Felipe II (1555).

<sup>160</sup> *Polícrates*. Tirano grego da ilha de Samos, cujo poder usurpou por volta de 540 a.C.

<sup>161</sup> “Trae este episodio Herodoto, en sus *Historias*. Amasis de Egipto, temeroso de que los continuos éxitos de Policrates suscitaran enemiga en los dioses, propuso a su aliado que sacrificara a aquellos el objeto más valioso de cuantos poseía. Entonces Policrates arrojó al mar un anillo precioso. Pero a los pocos días un pescador regaló al tirano un pez, en cuyo vientre estaba el anillo. Por ello rompió Amasis su alianza con Policrates” (Arturo del Hoyo, *El Héroe*, p.22). Em 522, temeroso de que Polícrates viesse a dominar a Pérsia, o sátrapa de Lídia atraiu-o para Sardes e lá mandou crucificá-lo.

<sup>162</sup> *Belisário*. Um dos principais comandantes da guarda de Justiniano, imperador bizantino do século V. “En las *Quiltadas*, de Tzetze (siglo XIII), se dice que en sus años de desgracia permanecia apoyado en una miliar, con la gamella de madera en la mano, y diciendo: ‘Dad un óbolo a Belisario, a quien la fortuna cubrió de gloria y cegó la envidia’” (Arturo del Hoyo, p.23; anedota extraída de Cf. Schelling, *Dissertatio historica de Belisario*, Viterbo, 1665, e Barthelemy, *Erreurs historiques*, Paris, 1875).

Não se encontra arte de tomar o pulso à felicidade, por ser anômalo o seu humor; previnem-nos alguns sinais de declínio.

Prosperidade muito às pressas, atropelando-se umas às outras as felicidades, sempre foi suspeita; porque costuma a fortuna cercear de tempo o que acumula de favor.

Felicidade envelhecida já passa a caduquice, e desdita ao extremo perto está de melhoria.

Estava Abul, mouro, irmão do rei de Granada, preso em Salobrenha, e, para desmentir suas confirmadas desditas, pôs-se a jogar xadrez, ensaio próprio do jogo da fortuna. Chegou nisto o correio de sua morte, pois sempre esta apressa o mensageiro<sup>164</sup>. Pediu Abul duas horas de vida; muitas pareceram ao emissário, e outorgou-lhe apenas acabar o jogo começado. Veio-lhe a sorte<sup>165</sup>, e ganhou a vida, e ainda o reino; pois, antes de acabá-lo, chegou outro correio com a vida e a coroa que, por morte do rei, apresentava-lhe Granada.

Tantos subiram do cutelo à coroa como baixaram da coroa ao cutelo. Come-se melhor os bons bocados da sorte com o agridoce de um azar.

É corsária a fortuna, pois espera até serem carregados os baixéis. Seja a contra-artimanha antecipar-se a chegar ao porto.

---

<sup>163</sup> *a lua da Espanha*. Observa Arturo del Hoyo ser esta uma referência a dom Álvaro de Luna, protegido do rei Dom João II de Castela. Dom Álvaro teria gozado de próspera fortuna até 1453, ano em que foi decapitado. “Su ejemplo, su eclipse...”, afirma Hoyo, “...sirve para dar luz a muchos, para escarmiento y desengaño de otros” (Arturo del Hoyo. *El Héroe*, p.23).

<sup>164</sup> *apressa o mensageiro*: “corre la posta” no original. Define Sebastián de Covarrubias: “Postas. Los cavallos que de público están en los caminos cosarios para correr en ellos y caminar con presteza (...). Dixéronse postas por estar expuestas y prevenidas para qualquier hora y tiempo. Los cosarios que las corren se llaman correos; los que guían con ellas postillones”. E ainda: “Correo, el que lleva y trae mensajes, corriendo o por la posta”. (Covarrubias. *Tesoro*, ps.878 e 363, respectivamente)

<sup>165</sup> *Veio-lhe a sorte*. “Díjole la suerte” no original. “Decirle a uno en el juego, es entrarle con ventura.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.445)

## PRIMOR XII

### GRAÇA<sup>166</sup> DAS GENTES<sup>167</sup>

Pouco é conquistar o entendimento, se não se ganha a vontade; e muito, render com a admiração a afeição juntamente.

Muitos, com louváveis empresas, mantêm o crédito, mas não a benevolência.

Obter este favor universal algo tem de estrela, o mais de diligência própria. Discorrerão outros ao contrário, quando a igualdade de méritos correspondem com desproporção os aplausos.

O mesmo que em um foi ímã das vontades, é em outro maldição. Mas eu sempre concederei avantajado terreno ao artifício.

Não basta eminência de prendas para o favor das pessoas, apesar do que se supõe. Fácil é de ganhar o afeto, subornado o conceito<sup>168</sup>, porque a estima mune a afeição.

Acertou os meios com felicidade para este comum favor, ainda que não para a de seu rei, aquele infaustamente ínclito duque de Guisa<sup>169</sup>, a quem fez grande um rei

---

<sup>166</sup> *Graça*. “Favor que se dispensa sem obrigação ou que se recebe. Benevolência, (...) estima.” (Morais, p.1179)

<sup>167</sup> *Graça das gentes*. Recebe este mesmo título um dos fragmentos do *Oráculo Manual*, resumo quase exato deste primor: “Mucho es conseguir la admiración comun, pero más la afición; algo tiene de estrella, lo más de industria; comienza por aquella y prosigue por esta. No basta la eminencia de prendas, aunque se supone, que es facil de ganar el afecto ganando el concepto. Requiere, pues, para la benevolencia, la beneficencia: hacer bien a todas manos, buenas palabras y mejores obras, amar para ser amado. La cortesía es el mayor hechizo político de grandes personajes. Hase de alargar la mano primero a las hazañas, y después a las plumas: de la hoja a las hojas, que hay gracia de escritores, y es eterna.” (Gracián, Baltasar. *Oráculo Manual*, 40, p.164)

<sup>168</sup> *Conceito*. O efeito ou ato do entendimento.

<sup>169</sup> *Guisa*. O duque Henrique de Guisa, sob a alegação de que seria descendente de Carlos Magno, pretendeu substituir o rei Henrique III no trono da França, mas este decidiu dar fim à disputa e, em dezembro de 1588, acabou por mandar assassiná-lo. Henrique III era considerado insuficientemente hábil para ser rei, e a França católica, temerosa de que o protestante Henrique de Bourbon (que desposara sua irmã Margarida de Valois) viesse a ocupar o poder, apoiou Guisa em seu intento. “Henrique, temendo por seu trono, proibiu-o de entrar em Paris, a capital

favorecendo-o, e maior outro emulando-o: o terceiro, digo, dos Henriques franceses. Fatal<sup>170</sup> nome<sup>171</sup> para príncipes em toda monarquia, pois em tão altos sujeitos até os nomes decifram oráculos.

Perguntou um dia este rei a seus privados: “Que faz Guisa, que assim enfeitiça as pessoas?” Respondeu um, extravagante áulico por ser único nestes tempos: “Sire, fazer bem à mancheia; àqueles que não chegam diretamente seus benévolos influxos, alcançam por reflexão; e quando não obras, palavras<sup>172</sup>. Não há boda que não festeje, batismo que não apadrinhe, enterro que não honre; é cortês, humano, liberal, honrador de todos, murmurador de ninguém e, em suma, ele é o rei no afeto, se V.M. no efeito.”

Feliz favor se o irmanasse com o de seu rei, pois não é da essência o excluir-se, por mais que encareça Bayaceto<sup>173</sup> que o aplauso ao ministro causa receio ao senhor.

---

católica. O duque, no entanto, atreveu-se a impor ao rei o extermínio da heresia e a promulgação e cumprimento dos decretos do concílio tridentino. A negativa de Henrique provocou a insurreição do povo parisiense (...), que aclamou Guisa. Este entrou em Paris, de onde fugiu o rei, que acabou se vendo obrigado a ceder às petições da Liga (...). Começou-se então a falar da deposição do rei. Henrique III não viu solução melhor que desembaraçar-se do duque de Guisa, a quem ordenou matar no próprio palácio real” (Parga, Valentín Vazquez de. “Enrique I de Lorena, duque de Guisa”, em: *D.H.E.*, V.I, p.1297. Tradução nossa).

Quanto ao rei que teria favorecido o duque trata-se, provavelmente, de Carlos IX (irmão e antecessor de Henrique III), que o apoiou na violenta ação militar de repressão ao protestantismo conhecida como “a matança de São Bartolomeu”.

<sup>170</sup> *Fatal*. “Cosa perteneciente al hado” (Covarrubias, *Tesoro*, p.586). “Hado. En rigor no es otro que la voluntad de Dios, y lo que está determinado en su eternidad (...). Dezimos mal hadado y bien hadado del fin malo o bueno de cada uno” (idem, p.674).

<sup>171</sup> *Fatal nome*. “Enrique. Es nombre alemán, *Henrich*. Vale tanto como hombre principal, de gran casta y linage, poderoso y de mucha hazienda” (Covarrubias. *Tesoro*, p.521). Gracián sugere que a correspondência entre o significado do nome e a sorte dos vários reis que o levaram seria obra do fado, do destino.

<sup>172</sup> *e quando não obras, palavras*. Entenda-se “e quando não faz bem por obras, fá-lo por palavras”.

<sup>173</sup> *Bayaceto*. No ano de 1393 os habitantes de Bagdá, desejosos de se livrar do severo jugo do sultão Ahmed ibn Uways, optaram por pedir a Tamorlão, o temível líder tártaro, que invadisse a cidade e o depusesse. Tamorlão comprou-se em atender ao pedido, e Ahmed, uma vez vencido, recorreu ao sultão otomano Bayaceto, em cuja corte se refugiou. O tártaro não tardou a exigir a sua extradição, mas Bayaceto se negou a atendê-lo. Alguns anos depois, em 1402, a questão acabou sendo decidida em uma batalha na qual este viria a ser derrotado e feito prisioneiro.

A alusão ao episódio, obviamente, decorre do fato de que Ahmed, à semelhança de Henrique III, teve o seu poder ameaçado por um adversário fortalecido pelo apoio (ou “aplauzo”) da população, intriga da qual Bayaceto teria sido não apenas apenas a grande testemunha mas também a vítima principal.

E é verdade que a de Deus, a do rei e a das pessoas são três Graças mais belas que as que fingiram os antigos<sup>174</sup>. Dão-se a mão uma à outra, enlaçando-se estreitamente todas as três, e se há de faltar alguma, seja por ordem.

O mais poderoso feitiço para ser amado é amar. É arrebatado o vulgo em prosseguir, se furioso em perseguir.

O primeiro móvel de seu<sup>175</sup> séquito, depois da opinião, é a cortesia e a generosidade; com estas chegou Tito<sup>176</sup> a ser chamado “Delícias do orbe”.

Iguala-se a palavra favorável de um superior à obra de um igual, e excede a cortesia de um príncipe o dom de um cidadão.

Com só esquecer por breves instantes da própria majestade, o magnânimo dom Alonso<sup>177</sup>, apeando-se do cavalo para socorrer um vilão, conquistou as guarnecidas muralhas de Gaeta, que à força de bombardas<sup>178</sup> não se abalara em muitos dias. Entrou primeiro nos corações, e logo com triunfo na cidade<sup>179</sup>.

Não acham alguns destemperadamente críticos ao grande dos capitães<sup>180</sup> e gigante dentre heróis outros méritos para sua antonomásia senão a benevolência comum.

---

174 “Fingieron los poetas aver tres donzellas dichas Gracias (...). La una se dixo Aglaya, la segunda Thalía y la tercera Euphrosine, hijas de Júpiter y de Eurynomes, y según otros de Venus y Bacco. La razón que hubo para que fuessen tres, es porque la una haze la gracia y da el don, la otra le recibe, y la tercera buelve la paga del beneficio recebido. Pintávanlas jóvenes donzellas, porque la memoria del beneficio recebido por ningún tiempo se ha de envejecer; riéndose, por el gozo, contento y alegría con que hemos de dar; y como las dos dellas están bueltas de rostro para quien las mira, la otra está de espaldas, dándonos a entender que de la gracia que recibiéramos, hemos de dar muchas gracias y reconocerla manifestamente, y del beneficio o gracia que nosotros hiziéremos hemos de olvidarnos (...). Están desnudas, porque lo que se da ha de ser sin cobertura ni disfraz, pretendiendo interiormente en nuestro ánimo alguna recompensa; están todas tres travadas de las manos, dando a entender que el hazer gracias y recibirlas entre los amigos, ha de ser con perpetuydad y con una travazón indisoluble, acudiendo siempre en las ocasiones a lo que obliga la amistad.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.653)

175 *seu*. Do feitiço de amar, conforme o dito no parágrafo anterior

176 *Tito*. Imperador romano de 79 a 81 d.C.

177 *dom Alonso*. Alfonso V, rei de Aragão, apelidado “o Magnânimo”.

178 *Bombarda*. “Instrumento bélico de cañón, que cargado con pólvora y munición, al dispararle haze gran ruido” (Covarrubias. *Tesoro*, p.629)

179 Em 1435 Alfonso V sitiou Gaeta, mas em pouco tempo a defesa liderada por Francisco Spinola obrigou-o a levantar o cerco, e ele acabou sendo derrotado e preso. No ano seguinte, já livre da prisão, ele finalmente conseguiu rendê-la.

180 *o grande dos capitães*. Gonzalo de Córdoba, conhecido pela alcunha de “grande capitão”, famoso militar dos tempos dos reis católicos.

Diria eu que, entre a pluralidade de prendas merecedora cada uma do louvável renome, esta foi felicíssima.

Há favor de historiadores também, tanto da cobiça quanto da imortalidade, porque são suas plumas as da fama. Retratam, não os acertos da natureza, senão os da alma. Aquele fênix Corvino<sup>181</sup>, glória da Hungria, costumava dizer, e praticar melhor, que a grandeza de um herói consistia em duas coisas: em estender a mão às façanhas e às plumas, porque caracteres de ouro perpetuam eternidade.

### PRIMOR XIII

#### DO DESPEJO<sup>182</sup>

O despejo, alma de toda prenda, vida de toda perfeição, galhardia das ações, graça das palavras, e feitiço de todo bom gosto, lisonjeia a inteligência e desconhece explicação.

---

<sup>181</sup> *Corvino*. Matias Corvinos, rei da Hungria. Em 1457, por ocasião do falecimento de Ladislau, o *Póstumo* (filho de Alberto II, assim denominado por ter perdido o pai antes de nascer), o poder dos Habsburgo passou por uma grande crise de instabilidade. Frederico III, sucessor e sobrinho de Alberto II e tutor de Ladislau, já enfrentava sérias dificuldades no governo quando este, com apenas dezessete anos de idade, veio inesperadamente a falecer. A Hungria e a Boêmia decidiram então aproveitar a situação para eleger reis nacionais: esta, um homem chamado Jorge Podiebrad, e aquela, Matias Corvinos. Em 1485, o novo rei húngaro invadiu Viena e rendeu Frederico. Mas não sobreviveu mais do que cinco anos à invasão, e assim, em 1490, os Habsburgo se viram livres para retornar à Áustria e reassumir o poder.

Frederico III é pai de Maximiliano I. Maximiliano e sua esposa Maria de Borgonha são, por sua vez, os pais de Felipe, o *Formoso*, que reinou em Castela de 1504 a 1506 como marido de Joana, filha dos reis católicos. Do casamento entre Felipe e Joana, como é sabido, resultou o nascimento daquele que viria a ser o imperador Carlos V, considerado o primeiro Habsburgo a reinar de fato na Espanha.

<sup>182</sup> *Despejo*. “Intrepidez, desembaraço, desacanhamento, ligeireza e jeito com que se faz alguma coisa, gesto livre e isento de timidez mas sem exceder os limites do que é decoroso.” (Caldas Aulete, V.I, p.845)

É um realce dos próprios realces e é uma beleza formal. As demais prendas adornam a natureza, mas o despejo realça as próprias prendas. De sorte que é perfeição da própria perfeição, como transcendente beldade, com universal graça.

Consiste numa certa airocidade, numa indizível galhardia, tanto no dizer como no fazer, e até no discorrer.

Tem de inato o mais, reconhece a observação o menos. Até agora nunca se sujeitou a preceitos, superior sempre a toda arte.

Por ser roubador do gosto chamaram-no anzol<sup>183</sup>; por imperceptível, donaire; pelo alentado, brio; pelo galante, despejo; pelo fácil, desenfado. Pois todos estes nomes buscaram o desejo e a dificuldade de declará-lo.

Faz-se-lhe agravo ao confundi-lo com a facilidade; deixa-a muito para trás, e ultrapassa a galhardia. É verdade que todo despejo supõe desembaraço, mas soma perfeição.

Têm sua Lucina<sup>184</sup> as ações, e deve-se ao despejo o saírem bem, porque ele as parteja<sup>185</sup> para o luzimento.

Sem ele, a melhor execução é morta, a maior perfeição, desabrida. Nem é tão accidental que não seja por vezes o principal. Não só serve ao ornato, senão que apóia o importante.

Porque se é a alma da formosura, é espírito da prudência; se é alento da gala, é vida da bravura.

Combate igualmente num comandante ao lado da bravura o despejo, e num rei a par da prudência.

---

183 *Anzol*: “garabato” no original. “*Garabato*. Es una especie de garfio de donde colgamos la carne o otras cosas. (...) Dezimos de alguna dama que tiene garavato, o porque corrompemos a sabiendas el término garbo, o porque con su beldad y gracias lleva tras sí a los galanes como con garavatos.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.629)

184 *Lucina*. “Llámase (a la luna) Lucina... porque saca a luz a los nacientes que están en las tinieblas del vientre”. (Juan Pérez de Moya. *Philosophia secreta*, Madrid, CIAP, 1928. Citado por Arturo del Hoyo à página 25 de *El Héroe*)

185 *Partejar*. “Servir de parteira ou parteiro (...). Socorrer ou auxiliar as parturientes.” (Morais, p.1741)

Não se reconhece menos no dia de uma batalha ao despejo intrépido que à destreza e à bravura. O despejo constitui primeiro um general senhor de si, e depois, de tudo.

Não basta o encarecimento, nunca suficiente para apreciar o imperturbável despejo daquele grande vencedor de reis, êmulo maior de Alcides, dom Fernando de Ávalos. Vozeie-o o aplauso no teatro de Pavia<sup>186</sup>.

É tão alentado o despejo no cavalo como majestoso no dossel<sup>187</sup>, até na cátedra dá altivez à agudeza.

Heróico foi o despejo daquele Teseu francês, Henrique Quarto<sup>188</sup>, pois com o fio de ouro da extroversão soube desligar-se de tão intrincado labirinto.

---

<sup>186</sup> *Pavia*. Nome de cidade italiana da lombardia próxima à confluência dos rios Tesino e Pó. No ano de 1525, teve lugar em Pavia a famosa batalha entre espanhóis e franceses liderada por Fernando de Ávalos, marquês de Pescara. “Ao ter início a primeira guerra entre Carlos V e Francisco I os franceses foram expulsos do Milanesado. (...) Francisco I continuou a cobiçar Milão. No dia 25 de outubro de 1534 ele atravessou os Alpes pelo Mont-Cenis. A velocidade de sua marcha frustrou qualquer tentativa de defesa organizada no Milanesado, e os imperiais tiveram de se refugiar nas praças-fortes. Liderado por Pescara, o exército de 10.000 homens que defendia Milão seguiu para Lodi, 22 milhas a sudeste. Antonio de Leiva, com 2.000 espanhóis e 5.000 alemães, encerrou-se em Pavia (...). O rei da França deixou La Tremouille assediando o castelo de Milão, e com a maior parte do exército começou a sitiá-lo a 28 de fevereiro. Todos os esforços para render a praça foram inúteis (...). O exército francês ficou imobilizado durante todo o inverno diante de Pavia, dando tempo aos imperiais de Lodi para que recuperassem sua força (...). No dia 23 de fevereiro os imperiais decidiram travar batalha. (...) O marquês de Pescara, experimentado nas campanhas italianas, misturou suas tropas com os arcabuzeiros, lançando-as sobre a cavalaria francesa. Os arcabuzeiros deslizaram por entre as patas dos cavalos, e com seus disparos certos foram abatendo os principais senhores franceses. (...) A Espanha recebeu toda a glória da batalha de Pavia, (...) a qual foi decisiva para unir seu destino ao da dinastia austríaca.” (Sinobas, José Luis Cano. “Pavía, batalla de”, em: *D.H.E.*, V.II, p.784. Tradução nossa.)

<sup>187</sup> *Dossel*. “La cortina con su cielo, que ponen a los reyes y después a los titulados, y lo mesmo es en el estado eclesiástico, entre los preladados” (Covarrubias. *Tesoro*, p.485). O dossel ou baldaquino é, portanto, símbolo de poder e soberania.

<sup>188</sup> *Henrique Quarto*. Henrique de Bourbon, rei da França de 1589 a 1610, era filho de Antônio de Bourbon, um dos principais chefes do partido protestante. Casou-se em 1571 com Margarida de Valois, filha de Catarina de Médicis e Henrique II, aliança essa que mais tarde, ao falecer Henrique III, lhe valeria o trono da França. Por ocasião do violento conflito entre católicos e protestantes ocorrido em Paris em agosto de 1572 (o qual passaria à História como “a matança de São Bartolomeu”) o então príncipe Henrique, aprisionado pelos católicos, terminou por converter-se ao catolicismo e pôde assim se salvar. Mas em 1576 Henrique de Bourbon novamente se declarou calvinista, e acabou por se tornar um dos principais núcleos de resistência protestante da época. Ao assumir o título de Henrique IV, porém, ele se deu conta de que para permanecer no trono seria necessário que uma vez mais se integrasse ao catolicismo, pois o papa o havia declarado herdeiro ilegítimo e o descontentamento dos católicos franceses por terem um

Também é político o despejo, e por causa dele aquele monarca espiritual do orbe chegou a dizer: “Há outro mundo afora governar?”

## PRIMOR XIV

### DO NATURAL IMPÉRIO

Empenha-se este primor numa prenda tão sutil, que correria risco de metafísico se não a afiançassem a curiosidade e o reparo.

Brilha em alguns um senhorio inato, uma secreta força de império que se faz obedecer sem exterioridade de preceitos, sem arte de persuasão.

Cativo César dos ilhéus piratas, era mais senhor deles; mandava neles vencido e serviam-lhe eles vencedores. Era cativo por cerimônia e senhor por realidade de soberania<sup>189</sup>.

---

rei protestante era grande, e, além do mais, Felipe III parecia querer aproveitar a situação para se apoderar da França. Em 1593 ele tornou então a abjurar o protestantismo, conseguindo dessa forma pôr fim a várias décadas de guerras religiosas e dar início a um longo e próspero reinado.

Teseu, a quem Gracián aqui o compara, é, como se sabe, o vencedor do terrível Minotauro. Habitante do labirinto mitológico de Creta, construído por Dédalo a pedido do rei Minos, o Minotauro acabava sempre por tirar a vida dos que se perdiam nos intrincados caminhos que o cercavam. Ao saber que Teseu estava fadado a enfrentá-lo a filha do rei Minos, Ariadne, lamentou que tão belo moço viesse a perecer em suas mãos e quis encontrar um meio de salvá-lo. Aconselhada por Dédalo, ela entregou-lhe então um novelo e pediu-lhe que o desenrolasse à medida que avançasse em direção ao interior do labirinto. Teseu assim o fez, e tendo derrotado o monstro, pôde encontrar facilmente a saída, pois bastou-lhe para tal seguir o caminho indicado pelo fio. Ao afirmar que com o fio de ouro da extroversão Henrique teria sabido se desligar de “tão intrincado labirinto”, Gracián alude, provavelmente, a sua segunda e última adesão à doutrina católica.

<sup>189</sup> O episódio é referido por Plutarco em suas *Paralelas*: “...foi aprisionado [Júlio César] junto à ilha Farmacusa pelos piratas, que já então infestavam o mar com grandes esquadras e imenso número de navios. A primeira coisa notável que houve neste incidente foi que, tendo pedido os piratas vinte talentos para o seu resgate, ele pôs-se a rir, pois não sabiam quem era o cativo, e voluntariamente obrigou-se a dar-lhes cinquenta. Depois, tendo enviado todos os outros de sua comitiva, uns a um lugar e outros a outro, para recolherem o dinheiro, chegou a ficar entre aqueles pérfidos piratas da Cilícia com apenas um amigo e dois criados, e, no entanto, tratava-os com tal desdém que quando ia recolher-se mandava dizer-lhes que não fizessem ruído. Trinta e

Executa mais um varão destes com uma ameaça<sup>190</sup> que outros com toda a sua diligência. Têm suas razões um secreto vigor, que alcançam mais por simpatia que por luz.

A elas sujeita-se a mais orgulhosa mente sem advertir como, e rende-se o juízo mais isento.

Têm estes muito de leões em humanidade, pois participam<sup>191</sup> o principal, que é o senhorio.

Reconhecem o leão as demais feras por presságio da natureza, e sem lhe haver examinado a bravura, previnem-se com reverências<sup>192</sup>.

Assim a estes heróis, reis por natureza, adiantam-lhes respeito os demais, sem aguardar a prova do cabedal.

Realce é este de coroa, e, se a ele correspondem a eminência do entendimento e a grandeza do coração, não lhe falta coisa alguma para construir um primeiro móvel político.

Viu-se entronizada esta senhoril prenda em dom Hernando Álvarez de Toledo<sup>193</sup>, senhor mais por natureza que por mercê. Foi grande e nasceu para maior, pois nem mesmo no falar pôde violentar este natural império.

Dista muito de uma mentida gravidade, de uma afetado tom, quinta-essência do aborrecível, não tanto se é inata, mas que está bem ao lado do enfado.

---

oito dias foram os que estive antes guardado que aprisionado por eles, nos quais entreteve-se e exercitou-se com a maior serenidade, e, como se dedicasse a compor alguns discursos, tinha-os como ouvintes, chamando-os de ignorantes e bárbaros se não aplaudiam, e muitas vezes dirigiu-lhes a ameaça, meio brincando e meio a sério, de enforcá-los a todos, o que os fazia rir, tendo aquela franqueza como simplicidade e zombaria.” (Plutarco. *Paralelas*, “Júlio César”, I-II. *Op. cit.*, V.II, p.291. Tradução nossa.)

<sup>190</sup> *ameaça*. No original “amago”. “Amagar. (...) propriamente es levantar el brazo con ademán de querer descargar golpe para herir y no ponerlo en execución. (...) Muchas veces hazemos ademán de querer castigar al hijo y al criado, y alçando la mano le damos tiempo para que se quiten de nuestra presencia, contentos con averle amedrentado. Amago, el tal acometimiento”. (Covarrubias. *Tesoro*, p.108)

<sup>191</sup> *Participar*. Vide nota n.º 69.

<sup>192</sup> *reverências*. No original “zalemas”. “Çalema. La cortesía y humilde reconocimiento que haze el inferior al mayor, com mucha sumisión; y assí tenemos una frasis castellana, para dezir que uno haze a outro reverencia afectadamente, que haze çalemas”. (Covarrubias. *Tesoro*, p.391)

<sup>193</sup> *Hernando Álvarez de Toledo*. Vide nota n.º 98.

A maior oposição mantém com o temor de si, com a suspeita da própria bravura; e mais quando se abate a desconfiança, que é de todo render-se ao desprezo.

Foi aviso de Catão, e parto próprio de sua severidade, que deve um varão respeitar a si mesmo e ainda temer-se.

Aquele que de si mesmo perde o medo dá aos outros liberdade, e com a permissão sua facilita a alheia.

## PRIMOR XV

### DA SIMPATIA<sup>194</sup> SUBLIME

Prenda é de herói ter simpatia com heróis. Alcançá-la com o sol basta para fazer uma planta gigantesca e de sua flor a coroa do jardim.

É a simpatia um dos prodígios selados da natureza; mas seus efeitos são matéria de pasmo, são assunto de admiração.

Consiste num parentesco dos corações, se a antipatia num divórcio das vontades.

Alguns fazem-na originar da correspondência de temperamentos; outros, da irmandade dos astros.

Aspira aquela a obrar milagres, e esta monstruosidades. São prodígios da simpatia os que a comum ignorância reduz a feitiços, e a vulgaridade a encantos.

A mais culta perfeição sofreu desprezos da antipatia, e a mais inculta feiúra logrou finezas da simpatia.

Até entre pais e filhos pretendem jurisdição e exercem a cada dia sua potência, atropelando leis e frustrando privilégios de natureza e política.

---

<sup>194</sup> *Simpatia*. Afinidade, ou, na definição de Caldas Aulete, “Influência ou modificação que duas coisas produzem reciprocamente uma sobre a outra quando se aproximam” (Caldas Aulete, V.II, p.1117). Aqui, trata-se de designar a semelhança de afetos, a harmonia da disposição natural entre os homens. A propósito dessa palavra Gracián vai recorrer duas vezes, ainda neste primor, à ilustrativa imagem da atração entre o ferro e o ímã.

Tira reinos a antipatia de um pai e dá-os uma simpatia.

Tudo alcançam méritos de simpatia; persuade sem eloquência e alcança quanto quer, ao apresentar memoriais de harmonia natural.

A simpatia realçada é caráter<sup>195</sup>, é estrela de heroicidade; mas há alguns de gosto ímã, que mantêm antipatia com o diamante e simpatia com o ferro. Monstruosidade de natureza, apetecer escória e ter asco ao luzimento.

Foi monstro real Luis décimo-primeiro, que, mais por natureza que por arte, estranhava a grandeza e se perdia pelas fezes da categoria política.

Grande realce é a simpatia ativa, se é sublime, e maior a passiva, se é heróica<sup>196</sup>. Vence em preciosidade a grande pedra do anel de Giges<sup>197</sup>, e em eficácia as correntes do tebano<sup>198</sup>.

Fácil é a propensão para os varões magnos, mas rara a correlação. Dá vozes por vezes o coração, sem escutar eco de correspondência. Na escola do querer é este o A,B,C, onde a primeira lição é de simpatia.

Seja, pois, destreza em discrição conhecer e alcançar a simpatia passiva. Valha-se o atento deste feitiço natural e adiante a arte o que começou a natureza. Tão indiscreta quão mal sucedida é a teima em pretender sem este natural favor e querer conquistar vontades sem esta munição de simpatia.

---

195 *Caráter*. O termo aqui emprega-se como excelência particular do temperamento. Segundo Antônio de Moraes, refere o “que distingue uma coisa de outras, que lhe é próprio, peculiar ou que se lhe atribui” (Moraes, p.456).

196 *Grande realce é a simpatia ativa, se é sublime, e maior a passiva, se é heróica*. A “simpatia passiva” é aquela própria de quem atrai, pois a aproximação que ela implica ocorre sem que haja esforço de sua parte (e vice-versa). Gracián afirma que esta classe de simpatia, se heróica, é superior à outra, a ativa, justamente por ter ela como fundamento os atributos heróicos (e, é claro, atrativos) de seu possuidor.

197 *Anel de Giges*. “Algunos anillos han sido portentosos; entre otros cuentan de uno que tuvo Gyges, por cuyo medio alcançó el reyno de Lydia, haziéndose con él invisible.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.122)

198 *as correntes do tebano*. Alusão às correntes de Hércules. “A Hércules Gálico...”, explica Covarrubias, “...pintan con unas cadenas que le salen de la boca, y están assidas de las orejas de muchos hombres, no tirantes sino floxas, en señal de que con su eloquencia atraya las gentes y los encadenava con la razón, según lo pinta Luciano, in *Hercule Gallico*, y haze dello un emblema Alciato con el título *Eloquentia fortitudine praestantior* [a eloquência pode mais que a força]” (Covarrubias. *Tesoro*, p.260). É provável que este emblema tenha sido levado em conta por Gracián quando da elaboração desta passagem (Arturo del Hoyo, *El Héroe*, p.28).

Mas a real<sup>199</sup> é a rainha das prendas, ultrapassa os limites do prodígio; base que sustentou estátua sempre de imortalidade sobre plintos de próspera fortuna.

Está às vezes amortecida esta augusta prenda por não a atingirem os alentos<sup>200</sup> do favor. Não atrai a calamita<sup>201</sup> ao ferro fora de seu distrito, nem a simpatia atua fora da esfera de sua atividade. É a aproximação a principal das condições, e não o intrometimento.

Atenção, aspirantes à heroicidade, que neste primor amanhece um sol de luzimento.

## PRIMOR XVI

### RENOVAÇÃO DE GRANDEZA

São os primeiros empenhos exame da bravura e um como que sair às vistas a fama e o cabedal.

Não bastam milagres de progressos para realçar ordinários<sup>202</sup> inícios, e, quando muito, todo esforço posterior é um remendo de antes.

Um galhardo início, além de pôr em subido traste<sup>203</sup> o aplauso, empenha muito a bravura.

É a suspeita, em matéria de reputação, no início, da condição do precito<sup>204</sup>; que, se uma vez entra, nunca mais sai do desprezo.

---

<sup>199</sup> *Mas a real*. Entenda-se “Mas a simpatia real...”.

<sup>200</sup> *Alento*. Vide nota n.º 137.

<sup>201</sup> *Calamita*. Nome do minério mais conhecido como “ímã”.

<sup>202</sup> *Ordinários*. Não espetaculares, comuns.

<sup>203</sup> *subido traste*. “Traste”, assim em espanhol como em português, é o nome de cada uma das divisões que, no braço dos instrumentos de corda dedilháveis, são responsáveis pela produção dos diferentes semitons da escala musical. Pôr o aplauso “em subido traste” equivale, metaforicamente, a obtê-lo por alto mérito, o que, por sua vez, supõe um aplauso qualificado ou “elevado”.

Amanheça um herói com esplendores do sol. Sempre há de afetar grandes empresas; mas, no início, máximas. Ordinário assunto não pode alcançar excepcional crédito, nem a empresa pigméia pode ser creditada como gigante.

São fianças da opinião os avantajados inícios, e os de um herói hão de assestar<sup>205</sup> cem estados<sup>206</sup> mais altos que os fins de um comum<sup>207</sup>.

Aquele sol de capitães e general de heróis, o conde heróico de Fuentes<sup>208</sup>, nasceu para o aplauso com rumos de sol, pois nasce já gigante em luzimento.

Sua primeira empresa pôde ser o *non plus ultra* de um Marte; não fez noviciado de fama, senão que no primeiro dia professou imortalidade.

Contra o parecer dos mais, cercou Cambray, porque era raro tanto na compreensão como na bravura. Foi conhecido antes como herói que como soldado.

Muito é mister para satisfazer uma grande expectativa. Concebe altamente aquele que olha, porque lhe custa menos imaginar as façanhas do que ao que as executa realizá-las.

Façanha não esperada pareceu mais que um prodígio previsto pela expectativa.

Cresce mais na primeira aurora um cedro que um hissopo<sup>209</sup> em todo um lustro<sup>210</sup>, porque robustas primícias prometem gigantes.

---

<sup>204</sup> *Precito*. “Condenado”, “maldito”, isto é, condenado ao inferno, à vida longe de Deus, contrariamente aos que recebem a graça do paraíso.

<sup>205</sup> *Assestar*. Mirar, apontar em direção a.

<sup>206</sup> *Estado*. “É certa medida, da estatura de um homem, e medem-se por estados as paredes de cantaria, e entre eles há estados comuns que fazem tantos pés, e estados ou taipas reais que são maiores.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.561)

<sup>207</sup> *um comum*. Entenda-se “uma pessoa comum” (em oposição, obviamente, a “herói”).

<sup>208</sup> *Conde de Fuentes*. Levou este título dom Pedro Enríquez de Acevedo (15...?-1610), filho de dom Diego Enríquez de Guzmán e de Catalina de Toledo e Pimentel, irmã do duque de Alba (vide nota n.º 98).

Fuentes teve uma carreira militar de rápida e significativa ascensão. Em 1586 foi a Milão como capitão geral da cavalaria do ducado. Em 1589, um ano depois de seu regresso, foi nomeado capitão geral de Portugal, e em 1595, comandante dos exércitos que lutavam na Picardia contra Henrique IV da França. Em 1596 recebeu de Felipe II o título de capitão geral da Espanha, e em 1598, do recém coroado Felipe III, o cobiçado cargo de conselheiro do Estado e da Guerra.

<sup>209</sup> *Hissopo*. “Yerva muy conocida (...) Está reputada esta yerva por la más humilde de quantas la tierra produce, y para sinificar que desde lo sumo hasta lo ínfimo de quanto produxo naturaleza, disputó Salomón [vide nota n.º 77], declarando la calidad de todas y el uso, 3 *Regum*, cap. 4, núm. 33, dize assí: *Disputavit autem Salomon a cedro usque ad hyssopum.*”

Grandes são as conseqüências de um antecedente máximo; declara-se o favor da fortuna, a grandeza do cabedal, o aplauso universal e o favor comum.

Mas não bastam alentados inícios se são desmaiados os progressos. Começou Nero com aplausos de fênix e acabou com desprezos de basilisco<sup>211</sup>.

Desproporcionados extremos, se se ajuntam, declaram monstruosidade.

Tanta dificuldade implica adiantar o crédito como começá-lo. Envelhece a fama e caduca o aplauso, assim como tudo o mais; porque leis do tempo não conhecem exceção.

Ao maior luzimento, que é o do sol, imputaram<sup>212</sup> velhices os filósofos e desfalecimentos no brilhar.

É, pois, artimanha, tanto de água como de fênix, renovar a grandeza, rejuvenescer a fama e fazer com que torne a renascer o aplauso.

Alterna o sol horizontes ao resplendor, varia teatros ao luzimento, para que em um a privação e em outro a novidade sustentem a admiração e o desejo.

Retornavam os Césares de ilustrar o orbe ao oriente de sua Roma e renasciam a cada vez como monarcas.

O rei dos metais<sup>213</sup>, ao passar de um mundo a outro, passou de um extremo de desprezo a outro de estimação.

A maior perfeição perde ao ser cotidiana, e a saciedade dela enfada a estimação, fastidia o apreço.

---

(Covarrubias. *Tesoro*, p.742)

210 *Lustro*. Quinquênio.

211 *Basilisco*. “Una especie de serpiente (...). Críase en los desiertos de África, tiene en la cabeça cierta crestilla com tres puntas en forma de diadema y algunas manchas blancas sembradas por el cuerpo; no es mayor que un palmo, com su silvo ahuyenta las demás serpientes y con su vista y resuello mata. Llamóse régulo, o por la diadema que tiene en la cabeça, o por la excelencia de su veneno e imperio que tiene en todas las demás serpientes ponçoñosas.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.198)

212 *imputaram*: “achacaron” no original. Define Covarrubias: “Achacar a uno que há hecho cosa indevida, es denunciar dél, por solos indicios, sin aver bastante provança.” E ainda, conforme equivalência na língua portuguesa: “Achaque vale, algumas vezes, indisposición que aun no rinde del todo al paciente, ni le derrueca en la cama, sino que la pasa en pie” (Covarrubias. *Tesoro*, p.33). Em nossa tradução conserva-se o sentido do verbo mas perde-se o do substantivo, ou seja, perde-se a associação “caduca-achaque-velhice” que salta aos olhos no texto original.

213 *O rei dos metais*. O ouro, desprezado pelos gentios e cobiçado pelos europeus.

## PRIMOR XVII

### TODA PRENDA SEM AFETAÇÃO

Toda prenda, todo realce, toda perfeição, há de engastar em si um herói, mas afetar, nenhuma.

É a afetação o lastro<sup>214</sup> da grandeza.

Consiste num mudo elogio de si, e elogiar-se a si mesmo é o mais certo vituperar-se.

A perfeição há de estar em si; o elogio, nos outros; e é merecido castigo que, daquele que nesciamente lembra-se de si, discretamente esqueçam-se os demais.

É muito livre a estimação; não se sujeita a artifícios, muito menos a violências. Rende-se mais rapidamente a uma eloquência tácita de prendas do que à desvanecida<sup>215</sup> ostentação.

Impede pouca estimação própria, muito aplauso alheio<sup>216</sup>

Julgam os entendidos toda afetada prenda antes violenta que natural, antes aparente que verdadeira. E produz assim grande baixa à estimação.

Todos são néscios os Narcisos, mas os do ânimo, com incurável needade, porque está o achaque no remédio.

---

<sup>214</sup> *Lastro* (“lastre” no original). “Las piedras que son anchas y de poco canto; éstas suelen salir en la superficie de la cantera, que son como cortezones, y así los llaman lastrones, y son inútiles para labrarlos, pero embévenlos en las murallas y en la marina cargan con ellos los navíos en lo hondo de la sentina, quando han sacado las mercaderías que llaman lastre; y si echan otra cosa en su lugar, dicen que va por lastre” (Covarrubias. *Tesoro*, p.753). A metáfora sugere que a afetação seria uma espécie de refugo ou resíduo da grandeza.

<sup>215</sup> *desvanecida*: envaidecida

<sup>216</sup> *Impede pouca estimação própria, muito aplauso alheio*. Entenda-se “Muito aplauso alheio impede pouca estimação própria”.

Mas se afetar prendas é needade graúda<sup>217</sup>, não lhe ficará grau ao afetar imperfeições.

Por fugir à afetação vão dar outros no centro dela, pois afetam não afetar.

Afetou Tibério o dissimular, mas não soube dissimular o dissimular. Consiste o maior primor de uma arte em desmenti-la, e o maior artifício, em encobri-la com outro maior.

Grande é duas vezes aquele que abarca todas as perfeições em si e nenhuma em sua estimação. Com um generoso descuido desperta a atenção comum, e, sendo ele cego para suas prendas, torna Argos<sup>218</sup> aos demais.

Esta chama-se<sup>219</sup> milagre de destrezas; pois se outras por sendas raras guiam à grandeza, esta, por oposta<sup>220</sup>, conduz ao trono da fama, ao dossel da imortalidade.

---

<sup>217</sup> *needade graúda*. No original “necedad de a ocho”. O “real de a ocho” era a maior dentre as moedas de prata.

<sup>218</sup> *Argos*. Pastor mitológico possuidor de cem olhos, símbolo de argúcia e atenção. Argos surge como personagem de *El Criticón* na segunda das três partes que compõem essa obra de Gracián. A propósito desse surgimento, Arturo del Hoyo escreve: “*Argos*. Relacionado con el mito de Júpiter e Io. Júpiter mudó a esta hermosa ninfa en vaca, para gozarla sin sospechas de Juno. Pero Juno le pidió para sí esta vaca, y encomendó a Argos que la guardase. Era Argos un pastor que tenía cien ojos a la redonda de la cabeza, y cuando unos dellos dormían, otros velaban. Júpiter envió a Mercurio para que rescatase a Io. Lo logró adormeciendo a Argos con la música de su zampoña y sus dulces cantos, para lo cual se había disfrazado de pastor. Adormecido Argos, Mercurio le dio muerte. ‘Juno, doliéndose de la muerte de su pastor Argos, porque tantos y tan hermosos ojos por su muerte no perciesen, púsolos en la cola de su ave, el pavón.’ (Pérez de Moya: *Philosophia secreta*, libro III, cap. XI.)” (Arturo del Hoyo, *El Criticón*, Parte II, crítica I, p.669). Vale lembrar que “Argos” é também o nome do cão de Ulisses, primeiro a reconhecer o dono por ocasião de seu retorno a casa após a longa odisséia.

<sup>219</sup> *Esta chama-se...*. Entenda-se “Esta perfeição chama-se...”.

<sup>220</sup> *Por oposta*. Entenda-se “por senda do tipo oposto”.

## PRIMOR XVIII

### EMULAÇÃO<sup>221</sup> DE IDÉIAS

Careceram na maior parte os heróis, já de filhos, já de filhos heróis, mas não de imitadores; pois parece que os expôs o Céu mais para exemplares do valor que para propagadores da natureza.

São os varões eminentes textos animados da reputação, dos quais deve o varão culto tomar lições de grandeza, repetindo sempre seus feitos e construindo suas façanhas.

Proponha-se em cada qualificação os primeiros, não tanto para a imitação quanto para a emulação, não para serem seguidos, e sim para serem superados.

Foi Aquiles heróico desvelo de Alexandre, e, dormindo em seu sepulcro, despertou neste a emulação de sua fama. Abriu os olhos o alentado macedônio igualmente ao pranto e ao apreço, e chorou, não por Aquiles sepultado, senão por si mesmo, não bem nascido à fama.<sup>222</sup>

---

<sup>221</sup> *Emulação*. “Émulo. El contrario, el envidioso en un mesmo arte y exercicio, que procura siempre aventajarse; y muchas vezes se toma en buena parte quando la emulación es en cosas virtuosas o razonables” (Covarrubias. *Tesoro*, p.510). O sentido que neste primor Gracián atribui à palavra certamente não é o negativo. A emulação é apresentada, nele, não como desejo de destruição do êxito alheio, mas antes como busca da perfeição, que, como se verá, encontra estímulo nos exemplos felizes dos heróis. Convém notar, entretanto, que tal uso não é uma constante em sua obra. Veja-se, por exemplo, o caso do fragmento 162 do *Oráculo Manual*, cujo título, “Saber triunfar de la emulación y malevolencia”, já denuncia que o sentido a ser aplicado é o de invejosa competição.

<sup>222</sup> “Fué [Alexandre] apasionado del poeta Homero, tanto que sus obras no se le cahían de las manos quando tenían lugar de no ocuparlas en las armas; envidiosísimo de Aquiles, por aver tenido quien con tanta facundia celebrasse sus hazañas, y assí empieça Petrarca un soneto:

*Giunto Alexandro a la famosa tomba,  
Del fero Achile, sospirando disse,  
O fortunato, che si chiara tromba  
Trovasti, e chi dite si alto scrisse, etc.*

Entre el gran despojo que huvo de Darío, le truxeron por cosa preciosa y de mucha estima un cofrecito, y discurriendo qué se podría guardar dentro dél se resolvió que sería bueno para llevar en él a mano las obras de Homero”. (Covarrubias. *Tesoro*, p.82)

Empenhou depois Alexandre a César, e o que Aquiles foi para Alexandre, Alexandre o foi para César; picou-o no vivo, na generosidade do coração, e avançou tanto, que lhe pôs a fama em controvérsia e a grandeza em comparação; pois se Alexandre fez teatro augusto de suas proezas o Oriente, César, o Ocidente, das suas.

Dizia o magnânimo dom Alonso de Aragão e Nápoles<sup>223</sup> que não tanto o clarim<sup>224</sup> incita o generoso cavalo<sup>225</sup>, como o inflamava a ele próprio a trompa da fama cesárea.

E notem como vão herdando estes heróis com a emulação a grandeza, e com a grandeza a fama.

Em todo emprego há quem ocupa a primeira parte e também quem a infama. São uns milagres da excelência, são outros antípodas de milagres. Saiba o discreto graduá-los, e para isto tenha repassada a categoria dos heróis, o catálogo da fama.

Fez o índice dos jubilados<sup>226</sup> Plutarco em suas *Paralelas*<sup>227</sup>, dos modernos Paulo Giovio em seus *Elogios*<sup>228</sup>.

Deseja-se ainda uma crítica integérrima<sup>229</sup>, mas qual engenho há de presumi-la?

Fácil é designar-lhes lugar no tempo, mas difícil no apreço<sup>230</sup>.

Poderia ser idéia<sup>231</sup> universal -se não chegasse a milagre, deixando ociosa toda imitação, ocupando toda admiração- o monarca dos heróis, primeira maravilha animada

---

<sup>223</sup> *dom Alonso de Aragão e Nápoles*. Alfonso V, “o Magnânimo”, rei de Aragão e conquistador de Nápoles em 1443.

<sup>224</sup> *Clarim*. “Espécie de pequena trombeta de som claro e agudo. O que toca esse instrumento” (Moraes, p.556). O clarim é usado para emitir sinais militares.

<sup>225</sup> *que não tanto o clarim incita o generoso cavalo*. Entenda-se “que o clarim não incita o generoso cavalo tanto...”

<sup>226</sup> *Jubilado*. Está aqui por “emérito” ou “insigne” (e não por “egresso”).

<sup>227</sup> *Paralelas*. Alusão a *Vidas Paralelas*, obra na qual o grego Plutarco (nascido por volta do ano 50) reúne biografias de vários imperadores para depois, aos pares, estabelecer entre eles alguns pontos de comparação. Redescobertas no Ocidente à época do Renascimento, as *Paralelas* acabaram por se tornar uma espécie de leitura obrigatória em meio aos letrados dos séculos posteriores, e foram aplaudidas, entre outros grandes nomes, por Shakespeare, Cervantes e Montaigne.

<sup>228</sup> *Elogios*. Italiano nascido em 1483, Paulo Giovio é autor de *Elogia doctorum virorum... ingenii illustrium: Elogia virorum bellica virtute illustrium*.

<sup>229</sup> *Integérrimo*. Muito íntegro.

<sup>230</sup> *Apreço*. “Apreciar. Poner precio y tassa em alguna cosa. Apreciador, el tassador; apreciado, lo que tiene ya señalado precio.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.135)

do orbe e o quarto dos Felipes da Espanha; pois ao sol da Áustria era devida a quarta esfera<sup>232</sup>. Seja espelho universal quem representa todas as maximidades, não digo já grandezas.

Chame-se êmulo comum de todos os heróis quem é centro de todas as suas proezas, e equivoque-se<sup>233</sup> o aplauso em brasões com eminente pluralidade. O afortunado, por sua felicidade; o animoso, por sua bravura; o discreto, por seu engenho; o catolicíssimo, por seu zelo; o despejado, por seu garbo, e o universal, por tudo.

---

<sup>231</sup> *Idéia*. Modelo (Vide nota n.º 6).

<sup>232</sup> *quarta esfera*. Limitamo-nos aqui a reproduzir parcialmente o comentário de Arturo del Hoyo para esta mesma passagem:

“Gracián, en diversos pasajes de sus obras, no se contenta con apellidarle ‘Grande’ [ao rei Felipe IV], como hicieron sus contemporáneos. Acude a la simbología astral. Tenemos, así, que considera: ‘Sol de España’ (en la dedicatoria del manuscrito de *El Héroe* (...)); ‘primera maravilla de las animadas del orbe y el cuarto de los Felipes de España’; ‘que al sol de Austria se le debía la cuarta esfera’ (*El Héroe*, XVIII, págs. 31-32); ‘gran Filipo en su cuarta esfera’ (*El Discreto*, I, pág. 80); ‘planeta cuarto’ (*El Criticón*, II, 661), etc. Reproducimos a continuación unos párrafos del Licenciado Murcia de la Llana, que sirven para ilustrar tales pasajes: (...) ‘Este planeta (el sol) está en el cuarto cielo, en medio de los siete planetas, como rey y señor dellos, y conforme al parecer de Alfragano y otros, es mayor que la Tierra ciento y sesenta y seis veces. Deste planeta dice el alarbe Haly que por su influencia nacen, crecen y se sazonan todas las plantas y frutos, y es de tanta virtud que dijo Aristóteles que *Sol et homo generant hominem*; inclina los hombres a cargos y mandos importantes, a honras y dignidades; causa ambición y gravedad y en algunos crueldad. Tiene dominio sobre los reyes y grandes señores, sobre los graves, magnánimos, y sobre todos los que son sus consejeros.’ (*Compendio de los Metheoros del Príncipe de los Filósofos Griegos y Latinos Aristóteles. En los quales se tratan curiosas y varias questiones... Sacadas a luz por el Licenciado Murcia de la Llana... En Madrid, por Juan de la Cuesta, año de 1615, págs. 4 y 11*).” (Arturo del Hoyo, *El Héroe*, p.32)

<sup>233</sup> *equivoque-se*. Vide nota n.º 70 para definição de “equívoco”.

## PRIMOR XIX

### PARADOXO CRÍTICO

Embora a salvo o herói do ostracismo<sup>234</sup> de Atenas, periga no criticismo da Espanha.

Raro aquele, seria logo desterrado<sup>235</sup>, e poderia<sup>236</sup> aos distritos da fama, aos confins da imortalidade.

Paradoxal este<sup>237</sup>, condena-o pelo que peca em não pecar. É primor crítico deslizar venialmente na prudência ou no valor para entreter a inveja, para enganar<sup>238</sup> a malevolência.

Julgam estes ser impossível salvar-se delas, ainda que seja um gigante de esplendor, porque são tão harpias<sup>239</sup> que, quando não acham presa vil, costumam atrever-se ao melhor.

Há intenções com metafísica peçonha que sabem sutilmente transformar as prendas, corromper as perfeições e dar sinistra interpretação ao mais justificado empenho.

---

<sup>234</sup> *Ostracismo*. “Un cierto género de destierro que usavan los atenienses por vía de buen gobierno, desterrando los más principales y de más valor, para assegurar no se alçassen con la república. Escribian los nombres en tejuelas de barro, que en griego se llaman *ostraca*, para botar, y de allí se dixo ostracismo. Este destierro no traía consigo ninguna infamia, sino mucho honor, y durava a lo más largo por diez años.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.842)

<sup>235</sup> *Raro aquele, seria logo desterrado*. No original “Extravagante aquel, le desterrara luego”. O referente de “aquele” é, sem dúvida, “herói”.

<sup>236</sup> *e poderia aos distritos da fama*. Entenda-se “e poderia chegar aos distritos da fama”.

<sup>237</sup> *este*. O criticismo da Espanha.

<sup>238</sup> *Enganar*. No original “cebar”. Define Covarrubias: “Cebo. Se dixo del nombre latino *cibus*, porque es la comida que se echa a las aves, animales y peces, para cogerlos en la trampa, en la red, en el ançuelo. (...) Cevan, criar com pasto o echar cebo para enganar.” (Covarrubias. *Tesoro*, p.397)

<sup>239</sup> *Harpías*. “Fingieron los poetas ser unas aves monstruosas, con el rostro de donzellas y lo demás de aves de rapiña, crueles, suzias y asquerosas. (...) Las harpias son símbolo de los usurpadores de haciendas ajenas, de los que las arruinan y maltratan, de las ramerías que despedaçan un hombre, glotoneándole su hacienda y robándosela”. (Covarrubias. *Tesoro*, p.676)

Seja, pois, artimanha política permitir-se algum venial deslize que roa<sup>240</sup> a inveja e distraia o veneno da emulação.

E passe por triaga<sup>241</sup> política, por contraveneno da prudência, pois nascendo de um achaque, tem por efeito a saúde. Resgate o coração expondo-se à murmuração, atraindo para si o veneno.

Além de que uma travessura da natureza costuma ser perfeição de toda uma formosura. Uma pinta às vezes abre espaço para os realces da beleza.

Há defeitos sem defeito. Afetou alguns Alcibiades na bravura, Ovídio no engenho, chamando-os “as fontes da saúde”.

Ocioso me parece o primor, e mais melindre de confiante que cultura de discreto.

Quem é o sol sem eclipses, o diamante sem jaça<sup>242</sup>, a rainha do florido<sup>243</sup> sem espinhos?

Não é mister arte onde basta a natureza. Sobra a afetação onde basta o descuido.

## PRIMOR ÚLTIMO E COROA

### SEJA<sup>244</sup> A MELHOR JÓIA DA COROA E FÊNIX DAS PRENDAS DE UM HERÓI

Todo luzimento descende do Pai deles, e assim de pai para filhos. É a virtude filha da luz auxiliadora, e por isso herança de esplendor. É a culpa um monstro abortado pela cegueira, e por isso herdada da obscuridade.

---

<sup>240</sup> *roa*: “llamamos roer murmurar del próximo y roerle los çancajos” (Covarrubias. *Tesoro*, p.913)

<sup>241</sup> *Triaga*: “es un medicamento efficacissimo compuesto de muchos simples, y lo que es de admirar los más dellos venenosos, que remedia a los que están emponçoñados com cualquier género de veneno” (Covarrubias. *Tesoro*, p.977).

<sup>242</sup> *Jaça*. “Substância heterogênea que se vê nas pedras preciosas; mancha.” (Morais, p.1323)

<sup>243</sup> *a rainha do florido*. A rosa.

<sup>244</sup> *Seja*: “eis”, “segue abaixo”.

Todo herói participou tanto da felicidade e da grandeza quanto da virtude, porque correm paralelas desde o nascer até o morrer.

Eclipsaram-se em Saul uma e outra e amanheceram em David par a par.

Foi Constantino<sup>245</sup>, dentre os césores, o primeiro que se chamou Magno, e foi juntamente o primeiro imperador cristão; superior oráculo de que com a cristandade nasceu irmanada a grandeza.

Carlos<sup>246</sup>, primeiro imperador da França, alcançou o mesmo renome e aspirou ao de santo.

Luís, gloriosíssimo rei, foi flor de santos e de reis.

Na Espanha, Fernando, chamado comumente o Santo em Castela, foi o Magno do orbe.

O conquistador de Aragão consagrou tantos templos à Imperatriz do Império<sup>247</sup> como conquistou ameias<sup>248</sup>.

Os dois Reis Católicos, Fernando e Isabel, foram o *non plus ultra*, digo, colunas da fé.

O bom, o casto, o pio, o zeloso dos Felipes espanhóis, não perdendo um palmo de terra, ganhou a varas<sup>249</sup> o Céu; e é verdade que venceu mais monstros com sua virtude que Alcides com sua clava<sup>250</sup>.

Dentre os capitães, Godofredo de Bullón<sup>251</sup>, Jorge Castrioto<sup>252</sup>, Rodrigo Díaz de Vivar<sup>253</sup>, o grande Gonzalo Fernández, o primeiro de Santa Cruz<sup>254</sup>, e o pasmo dos

---

<sup>245</sup> *Constantino*. Em 306, vinte anos antes de haver fundado a cidade de Constantinopla, Constantino Magno foi condecorado com o título de César.

<sup>246</sup> *Carlos*. Trata-se de Carlos Magno, imperador da França de 771 a 814, sob cujo reinado, como é sabido, a França conheceu notável expansão, ampliando seus limites na Europa e abarcando também algumas regiões do Oriente.

<sup>247</sup> *Império*. A morada dos bem-aventurados e dos santos, o céu. Sua Imperatriz, naturalmente, é Nossa Senhora.

<sup>248</sup> *Ameia*. No original "almena". Define Covarrubias: "son las almenas lo más alto de los muros, a modo de torrezillas, dexando entre una y otra igual espacio para poder señorear el campo y defenderse de las baterías, tirando desde ellas a los enemigos" (Covarrubias. *Tesoro*, p.95).

<sup>249</sup> *Vara*. É tanto medida de comprimento (equivalente a 1,10m.) como símbolo de poder. "En las sagradas letras se toma por el cetro e insignia real" (Covarrubias. *Tesoro*, p.994).

<sup>250</sup> *Alcides*. Hércules.

<sup>251</sup> *Godofredo de Bullón*. Godofredo de Bullón tornou-se rei de Jerusalém na conquista da Terra Santa.

turcos, o sereníssimo senhor dom Juan da Áustria<sup>255</sup>, foram espelhos de virtude e templos da piedade cristã.

Dentre os heróis sacrossantos, os dois primeiros a quem deu renome a grandeza, Gregório e Leão<sup>256</sup>, deu esplendor a santidade.

Ainda nos gentios e infiéis o sol dos engenhos, Augustino<sup>257</sup>, reduz toda a grandeza ao fundamento de algumas virtudes morais.

Cresceu Alexandre até minguarem seus costumes. Venceu Alcides monstros de fortaleza até que se rendeu à própria fraqueza.

Foi tão cruel a fortuna, digo, justiceira, com ambos os Neros<sup>258</sup>, quanto o foram eles com seus vassallos.

---

252 *Jorge Castrioto*. Príncipe da Albânia do século XV, grande perseguidor dos turcos.

253 *Rodrigo Dias de Vivar*. Mais conhecido como “El Cid”, Rodrigo Dias, nascido em Vivar no ano de 1043 e falecido em 1099, é considerado o herói mais famoso da história da Espanha e o mais notável capitão da Idade Média. Conta-se que Rodrigo foi criado pelo infante Sancho, por quem teria sido nomeado cavaleiro quando tinha apenas dezesseis anos de idade. As aventuras que a partir de então viveu teriam inspirado, entre outras obras, o *Cantar del Mio Cid*, poema épico de autoria desconhecida escrito por volta de 1140 o qual é tido como um dos mais relevantes textos literários que a Espanha já produziu. “[‘El Cid’] não foi apenas um capitão afortunado, capaz e valente que soube conquistar para si um domínio digno de um rei (...); sua personalidade impôs-se igualmente a muçulmanos e cristãos (...). Seus contemporâneos viram encarnadas nele as virtudes do vassallo respeitoso e fiel a seu rei e senhor natural ainda quando este se mostra injusto com ele” (Parga, Luis Vazquez de. *D.H.E.*, V.I, p.644. Tradução nossa).

254 *o primeiro de Santa Cruz*. Referência a Álvaro de Bazán (1526-1588), primeiro a receber o título de marquês de Santa Cruz (1569). Bazán, que em 1566 havia sido nomeado capitão geral das galeras de Nápoles, ganhou grande notoriedade por sua atuação na batalha de Lepanto contra os turcos.

255 *Dom Juan da Áustria*. Filho bastardo de Carlos V com Bárbara Blomberg, Dom João nasceu em 1545, já à época da viuvez de seu pai. Cumprindo incumbência recebida de seu irmão Felipe II, realizou a expulsão dos mouros da cidade de Granada, empresa que lhe granjeou grande popularidade em meio aos espanhóis seus contemporâneos. Dom João se fez notar, entre outras coisas, pela firme lealdade demonstrada ao rei Felipe em diversas ocasiões, lealdade à qual este não teria sabido retribuir senão muito parcamente. Faleceu em 1578, vítima de tifo, contando apenas trinta e três anos de idade.

256 *Gregório e Leão*. São Gregório I (540-604) e São Leão I (390-461), ambos denominados “o Magno” (ou “o Grande”). Dentre os heróis sacrossantos, isto é, dentre os papas, foram estes os dois primeiros a receber este epíteto e a ser canonizados, ou, como o quer Gracián, a receber da grandeza renome e da santidade esplendor.

257 *Augustino*. Santo Agostinho (vide nota n.º 71).

258 *ambos os Neros*: “el de Roma y el de Castilla, siendo este último don Pedro el Cruel” (Arturo del Hoyo, *El Héroe*, p.34). Pedro I de Castela, dito “o Cruel”, nasceu no ano de 1334 e iniciou seu reinado aos dezesseis anos de idade. Faleceu ainda jovem, em 1369. O triste epíteto ele o teria recebido tanto em função da agressividade demonstrada em suas decisões políticas

Monstros foram da lascívia e frouxidão Sardanápalo<sup>259</sup>, Calígula<sup>260</sup> e Rodrigo<sup>261</sup>, e portentos do castigo.

Nas monarquias pretende evidência este primor. Floresceu aquele que é flor dos reinos<sup>262</sup> enquanto floresceu piedade e religião, e murchou com a heresia sua beleza.

Pereceu a fênix das províncias<sup>263</sup> no fogo de Rodrigo, e renasceu na piedade de Pelayo<sup>264</sup> ou no zelo de Fernando.

---

como da frieza com que teria tratado certas questões de sua vida pessoal, como, por exemplo, por ocasião do aprisionamento de sua esposa Branca de Bourbón, rejeitada por ele dois dias após o casamento.

<sup>259</sup> *Sardanápalo*. Último rei da Assíria, cujo reinado teve fim por volta de 600 a.C. Sardanápalo é considerado o mais imoral e negligente soberano que o seu império conheceu e o mais devasso da História. Ao perceber que a cidade de Nínive havia sido cercada ele decidiu cremar a rainha, suas concubinas, os tesouros do palácio e finalmente a si mesmo.

<sup>260</sup> *Calígula*. Famosa alcunha de Gaius Julius Caesar Germanicus (12-41 d.C.), tido como o governador mais violento, esbanjador e extravagante da história do império romano. Calígula acabou assassinado por um dos integrantes de sua guarda pessoal.

<sup>261</sup> *Rodrigo*. Último rei godo da Espanha, derrotado pelos mouros em 714 na batalha de Guadalete. Acredita-se que Rodrigo, a quem se atribui um temperamento dado aos excessos e um reinado particularmente displicente, tenha acabado por facilitar a invasão moura na Espanha. A sua tentativa de defesa de pouco lhe valeu, pois o exército godo foi rapidamente desfalcado, e ele, ao entender que estava derrotado, apressou-se a fugir para Portugal.

<sup>262</sup> *aquele que é flor dos reinos*. A França, cujo emblema, como já foi dito, é o lírio ou flor de lis. À época de Gracián, a França era considerada como modelo de nação crescente em riqueza e poder entre os europeus. Veja-se a forma como Covarrubias, em seu *Tesoro*, se refere a esse país: “Reyno opulentísimo y abundante de todo, campos fértiles, ciudades muy populosas, mucha nobleza y muy antigua, gente belicosa, ingeniosa en las artes mecánicas y en las liberales, florentíssima en letras, y sería escusado querer yo aquí emprender loar lo que este reyno es y ha sido. Los historiadores, no sólo suyos sino de las demás naciones, no acaban de encarecer sus excelencias” (Covarrubias. *Tesoro*, p.606). Note-se que a belicosidade, também aqui, é referida como qualidade ou atributo positivo (vide introdução).

<sup>263</sup> *a fênix das províncias*. A Espanha.

<sup>264</sup> *Pelayo*. Primeiro rei da monarquia asturiana (718-737) e comandante da rebelião contra os muçulmanos.

Em *El Criticón* Gracián vai novamente contrapor o reinado de Rodrigo aos de Pelayo e Fernando: “Vuelve la cabeza atrás...”, diz o Cortesão a Andrênio nessa obra, “...y mira qué moderados entraron en España los primeros godos, un Ataulfo, Sisenando, hasta el rey Bamba. Sucede al cabo el delicioso Rodrigo y da al traste con la más florida monarquía. Va pasando la rueda y vuelve otra vez el valor con la parsimonia en el famoso Pelayo. Restáurase poco a poco lo que se perdió tan aprisa. Descaece otra vez, pero resuscita en el rey don Fernando el Católico. Y así se van alternando las ganancias y las pérdidas, las dichas y las desdichas” (*El Criticón*, p.969). Em sua *Idea de un Príncipe Político-Cristiano*, dedicada ao príncipe das Astúrias dom Baltasar Carlos (e publicada em 1640), Saavedra Fajardo, por sua vez, escreve: “Vuelva vuestra alteza los ojos a los siglos pasados, y verá perdida a España por la vida licenciosa de los reyes Witiza y Rodrigo, y restaurada por la piedad y el valor de don Pelayo” (Saavedra Fajardo. *Idea de un Príncipe Político-Cristiano representada en cien empresas*, XVI, p.154).

Veio a ser maravilha de prosápias<sup>265</sup> a augustíssima casa de Áustria, fundando sua grandeza na que é cifra<sup>266</sup> das maravilhas de Deus. E rubricou seu imperial sangue com o de Cristo, Senhor Nosso, sacramentado<sup>267</sup>.

Oh, pois, varão culto, pretendente à heroicidade! Atenta para o mais importante primor, repara na mais constante destreza.

Não pode a grandeza se fundar no pecado, que é nada, senão em Deus, que é tudo.

Se a excelência mortal é de cobiça, a eterna seja de ambição.

Ser herói do mundo, pouco ou nada é; sê-lo do Céu é muito, de cujo grande Monarca seja o louvor, seja a honra, seja a glória.

FIM DE

“ O H E R Ó I ”

---

<sup>265</sup> *Prosápia*. “Progênie, ascendência. Raça, linhagem.” (Morais, p.1922)

<sup>266</sup> *na que é cifra*. Entenda-se “na grandeza que é cifra”.

<sup>267</sup> *E rubricou seu imperial sangue com o de Cristo, Senhor Nosso, sacramentado*. Gracián alude ao ingresso dos Habsburgo na dinastia espanhola por meio do casamento de Felipe, filho de Maximiliano I, com Joana, filha dos reis católicos, união da qual, como é sabido, nasceu aquele que viria a ser o consagrado imperador Carlos V.

## BIBLIOGRAFIA

- ACCETO, Torquato. *Della Dissimulazione Onesta* (edição crítica aos cuidados de Salvatore S. Nigro e apresentação de Giorgio Manganelli). Gênova, Costa & Nolan, 1990.
- ALONSO, Dámaso. *Estudios y ensayos gongorinos*. Madrid, Gredos, 1955.
- ARANGUREN, José Luis. “La moral de Gracián”, em: *Revista de la Universidad de Madrid*, n.º 27. Madrid, 1958.
- ARCO GARAY, Ricardo del. *La erudición aragonesa en el siglo XVII en torno a Lastanosa*. Madrid, Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos, 1934.
- \_\_\_\_\_. *La erudición española en el siglo XVII y el cronista de Aragón Andrés de Uztarroz*. Madrid, CSIC, 1950.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos* (tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury). Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Rhétorique*. Paris, Belles Lettres, 1967.
- AULETE, F.J. Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 1948.
- AZORÍN. “Baltasar Gracián”, em: *Obras Completas de Azorín*, V.II. Madrid, Aguilar, 1912. Col. Joya.

\_\_\_\_\_. “El auge de Gracián”, em: *Obras Completas*, V.IX. Madrid, Aguilar, 1954.

BATLLORI, S. I., P. Miguel. “Estudio del autógrafo de El Héroe graciano de M. Romera-Navarro”, em: *Archivum Historicum Societatis Iesu*, V.XVI. Roma, 1949.

\_\_\_\_\_. “La erudición española en el siglo XVII, de Ricardo del Arco”, em: idem, V.XXII, 1953.

\_\_\_\_\_. “Gracián y la retórica barroca en España”, em: *Atti del III Congresso Internazionale di Studi Umanistici* (aos cuidados de Enrico Castelli). Roma, Fratelli Bocca, 1955.

\_\_\_\_\_. “La Agudeza de Gracián y la retórica jesuítica”, em: *Actas del Primer Congreso Internacional de Hispanistas*. London, The Dolphin Book, 1964.

\_\_\_\_\_. “La preparación de Gracián, escritor. 1061-1635”, em: *Revista Nacional de Cultura*. Caracas, 1951.

\_\_\_\_\_. “Vida alternante de Baltasar Gracián en la Compañía de Jesús”, em: *Archivum Historicum Societatis Iesu*, XVIII. Roma, 1949.

BÉCQUER, Gustavo Adolfo. “El tiro de barra”, em: *Obras Completas*. Madrid, Aguilar, 1973.

BLECUA, José Manuel. “El estilo de Gracián en *El Criticón*”, em: *Archivo de Filología Aragonesa*. Zaragoza, 1945.

BLEYE, Pedro Aguado *et alii*. *Diccionario de Historia de España desde sus orígenes hasta el fin del reinado de Alfonso XIII*. Madrid, Revista de Occidente, 1952.

BOSSUET, Jacobo Benigno. *Oraciones Fúnebres* (tradução espanhola e introdução de Francisco Navarro y Calvo). Madrid, Librería de la Viuda de Hernando y Cia., 1892.

BOUILLIER, Víctor. “Notes critiques sur la traduction de *l’Oráculo manual* par Amelot de la Houssaie”, em: *Bulletin hispanique*, V. XXXV. 1933.

CAMPOS, Francisco A. de Novaes. *Príncipe Perfeito: emblemas de D. João de Solórzano* (edição aos cuidados de Maria Helena de T. C. Urenio Prieto). Lisboa, Instituto de cultura e língua portuguesa, 1985.

CARRERA, Antonio. *Antología poética de Luis de Góngora*. Madrid, Castalia, 1986.

CASTIGLIONE, Baltasar. “Il Libro del Cortegiano”, em: *Opere di Baldassare Castiglione, Giovanni della Casa, Benvenuto Cellini*. Milão-Nápoles, Riccardo Ricciardi, 1960.

CORREA CALDERÓN, Evaristo. “Gracián y la oratoria barroca”, em: *Homenaje a García Blanco*. Salamanca, Universidad de Salamanca, 1961.

\_\_\_\_\_. “Lastanosa y Gracián”, em: *Homenaje a Gracián*. Zaragoza, 1958.

COSTER, Adolphe. “Sur une contrefaçon de l’édition de *El Héroe* de 1639”, em: *Revue Hispanique*, V.XXIII. 1910.

\_\_\_\_\_. “Las tres cosas más singulares que tiene la casa de Lastanosa en este año de 1639”, em: *Revue Hispanique*, V.XXVI. 1912

\_\_\_\_\_. *Baltasar Gracián* (tradução, introdução e notas de Ricardo del Arco Garay). Zaragoza, CSIC, 1947.

- COVARRUBIAS HOROZCO, Sebastián de. *Tesoro de la Lengua Castellana o Española* (de acordo com a impressão de 1611, com as adições de Remigio Noydens publicadas na de 1674; edição preparada por Martín de Riquer). Barcelona, Horta, 1943.
- CROCE, Benedetto. “I trattatisti italiani del Concetismo e Baltasar Gracián”, em: *Problemi di Estetica e Contributi alla storia dell’ Estetica italiana*. Bari, Laterza, 1931.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europea y Edad Media Latina*. México, Fondo de Cultura Económica, 1955.
- DELGADO, Honorio. “Gracián y el sentimiento aristocrático de la vida”, em: *La cultura y sus artífices*. Madrid, Aguilar, 1960.
- DÍAZ-PLAJA, Guillermo. “Una introducción a Gracián”, em: *El estilo de San Ignacio y otras páginas*. Barcelona, Noguer, 1965.
- DURANT, Will. *A Reforma: uma História da Civilização Européia de Wclif a Calvino* (traduzido do inglês por Mamede de Souza Freitas). Rio de Janeiro, Record, 1957.
- FERRARI, Angel. *Fernando el Católico en Baltasar Gracián*. Madrid, Espasa-Calpe, 1945.
- GIUSSO, Lorenzo. “Gracián, tecnico del successo”, em: *Osservatore politico letterario*, n.º 5. Milão, 1957.
- GRACIÁN, Baltasar. *El Héroe. El Discreto*. Buenos Aires, Espasa Calpe, 1946.

- \_\_\_\_\_. *El Héroe. El Discreto. Oráculo Manual y Arte de Prudencia*. Barcelona, Planeta, 1990.
- \_\_\_\_\_. *L'Eroe* (tradução italiana de Agostino Paradisi). Modena, Antonio Capponi, 1729.
- \_\_\_\_\_. “L’Heros” (tradução francesa de E. Milner). Paris, 1938.
- \_\_\_\_\_. “L’Heros” (tradução francesa de V. Bouillier), em: *Bulletin Hispanique*, Bordeaux, 1933, XXXV.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas* (estudo preliminar, edição, bibliografia, notas e índices de Arturo del Hoyo). Madrid, Aguilar, 1967.
- \_\_\_\_\_. “O Herói”, em: *Moralistas Espanhóis*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1949. (tradução parcial de Acácio França; seleção e prefácio de David J. Pérez)
- \_\_\_\_\_. *Oráculo Manual y Arte de Prudencia*. Madrid, Cátedra, 1995.
- \_\_\_\_\_. *The Heroe* (tradução inglesa de John Skeffington). London, John Martin and James Allestrye, 1652.
- HANSEN, João Adolfo. “Discreto/Vulgar: Modelos Culturais nas Práticas da Representação Barroca”, em: *Estudos Portugueses e Africanos*, n.º 17. Campinas, Unicamp, 1991.
- HATZFELD, Helmut. “The Baroquism of Gracián’s *Oráculo*”, em: *Homenaje a Gracián*. Zaragoza, 1958.
- HEGER, Klaus. “Genio y Ingenio”, em: *Baltasar Gracián en su tercer centenario: 1658-1958 (Revista de la Universidad de Madrid, V.II, n.º 27)*. Madrid, 1958.

HOMERO. *Odisséia* (tradução de Jaime Bruna). São Paulo, Cultrix, 1997.

HORÁCIO. “Arte Poética”, em: *A Poética Clássica* (tradução de Jaime Bruna).

São Paulo, Cultrix, 1981.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres* (edição e notas de F. Plessis e P. Lejay). Paris, Hachette, s.d.

HOYO, Arturo del. “Baltasar Gracián, de Adolphe Coster” (tradução, introdução e notas de Ricardo del Arco Garay), em: *Revista de Filología Española*, 1945.

\_\_\_\_\_. “El Héroe”, em: *La Torre, Revista de la Universidad de Puerto Rico*. Río Piedras, 1959.

\_\_\_\_\_. *Gracián*. Buenos Aires, Columba, 1965.

\_\_\_\_\_. “La Obra de Gracián: El Héroe”, em: *Obras Completas*. Madrid, Aguilar, 1967.

\_\_\_\_\_. “Vida y obra de Gracián”. Idem.

JAEGER, Werner. *Paideia: los ideales de la cultura griega*. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 1987.

JAMMES, Robert. *Études sur l'oeuvre poétique de Don Luis de Góngora y Argote*. Madrid, Castalia, 1987.

KRIARAS, E. “Gabriel Kallonas, traducteur de Locke et de Gracián”, em: *Hellenica*, n.º 13.

- LACOSTE, Maurice. "Notes sur la traduction du *Heros*", em: *Bulletin Hispanique*, XXXVI. 1934.
- LA ROCHEFOUCAULD. "Réflexions ou Sentences et Maximes Morales", em: *Moralistes du XVII siècle* (edição aos cuidados de Jean Lafond). Robert Lafont, s.d.
- LÁZARO Carreter, Fernando. "Sobre la dificultad conceptista", em: *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, VI. Madrid, CSIC, 1956.
- MALDONADO DE GUEVARA, Francisco. "Del ingenium de Cervantes al de Gracián", em: *Revista de Estudios Políticos*, n.º 100. Madrid, 1958.
- \_\_\_\_\_. "Emblemática y política. La obra de Saavedra Fajardo", em: *Revista de Estudios Políticos*, XXIII. Madrid, 1949.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo, Cultrix, s.d.
- MARAVALL, José Antonio. *La teoría española del Estado en el siglo XVII*. Madrid, Instituto de Estudios Políticos, 1944.
- \_\_\_\_\_. *La philosophie politique espagnole au XVII siècle dans ses rapports avec l'esprit de la Contre-Reforme*. Paris, J. Vrin, 1955.
- \_\_\_\_\_. "El mito platónico en Gracián", em: *Insula*, n.º 27. Madrid, 1958.
- MASER, Edward A. *Cesare Ripa's Baroque and Rococo pictorial imagery* (segundo a edição de Johann G. Hertel de 1758-60). New York, Dover, 1971.
- MELE, Eugenio. "Il Gracián e alcuni 'emblemata' dell'Alciato", em: *Gionale storico della letteratura italiana*, LXXIX. 1922.

- MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. "Poética conceptista: Baltasar Gracián", em: *Historia de las Ideas estéticas en España*. Madrid, CSIC, 1950.
- MICHAELIS DE VASCONCELLOS, Carolina. "Gracián e Sá de Miranda", em: *Revista crítica de historia y literatura española, portuguesa e hispanoamericana*. Madrid, jul. 1897.
- MORREALE, Margarita. "Castiglione y *El Héroe*: Gracián y *despejo*", em: *Homenaje a Gracián*. Zaragoza, 1958.
- MOREL-FATIO, A. "Agréation d'espagnol. Notes bibliographiques sur Gracián", em: *Bulletin Hispanique*, V.11, 1909.
- \_\_\_\_\_. "Notes sur *l'Héroe*", em: *Bulletin Hispanique*, 1919.
- MULLETT, Michael. *A Contra-Reforma*. Lisboa, Gradiva, 1985.
- NICOLAY, C. L. "Baltasar Gracián and the Chains of Hércules", em: *Modern Language Notes*, XX, 1905.
- NOGUERA, Juan Mir y. *Diccionario de Frases de los Autores Clasicos Españoles*. Buenos Aires, Joaquín Gil, 1942.
- OSÓRIO, João de Castro. *Gonzaga e a Justiça: Confrontação de Baltasar Gracián e Tomás Antônio Gonzaga*. Lisboa, Álvaro Pinto, 1950.
- PARAVICINO, Hortencio. "Panegírico Funeral del Rey Felipe III", em: *Sermones Cortesanos*. Madrid, Castalia, s.d.
- PÉCORA, Antonio Alcir Bernárdez. *Teatro do Sacramento*. Campinas, Edusp, 1994.

PELEGRIN, Benito. *Éthique et Esthétique du Baroque: L'Espace Jésuitique de Baltasar Gracián*. Actes Sud, 1985.

PLATÃO. *A República*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1949.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. Buenos Aires, El Ateneo, 1952.

QUINTILIANO, M. Fabio. *Instituciones Oratorias* (tradução espanhola, direto do latim, de Ignacio Rodríguez e Pedro Sandier). Buenos Aires, Joaquín Gil, s.d.

REID, Jane Davidson. *Classical Mythology in the Arts, 1300-1990s*. N.Y., Oxford University Press, 1993.

REYES, Alfonso (organizador). *Poema del Mio Cid*. Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1938.

\_\_\_\_\_. *Cuatro ingenios: Arcipreste de Hita, Lope, Quevedo y Gracián*. Buenos Aires, Espasa Calpe, 1950.

\_\_\_\_\_. "Una obra fundamental sobre Gracián", em: *Capítulos de Literatura española. Obras Completas de Alfonso Reyes*. México, Fondo de Cultura Económica, 1956.

ROMERA-NAVARRO, M. "Un hermano imaginario de Gracián", em: *Hispanic Review*, 1935, III.

\_\_\_\_\_. "Bibliografía graciana", em: *Hispanic Review*, 1936, IV.

\_\_\_\_\_. *Estudio del autógrafo de "El Héroe" graciano*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1946.

- ROTHERBERG, Irving P. "Covarrubias, Gracián and the Greek Anthology", em:  
*Studies in Philology* (The University of North Carolina Press), V.LIII, 1956.
- ROUYEYRE, André. *Supplément à l'Homme de Cour de Balthasar Gracián*. Paris,  
 Editions du Trianon, 1929.
- SAAVEDRA FAJARDO, Diego. *Idea de un príncipe político cristiano representada en  
 cien empresas*. Madrid, Espasa-Calpe, 1942 (introdução e notas de Vicente  
 García de Diego).
- SARAIVA, A.J. *O Discurso Engenhoso*. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- SARMIENTO, Edward. "Gracián's *Agudeza y arte de ingenio*", em: *Modern Language  
 Review*, XXVII, 1932.
- \_\_\_\_\_. *Introducción y notas para una edición del Político de Gracián*.  
 Zaragoza, Institución "Fernando el Católico", 1952.
- \_\_\_\_\_. "Sobre la idea de una escuela de escritores conceptistas en España", em:  
*Homenaje a Gracián*, Zaragoza, 1958.
- SELIG, Karl Ludwig. "Gracián and Alciato's *Emblemata*", em: *Comparative Literature*.  
 Oregon, V.VIII, n.º 1, 1956.
- SENAULT, J. F. *De l'usage des passions*. Fayard, s.d.
- SILVA, Antônio de Morais. *Novo Dicionário Completo da Língua Portuguesa -edição  
 compacta do texto fundamental do grande dicionário da Língua Portuguesa de  
 Antônio de Morais Silva, segundo a 10.ª edição revista, muito aumentada e  
 actualizada conforme as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de*

agosto de 1945, por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, *aliviada de etimologias, formas verbais e abonações*-. Lisboa, Confluência, s.d.

\_\_\_\_\_. *Dicionario da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Lacérdina, 1813.

TESAURO, Emmanuel. *Il Cannochiale Aristotelico*. Torino, Einaudi, 1978.

URMENETA, Fermín de. “Sobre estética gracianesca”, em: *Revista de ideas estéticas*. Madrid, CSIC, n.º 63, 1958.

WILLIAM SMITH, LL. D. *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. London, Walton and Maberly, 1861.

YNDURÁN, Francisco. “Refranes y frases hechas en la estimativa literaria del siglo XVII”, em: *Archivo de Filología Aragonesa*, VII, 1955.